

MONOGRAFIA

DO

GUARDÃO



CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

Maria Teresa Abrantes Pereira

E S Q U E M A G E R A L

	<u>Páginas</u>
I - <u>I N T R O D U Ç Ã O</u>	1
II - <u>A T E R R A</u>	5
. Introdução	4
. Sua localização	5
. Relevo	5
. Solo	6
. da região	6
. do Guardão	7
. <u>Clima</u>	8
. Factores	8
. Ventos	8
. Neve	8
. Geadas	8
. Humidade	8
. Temperaturas	9
. Precipitação	10
. Trovoadas	10
. <u>Hidrografia</u>	10
III - <u>O S H O M E N S E A T E R R A</u>	15
. Introdução	14
. História	15
. da Região	15
. Origem deste nome	15
. Várias dominações	16
. do homem da pré-história	16
. dos lusitanos	17
. De Roma	17
. O cristianismo	18
. a influência Goda	18
. a invasão muçulmana	19
. no começo da Fundação	19
. Do séc.XIV ao séc.XX	20

	<u>Páginas</u>
. História do Guardão	21
. Origem do nome	21
. Vestígios do tempo dos romanos ..	21
. Influência árabe	23
. O cristianismo	24
. Documentos mais antigos	24
. Monumentos	27
. A Estância Sanatorial do Caramulo e o Guardão ..	31
. Etnografia	35
. Os homens do Guardão	36
. Demografia	36
. Dados demográficos de séc.XVI ...	36
. Dados demográficos de séc.XVIII .	37
. Censo de 1940	37
. Censo de 1950	38
. Dados obtidos por contagem directa - 1961	39
. Número de fogos	39
. População	39
. Distribuição da população por idades ...	39
. população com idade inferior a 14 anos	40
. população com idade superior a 60 anos	40
. população activa	40
. estado civil da população ..	40
. distribuição da população por famílias	41
. distribuição dos filhos por famílias	41
. Idades das mães de família ..	42
. Idades dos casais	42
. Movimento demográfico	42
. Mortalidade e mortalidade infantil	42
. Emigração	43
. Análise dos dados demográficos ..	43
. <u>Economia</u>	44
. A Agricultura	44



CATOLICA

CRC-W · CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

. sua importância na economia da terra	44
. Tipos de propriedade	45
. Sistema de culturas	46
. Produtos agrícolas	47
. Trabalhos agrícolas	48
. Alfaias agrícolas	52
. Gados e animais de capoeira..	52
. Vegetação e matas	53
. Caça.....	54
. A Indústria	54
. O Comércio	55
IV - <u>OS HOMENS EM RELAÇÃO</u>	59
. Introdução	58
. Em relação com o Mundo	59
. O trabalho; profissões exercidas..	59
. Vida de relação	61
. Meios de comunicação	61
. Correio - Telégrafo - Tele- fone - T.S.F. - T.V.....	63
. Meios de transporte habituais no Guadão.....	64
. Em relação com os outros homens	64
. Famílias tipo	64
. Famílias em que todos traba- lham com as terras	64
. Famílias em que a mãe trabalha as terras e em que o Pai e os filhos estão empregados na Zo- na.....	66
. Famílias em que todos estão empregados na Zona Sanato- rial	67
. Vida Familiar	68
. Os filhos	69
. Noção de parentesco	70
. Habitação	71
. Materiais empregados	71
. Arquitectura das casas	71



CATOLICA

CRC-W · CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

Páginas

. Condições de higiene	75
. Vestuário	76
. Alimentação	78
. Bebidas	80
. Vida Social	80
. Individualismo serrano	80
. Tempos livres e locais de convívio	81
. Festas e tradições	82
. Vida intelectual	92
. Nível de instrução	92
. O ensino	93
. Cantina Escolar	95
. Higiene e doenças	96
. Higiene	96
. Doenças	97
. Mentalidade quanto ao médico, ao tratamento e à doença	98
. Em relação com Deus	98
. A religião e o homem	98
. O movimento da Paróquia	100
. Oras Paroquiais	101
. Irmadade do S.S. Sacramento.	102
. Adoração nocturna nos lares .	102
. Apostolado de oração	102
. Acção Católica	103
. Catequese	103
. Vida moral	103
V - CONCLUSÃO	106
. ASPECTOS POSITIVOS	107
. ASPECTOS NEGATIVOS	109



CATOLICA

CRC-W · CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA



I

I N T R O D U Ç Ã O

Ao debruçar-me sobre o Guardão para fazer uma monografia, pretendi descobrir quais as influências que uma pequena aldeia recebe quando está em contacto com um centro de vida complexo como é o da Zona Sanatorial do Caramulo; e acompanhar de perto o dia a dia da vida dura e obscura dos nossos trabalhadores rurais.

Contactei com todas as famílias do lugar, o que me foi relativamente fácil, pois costume passar as férias perto e todos me conhecem.

As portas abriram-se com um sorriso acolhedor. Logo quiseram saber porque é que eu tinha que ir ao Guardão e porque era preciso saber tanta coisa:

- "Oh! menina vai escrever a história da gente?"

.....

Não amigos, não será a vossa história! Aí não chega a minha arte. São recortes da vossa vida dura, feita de luta, de suor, na ansia de ganhar o dia a dia. São pedaços da vossa vida maravilhosamente simples e humilde perdida numa serra.

Queria-vos deixar aqui, a todos que tão bem me acolhestes, o meu agradecimento, a minha admiração pelo vosso trabalho rude mas belo, pelo que representa de luta para dominar a natureza.

.....

Para me orientar na colheita dos dados, segui um esquema de entrevistas, que elaborei por assuntos, considerando aquilo que me parecia mais essencial. Os acidentes fui-os descobrindo nas entrelinhas, das muitas conversas entabuladas.

Fiz vida com eles, durante alguns dias; Fui aos campos ajudá-los nas suas fainas; Almocei, jantei e ceei com uns e com outros. Estive como telespectadora na taberna e fui ouvindo as conversas e analisando reacções.

Falei com o Sr. Abade que me deu uma ajuda preciosa, sobretudo do ponto de vista histórico e da vida de Deus na Paróquia.

Estive com as professoras primárias que me forneceram elementos sobre a vida escolar e cultural da terra.

Nalgumas conversas com médicos amigos da Estância Sanatorial, vi qual o nível higiénico e de saúde da população.

A todas estas pessoas, que, simpàticamente me deram a sua ajuda, deixo aqui expresso o meu grande agradecimento.

.....
Achei-me completamente incapaz de fazer um estudo completo e exaustivo da terra. Faltavam-me, tempo e conhecimentos que não possuía!

O esquema tradicional de monografia ajudou-me na colheita de dados, mas na sua elaboração tive necessidade de encontrar uma ligação entre os vários capítulos. Por isso dividi o trabalho em três grandes capítulos com títulos e subtítulos; ao terminar, na conclusão pretendi esboçar hipóteses de soluções para alguns dos problemas mais prementes.



CATOLICA

CRC-W · CATHOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

II

A T E R R A

- **Introdução**
- **Sua localização**



- **Relevo**
- **Solo**

- **da região**
- **do Guardão**

CATOLICA

CRC-W · CATHOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

- **Clima**
- **factores**
- **ventos**

LISBOA

-
- **geada**
 - **temperaturas**
 - **precipitação**
 - **humidade**
 - **trovoadas**

- **Hidrografia**

Introdução

A terra é um conjunto de factores naturais - solo, relevo, clima, hidrografia - e da acção exercida pelo homem sobre eles. Se tiver condições favoráveis de vida, ou se conseguir transformar o que é duro e agreste em verde e produtivo, o homem instala-se num lugar e inicia o seu povoamento. E assim, a história dum lugar, é sempre a narração da acção do homem sobre a natureza, do homem o "Rei da criação", que arranca, que planta, que edifica e transforma!

O homem domina a natureza, mas esta, também, de alguma maneira, o condiciona. O serrano é diferente do alentejano e do homem da beira-mar.

Assim, para poder fazer um estudo, ainda que bastante incompleto, do Guardão, tenho que considerar os factores naturais, depois o homem e a vida do homem que foi capaz de dominar e transformar estes factores.

II

A T E R R A. Sua localização

O Guardão fica situado no concelho e comarca de Tondela, distrito de Vizeu, província da Beira Alta. É sede de freguesia, constituída por oito lugares habitados - Janardo, Paredes, Cadraço, Carvalhinho, Jueus, Caselho, Lacciras e Guardão - e três fogos isolados. É formado por dois aglomerados: o Guardão de Baixo, ou Rebelo, o núcleo mais antigo, mas hoje em decadência; e o Guardão de Cima, em franco desenvolvimento. Está a 18 km de Tondela, sede de concelho; a 45 km da cabeça do distrito, Vizeu; a 115 km do Porto e a 320 km de Lisboa.

O concelho de Tondela confina ao norte com os concelhos de Águeda, Oliveira de Frades, Vouzela, e Vizeu; ao sul com os concelhos de Mortágua, St.^a. Comba Dão e Carregal do Sal; a nascente com os concelhos de Vizeu e Carregal do Sal; e ao poente com o concelho de Águeda.

Tem uma área de 368 km², 76. Pertence à 1.^a Região Militar com sede no Porto. O Distrito de Recrutamento e Mobilização é o de Vizeu.

É sede de comarca, concelho fiscal, concelho administrativo de 2.^a classe e concelho rural de 2.^a ordem.

Pertence à Diocese de Vizeu.

. Relevo

O Guardão está situado a uma altitude de 700 m na vertente sul da serra do Caramulo, também conhecida por serra de Besteiros ou de Alcoba. Este nome data da dominação árabe. O seu étimo - alcobba, ou al-cubba - cúpula, zimbório, abóbada é bem aplicável ao cabeço do Caramulinho. (1)

(1) - "Monografia do Concelho de Tondela"

A serra situa-se quase toda no concelho de Tondela estendendo-se ao longo das províncias da Beira Alta e Douro, na direcção de N.E. - S.O..

No centro da serra há um planalto com uma cota de 1070 m.. Tem 30 km de comprimento de norte a sul e aproximadamente 20 km de largura.

O cume mais elevado é o Caramulinho (1071 m) constituído por um cone assimétrico de grandes pedregulhos graníticos. Escalando o alto, alcança-se uma vista maravilhosa: dum lado o vale de Besteiros, muito verde, semeado de pequenas aldeias, tendo por pano fundo a massa imponente da serra da Estrela; do outro lado, o vale, cortado pelas ramificações calcário-xistosas desta serra, que vai até à Ria de Aveiro. Nas noites límpidas vê-se nitidamente o farol e as luzes da Barra. É um quadro maravilhoso, o poente, com o sol a espelhar-se nas águas da Ria de Aveiro.

O concelho de Tondela é constituído por uma zona planáltica (Janes - 1025 m e Cabeço da Neve - 992 m), uma zona de vales (do Dão e do Cris) e uma zona alta, a da serra propriamente dita. A cota mais baixa é de 160 m e situa-se no vale do Dão, e a mais alta é a do Caramulinho, com 1071 m..

É uma serra maravilhosa, muito verde e fresca, com numerosos e sussurrantes fios de água. As suas pedras enormes, graníticas, dispõem-se caprichosamente, originando formas variadas, que, por vezes, desafiam as leis do equilíbrio... É primitiva, dura, silenciosa, ouve-se nela o "barulho" da natureza!

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

· Solo

LISBOA

· da região

Segundo Nery Delgado e Paul Choffat há três formações geológicas: (1)

- 1) - câmbrica
- 2) - arcaica
- 3) - granítica

1) Câmbrica

Ocupa a parte leste do concelho, a orla leste do Caramulo, a nascente do vale do Cris, chega ao Di-

(1) - duma "Monografia do Concelho de Tondela" - da Junta de Colonização Interna.

nha, atingindo Tonda e Tondela.

É nesta Região que se encontram os célebres xistos negros, que os habitantes de Molelos, utilizam para o fabrico da característica loiça preta de Molelos.

Esta formação ocupa uma área de 20% e é essencialmente constituída por xistos, dominando os ferruginosos, que originam terrenos vermelhos. Os terrenos derivados dos xistos são geralmente argilosos e pesados, ou então cascalhentos. Quando são muito delgados, só podem ser aproveitados florestalmente.

Os solos são pouco permeáveis e por isso, as águas das chuvas escorrem sem se infiltrarem, pelo que a zona xistosa é muito mais pobre em águas, originando um aspecto triste e seco à paisagem.

Sob o ponto de vista químico, estas terras são pobres em ácido fosfórico e cal e ricas em potassa.

2) Arcaica

Aparece sobretudo, em duas manchas ao norte, constituída por micaxistos de quartzo e mica, difíceis de desagregação.

Outras vezes aparece o gneis, muito desagregável.

As terras de micaxisto onde a mica é abundante, de fácil desagregação, originam boas terras de cultivo.

A região arcaica ocupa 15% da área do concelho.

3) Granítica

É a zona mais vasta. Ocupa uma área de 65%.

São terrenos muito desagregáveis, com grandes possibilidades de infiltrações das águas das chuvas, sendo ricas em águas subterrâneas e nascentes. Apresenta um aspecto mais fresco e verdejante que as regiões anteriores.

. Sole de Guardão

O Guardão está situado na zona granítica, com transição para a formação câmbrica, de xistos, terrenos pesados e cascalhentos, onde se estão a fazer grandes plantações florestais.

Há numerosos veios de águas subterrâneas e nascentes, o que origina uma paisagem verde e viçosa.

Uma parte da povoação situa-se num vale, sendo por isso as suas terras mais férteis, consequência de depósitos sedimentares que têm a sua origem na erosão provocada pelas chuvas nas encostas.

Encontram-se algumas pegmatites em blocos iso-

lados sempre com vestígios de urânio e brílio. Não são exploradas devido à sua pequena quantidade, e não se situarem perto das vias de comunicação, não oferecendo por isso vantagens económicas.

. Clima

. Factores

O clima é sempre condicionado por factores gerais, aos quais se sobrepõem factores locais.

Nos factores gerais temos que considerar a situação geográfica (longitude 8° e 10' e a latitude de 40° e 34').

Os factores locais (altitude, relevo, natureza e revestimento do solo, ventos dominantes) originam sub-regiões climáticas, mais ou menos diferenciadas.

Os factores que condicionam a distribuição da temperatura e da chuva nesta região, são as linhas de alturas de Montemuro-Caramulo-Buçaco, e o maciço montanhoso -Estrêla-Gardunha-Louzã. Os Invernos e Outonos são muito duros e ásperos, frios e chuvosos. A Primavera e o Verão são frescos.

Os dados que vou referir a seguir são fornecidos pela Estação Normal de Climatologia do Caramulo, que começou a funcionar em 1936.

. Ventos

Predominam os ventos do Oeste, na Primavera e Verão, e do Nordeste, no Outono e Inverno.

A velocidade do vento varia durante o ano com uma certa regularidade, atingindo o valor máximo em Março e o valor mínimo em Agosto, crescendo e decrescendo, continuamente, entre os valores extremos.

. Neve

Por vezes tomba neve, sobretudo em Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março. Excepto nos grandes nevões, a neve não se aguenta no solo por mais de 24 h..

. Geadas

Na região do Guardão cai muita geada, atingindo o máximo em Dezembro (entre 51 e 60) seguido de Janeiro, Fevereiro e Novembro, o que origina, por vezes, grandes estragos nas culturas.

. Humidade

Os valores médios da humidade relativa do ar, variam ao longo do ano, atingindo o máximo em Janeiro e

o mínimo em Agosto. Quase todas as manhãs, do Guardão, avista-se um maravilhoso mar encapelado de nuvens, sobre o vale, abaixo da povoação. Mas à medida que o ar vai aquecendo as nuvens vão-se elevando e desfazendo deixando ficar uma mancha esbranquiçada sobre vales... Outras vezes, as nuvens, muito brancas, lisas e uniformes, lembram um mar de leite. E ao cair da tarde, olhando o Vale de Besteiros, vemos as povoações marcadas pelas manchas de fumo das lareiras na preparação da ceia e as linhas de água desenhadas, como num grande mapa, pela formação ténue e transparente de neblina, serpenteando pelo imenso vale.

. Temperaturas

As temperaturas médias variam ao longo do ano e atingem as máximas em Julho e Agosto e as mínimas em Janeiro e Fevereiro.

ANOS	55	56	57	58	59	60
TEMPERATURAS						
<u>Inverno</u>						
<u>Dez - Jan - Fev</u>						
Máxima	11,7	9,3	9,6	11,6	10,8	9
Mínima	3,4	2,2	1,2	3,3	3,2	2,6
Média	7,5	7,7	5,4	7,5	7,1	5,8
<u>Primavera</u>						
<u>Març - Abr. - Maio</u>						
Máxima	19,1	18,7	16,9	17,7	17,2	17,9
Mínima	4,1	4,8	5,4	4,5	5	5,3
Média	6,6	11,8	11,2	11,1	11,1	11,6
<u>Verão</u>						
<u>Jun - Jul - Agos</u>						
Máxima	26,9	22,7	25,3	22,9	26,7	24,1
Mínima	12,2	12,4	11	10,5	11,6	12,1
Média	20	18	13,1	16,7	19,2	18,1
<u>Outono</u>						
<u>Set - Out - Nov</u>						
Máxima	23,7	18,7	23,5	21,5	20,8	21,6
Mínima	6	4	5,5	6,1	5,7	6,5
Média	14,9	11,3	14,5	13,8	13,2	14,1

. Precipitação

Os valores médios mensais variam ao longo do ano, regularmente, atingindo o mínimo em Julho e Agosto e o máximo em Janeiro e Março.

	55	56	57	58	59	60
Janeiro	923,7	340,9	76,8	422,2	370,9	321
Fevereiro	358,7	71,7	425,6	195,4	30,9	555
Março	138,6	540,7	272,4	387,4	367,4	475
Abril	22,8	263,2	37,6	160,6	295,3	148,9
Maio	77,7	225,2	303,6	70,6	127,5	159,8
Junho	91,5	15,8	60	221,1	16,2	14,9
Julho	0,0	71,6	15,3	53,9	9,9	5,8
Agosto	29,3	111	23,4	73,3	25,0	124,5
Setembro	4,0	198,8	59,5	53,6	173,8	166,5
Outubro	62,4	69	16,7	148,6	249,8	74,8
Novembro	418,9	650,5	233,5	6	497,7	604,3
Dezembro	667,9	195,3	206,4	580,7	856,6	391,5

LISBOA

. Trovoadas

Há imensas trovoadas nesta região e não raro é verem-se duas e três ao mesmo tempo. É normal, a meio dum bonito dia, formar-se uma forte trovoada, que dura duas ou três horas, origina chuva e depois alivia o dia e volta a brilhar o Sol, deixando no ar, um cheiro bom e intenso, de terra molhada e árvores lavadas.

. Hidrografia

O rio mais importante que, pelo leste, limita o concelho, é o Dão, com os seus afluentes o Pavia, o Dinha e o Cris, todos nascidos na vertente oriental do Caramulo. Na vertente ocidental, as terras altas de S. João

do Monte, formam a bacia do Rio Águeda.

Na freguesia do Guardão há muitos fios de água e nascentes. As áreas regadas atingem os 90%, sendo só 10% de sequeiro. (1)

No Guardão há duas pequenas ribeiras que descem da Portela, percorrem o vale e vão-se juntar na ponte do Guardão.

Estas ribeiras além da sua contribuição para as regas ainda fornecem energia hidráulica, aproveitada para fazer mover os moinhos e azenhas.

Na povoação há quatro moinhos que só moem no Inverno e que reduzem a farinha, o trigo, o milho e a cevada.

Embora com um débito reduzidíssimo, as ribeiras mantem-se mesmo no Verão.

Para as regas, fazem "poças" ou "presas" onde se "entanca" a água. As "poçadas" são aproveitadas por dois ou três lavradores, a horas e dias combinados. Isto origina, de vez em quando, rixas ou "sacholadas", que geralmente acabam por se resolver no Hospital e depois no Tribunal.

Há ainda a considerar outros recursos hidrográficos como as minas, os poços e as nascentes.

No Outono e Inverno, quando chove muito há grandes cheias, que por a povoação se situar numa encosta causam enormes prejuízos, chegando a arrastar consigo as sementeiras.

A água para os usos domésticos é fornecida por fontes.

Há duas fontes no Guardão de Baixo e duas no Guardão de Cima. Estas têm ambas, água encanada. No Guardão Baixo, a do Adro tem água encanada, mas a do Leão, assim chamada, porque a pedra que faz de bacia tem um leão esculpido, é água duma nascente e abastece a fonte a "cêu aberto".

As nascentes que existem geralmente secam no Verão, e as suas águas são usadas para as regas dos campos.

Só há água canalizada em duas casas, na do Sr. Abade, no Guardão de Baixo e na taberna, no Guardão de Cima.

Para elevarem a água dos poços utilizam "as noras" e ultimamente, cada vez em maior número, o motor, porque dizem ser barato e muito mais rápido.

As mulheres, no Guardão de Cima, lavam na ribeira e estendem a roupa a secar, nas pedras.

No Guardão de Baixo, há um tanque, junto à fonte do Adro, para lavarem a roupa.

(1) - Monografia sobre o Concelho de Tondela da Junta de Colonização Interna.

III

O S H O M E N S E A T E R R A. Introdução. História. da região de Besteiros

- . origem do nome
- . várias dominações
- . pré-história
- . os Lusitanos
- . os romanos
- . o cristianismo
- . os godos
- . os muçulmanos
- . no começo da Fundação
- . Do séc. XIV ao séc. XX

. do Guardão

LISBOA

- . origem do nome
- . vestígios de tempo dos romanos
- . influência árabe
- . o cristianismo
- . documentos mais antigos
- . Monumentos
- . A Estância Sanatorial do Caramulo e o Guardão.

. Etnografia. Os homens do Guardão- Demografia -

- . Dados demográficos do séc. XVI

- Dados demográficos do séc. XVIII
- Censo 1940
- Censo 1950
- Dados obtidos por contagem directa 1961
 - número de fogos
 - população
 - distribuição da população por idades
 - população com idade inferior a 14 anos
 - população com idade superior a 60 anos
 - população activa
 - estado civil da população
 - distribuição da população por famílias
 - distribuição dos filhos por famílias
 - idades das mães de família
 - idades dos casais
 - Movimento demográfico
 - Emigração
 - Análise dos dados demográficos



CATOLICA

CRC-W - CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

Economia

LISBOA

- A agricultura - sua importância na economia da terra
 - tipos de propriedade
 - sistemas de cultura
 - produtos da agricultura
 - trabalhos agrícolas
 - alfaias agrícolas
 - gados e animais de capoeira
 - vegetação e matas
 - caça
- Indústria
- Comércio

Introdução



Nesta terra, dura, agreste
mas bela, os homens, há já muitos
séculos, passaram, amaram-na e vi-
ram que conseguiam, com o seu es-
forço, dominá-la, torná-la fecun-
da.

Ligaram-se, uniram-se à ter-
ra que amam.

Donde vieram?

Quem são estes homens?

Do que vivem?

Tentarei, no capítulo que se
segue, responder a estas três in-
terrogações.

LISBOA

III

OS HOMENS E A TERRA• História• da região• "Terra de Besteiros"
Origem deste nome

O actual concelho de Tondela, compreende as freguesias que constituíam o antigo concelho de Besteiros, ao qual se anexaram, ao longo dos tempos, os coutos, depois concelhos da Serra do Caramulo, de S. João do Monte, Guardão e os de Mouraz, Sabugosa, St^a. Maria de Canas, S. Miguel do Outeiro.

Esta área era denominada por "Terra de Besteiros". Donde lhe viria este nome?

Várias hipóteses se formulam, mas ao certo nada se sabe.

Um documento dos séc. XI, XII e XIII que já designam esta região, por "terra de balistariis", segundo diz Santa Rosa de Viterbo, que explica que este nome lhe seria dado, porque os habitantes usavam balistas.

Há uma lenda que alude ao manejo das bestas: (1)

"Segundo as histórias da Antiga Lusitânia, e uma confusa tradição, que se conserva no Concelho de Besteiros, se diz que a este vale se recolheu Briceu, Rei Lusitano, e nele assistiu durante três anos, esperando ocasião oportuna para tomar vingança dos romanos, seus inimigos. E vendo este, que o famoso e invencível Viriato os ia destroçando, juntou um batalhão de dois mil homens, com os quais se ofereceu a Viriato, que já nesse tempo era capitão, o qual os levou consigo a todos os empregos militares em que se houveram tão destramente no atirar da besta, que, por antonomásia eram chamados os besteiros, cujo nome se foi estendendo daqui a todas as terras

(1) - Dicionário Geográfico - Vol. II, pág. 175

do concelho, chamado por esta causa de Besteiros".

Há outra explicação dada por um pároco da freguesia do Vilar, sobre o nome de Besteiros:

"A razão desta terra se chamar de Besteiros tem tradição que foi porque um conde ou ascendente dos condes da Feira, lançou fora deste país aos mouros, que o ocupavam em grande parte, com cinquenta bestas e com cinquenta lanças e que desta facção se ficaram chamando besteiros os habitantes deste distrito".

. várias dominações

Disseminada por toda esta região, há vestígios dela ter sido povoada desde os tempos mais remotos. Infelizmente a não realização de explorações arqueológicas, a exploração agrícola, a crença em tesouros ocultos, que leva à destruição dos monumentos, o aproveitamento para a construção dos grandes monolitos, tudo isto apenas deixa restos dispersos do testemunho de vida dos homens na pré-história.

CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

Há vestígios de mamões no Tojal Mau, freguesia de Molelos, no lugar da Freixeda, na freguesia do Vilar. Encontram-se antas, numa eminência fronteiriça ao Castro de Nandufe, e em Paranhos de Arco (S. João do Monte).

Há numerosos vestígios de arte rupestre nesta Região. Assim, no planalto das Ferraduras, na freguesia de S. Miguel do Outeiro, na laje da Anta da Carvalha do Fial, como em vários blocos de granito, encontram-se sinais gravados, de formas variadas, desde a estilização da figura humana, a asteriscos, a arabescos que lembram letras.

Próximo de Molelinhos, há outro monumento de arte rupestre: numa rocha de xisto, vêem-se petroglifos com desenhos de folhas, nervuras, xadrês e círculos concêntricos. (1)

(1) - "Monografia do Concelho de Tondela" -

Ferraz de Carvalho.

. dos lusitanos

Parece que os mais antigos habitantes desta região, de que há notícia escrita, foram os Lusitanos. Sobre a sua origem nada se sabe. Põem-se hipóteses, se eram iberos celtizados, ou descendentes directos dos Lígures?! Sabe-se que era um povo essencialmente pastoril, guerreiro e rural, já com uma certa estrutura social, de regimen patriarcal e "irredutíveis nas suas crenças, costumes e instituições". (1)

São bravos e ciosos da sua liberdade. Constroem as suas cidades - "castros" ou "citânias" - nas iminências dos montes, de difícil acesso e com possibilidades naturais de defesa.

. De Roma

Com a chegada dos Romanos à Península, e com a sua conquista dividem esta em 3 regiões: a Tarraconense (do leste e noroeste até ao Rio Douro); a Bética, ao Sul, até ao Guadiana e a Lusitânia, que abrange as terras entre o Douro e o Guadiana. Vão lutando com os povos que encontram, entre os quais, os que mais se lhes opõem, os Lusitanos.

Nesta luta, surge a figura imponente e lendária de Viriato, o pastor dos Montes Herminios, que os Lusitanos escolhem para seu chefe. Em 147 A.C. iniciam-se as lutas de guerrilhas, dos valentes Lusitanos, contra as Águias de Roma. Assim lutam durante quase dois séculos. Depois é a lenta mas progressiva romanização da Lusitânia. Assim, encontramos numerosos vestígios dos tempos romanos, nesta região.

Na freguesia de S. João do Monte, tem-se descoberto profundos fossos com grandes galerias, de antigas explorações de minérios.

Os romanos, somente com a água e o fogo, conseguiram cortar duríssimos veios de quartzo, que hoje se abrem só com fortes cargas de dinamite. Começavam por fazer um grande tanque, próximo do local, onde calculavam que houvesse minérios e enchiam-no de água utilizando para isso, os escravos. No sítio onde queriam romper poços e galerias, faziam grandes fogueiras, que deixavam arder durante dias, até a pedra estar rubra. Despejavam então a água sobre as fogueiras. A diferença de temperatura, fazia estalar as rochas. Nas brechas, com ferros, abriam os poços e cavavam as galerias.

Em Nandufe há vestígios dum antigo castro romano, onde, após as escavações, descobriram pedras trabalhadas, fragmentos de tegulas e imbrices, pesos, moínhos

(1) - História de Portugal, pág. 18 - João Ameal.

e dezenas de moedas romanas. (1)

Há ainda vestígios, por toda esta região, de troços de antigas vias romanas e de algumas pontes, como a do Rio Alfusqueiro, cujo corte das pedras e o seu encaixamento, assim como as suas linhas, só encontramos na arquitectura romana.

Segundo um estudo da revista da Beira Alta (2) havia uma via romana, que partia de Vizeu, estabelecia a ligação com a zona litoral e entroncava, perto de Águeda com a grande via militar, mencionada no itinerário de Antonino, que de Aeminium se dirigia a Cale. Passava por Lafões, Talhadas, por entre o Vouga e o Alfusqueiro (sobre o qual há a ponte romana) e através da serra do Garamulo ia até Vizeu. Há vestígios do lageado romano, na descida do Carvalhinho, em S. Bartolomeu, no Guardão(3), Janardo, Figueiral e na margem direita do Cris, perto do Coelhoso.

A inscrição romana, na lápide da Capela de S. Bartolomeu, no Guardão, atesta a passagem dos romanos por ali. (4)



. O cristianismo

Com a dominação romana intensifica-se a cristianização da Península. O Evangelho espalhou-se dos centros urbanos, para os campos, onde se constroem Igrejas. Junto destas, nascem novos núcleos populacionais, surgem organizações sociais que se tornam as sedes de freguesias rurais... "a igreja passou a ser o centro de unidade das freguesias, como o palatium o fôra das vilas... as duas instituições sucedem-se, mas não se confundem: as vilas foram propriedade em todo o rigor da palavra; a freguesia é uma espécie de comuna sem carta, que se forma em volta do campanário"...(5)

Mais tarde, estas pequenas comunidades de focos de vida religiosa, tornam-se grêmios de carácter civil e económico. Surgem os mosteiros e conventos, como centros de cristianização e de cultura.

No séc.VI, toda a Península está cristianizada.

. a influência Goda

A influência goda veio a fundir-se com elementos hispano-romanos, fusão facilitada pelo cristianismo

(1) - "Vestígios da estação arqueológica de Nandufe"

-Dr. Almiro, 1931.

(2) - "Vias Romanas" - Ferraz de Carvalho.

(3) - Ver fotografia da pág.

(4) - Refiro mais adiante a história desta pedra.Pág.

(5) - "Estudos históricos e económicos" - A. Sampaio, Vol.I, pág.225.

ser religião oficial e pela publicação dum código aplicável tanto aos godos, como aos romanos.

• a invasão muçulmana

No começo do séc.VIII deu-se a invasão muçulmana.

A população desta região, descendentes dos valerosos lusitanos, vendo que era inútil resistir, perante o número do invasor, toleravam-nos e estabeleceram com eles convenções nas quais se assentava na liberdade de culto, respeito pelas suas leis e costumes e isenção de repartir as terras. Pagavam um imposto pessoal de capitação (gízia) e o imposto predial sobre o rendimento das terras (carage). Coexistiam os cultos, e os mosteiros continuavam a sua obra de evangelização. Há a formação de tipos híbridos, como os mesárabes, cristãos sob o domínio islaemita, que, por vezes, gozavam de grande autonomia.

Apesar destas facilidades, e dada a diversidade de raças e de crenças, havia um estado de guerra latente. A luta da reconquista foi iniciada então, por um núcleo cristão das Astúrias. E os cristãos espalhados pela Península, responderam a este sinal de alarme. No Guardão há uma lenda, que se tornou em festa, que nos conta esta luta, entre mouros e cristãos. (1)

CATOLICA
CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTER FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

No séc.XII, o concelho de Tondela, oferece um aspecto variado, que Alexandre Herculano chama: "a topografia social do novo reino".

Na crista da serra do Caramulo, ficava o couto do Guardão, depois o de S. João do Monte, o de Sabugosa, o de St.^a Maria de Canas e o de Mouraz.

Descendo à planície encontravam-se várias freguesias, (2) cada uma das quais era uma unidade de organização local, com autonomia rudimentar, com o seu juiz privativo. Havia as terras dos nobres e do clero privilegiadas com isenção de impostos. As terras do povo, estavam sujeitas a tributos, tanto em géneros - a "julgada" - (prestação de certos cereais) ou em serviço - a "hoste" - (serviço de ordem militar); ou a reparar as estradas e castelos - a "anúdava".

No Concelho de Besteiros o território era densamente povoado e intensamente explorado sob o ponto de vista agrícola.

(1) - Festa da 5.^a Feira da Ascensão ou das Cruzes.
(2) - Ver o mapa da pág.

Após a Fundação, seguiu-se longa guerra até à expulsão dos mouros da Península. Nesta guerra, não havia um ataque frontal; faziam incursões no território inimigo; pilhavam o que encontravam; faziam prisioneiros; tomavam e assaltavam castelos e terras. Estas expedições só podiam ser levadas a cabo por grandes troços de cavalaria, havendo nesta região imensos cavaleiros.

Das Ordens Militares, a do Hospital, era a que mais terras possuía, neste concelho, ao tempo das Inquirições de 1285.

A Ordem dos Templários também possuía um casal nas terras de Besteiros.

Para os efeitos de administração militar e civil, a autoridade suprema era o tenente do Rei ou o Rico Homem, nomeado pelo Rei e que presidiam ao "concilium", que no Concelho de Besteiros se reunia em Molelos.

De D. Afonso III em diante, deixa de haver referência à tenência de Besteiros.

O reino foi então dividido em comarcas, grandes circunscrições administrativas, à frente das quais, com funções de administração e policiamento, foram colocados os corregedores.



. Do séc.XIV ao séc.XX

No fim do séc.XIV, já os concelhos desta região tinham uma organização perfeita, com a existência de vereadores, juizes, procuradores, tabeliães. (1)

Paralelamente ao desenvolvimento municipal, houve uma grande transformação na economia agrária e no direito de propriedade, havendo cada vez maior diferença entre o domínio do direito privado e o senhorio político, por doação, aforamento e empresamento.

Em 1515, D. Manuel I, deu carta de foral ao concelho de Besteiros, mediante o pagamento da jugada.

Até ao séc.XVII, foi Molelos a cabeça do concelho, com a sua casa de audiências, o pelourinho e o paço dos senhores nobres de Molelos.

No séc.XVII, Tondela, torna-se séde do concelho, dada a sua situação, na orla do planalto entre o Cris e o Dinha, e representa o tipo perfeito dum núcleo populacional que se desenvolve à beira de caminhos, assim se mantendo até aos nossos dias.

(1) - "História da Administração" - Vol.III, pág. 359

• História do Guardão

• Origem do nome

A notícia mais antiga acerca do Guardão, é-nos dada num foral, concedido no tempo de D.Sancho I (1207), em que é chamado GARDON (cautum de Gardon - de Gardone). Etimologicamente é constituído pela palavra Guarda, do verbo guardar e do sufixo WARDON germânico. (1)

"A sua situação de alto valor estratégico, na linha ininterrupta de pequenos fortes, que do Monte Alafão iam até ao Dão, separando territórios tão disputados entre mouros e cristãos, pode justificar esta denominação. Faltam, porém, provas de ordem histórica que permitam afirmar, com segurança, ser esta a origem do nome" (2).

Infelizmente o antigo e riquíssimo arquivo do Tombo da Igreja Paroquial de St^a. Maria do Guardão, foi completamente destruído, pela falta de cuidado, e pelos ratos... e nada resta que nos possa elucidar acerca da sua história.

Dada a sua situação estratégica a meio da serra, dominando o vale de Besteiros e protegida pelas abas da serra do Caramulo, o Guardão desde há muitos séculos que é habitado. A sua fundação perde-se na bruma das lendas e dos feitos heróicos dos antigos lusitanos.

LISBOA

• vestígios do tempo dos romanos

Há numerosos vestígios de explorações romanas de minérios, nas zonas de contacto dos xistos com os granitos.

A 1 km do Guardão, na Capelinha de S. Bartolomeu, encontramos uma velha inscrição romana, meia apagada pelo tempo e incompleta, gravada em granito da região, igual ao que ainda hoje, encontramos no local. Esta lápide diz o seguinte:

IMP. CAESAR DI
XIII TRIB. POTEST
AUGUST. INTER
.... ARTICI ...
....
CAUSA COGNIT....

(1) e (2) - "Monografia do Concelho de Tondela" - Ferraz de Carvalho, Pág.131.

Esta inscrição não está completa; pensa-se devia continuar noutra pedra, que, com os anos se perdeu.

A uns 30 metros desta capela, encontramos vestígios dum antigo castro, que, em épocas remotas e perdidas, dominou todo o vale de Castelões. Está localizado numa plataforma, à maneira de promontório, com umas condições de defesa extraordinárias. Ainda hoje podemos ver uns troços da antiga muralha, que em grandes blocos graníticos, rodeava o castro. "Envolvía uma área vasta, mais ou menos triangular, cuja linha defensiva partia das imediações da capela, em dupla muralha, em direcção a oeste, até à distância aproximada de 100 m, e flectindo nos extremos, continuava, já unida, até se pender nos primeiros rochedos do último alcantil, que se precipita abruptamente sobre a ribeira de Castelões, verdadeira torre de vigia sobre o vale." (1)

Dentro da área limitada ainda se observam, aqui e além, pequenos muros circulares de 5 a 6 m de diâmetro, formados por pedregulhos iguais aos da encosta, com uma ou outra pedra manifestamente trabalhada, que, sem dúvida, deviam ser as bases das cabanas de habitação. A cerâmica é abundante e encontra-se espalhada por toda a parte, notando-se, principalmente, fragmentos de "tegulae" e "imbrices".

Qual será a relação deste castro, com a lápide romana?

E qual a finalidade daquela placa?

O Dr. Ferraz de Carvalho (2), a partir da frase: "CAUSA COGNITA", diz não dever ser uma lápide honorífica, mas sim o registo dum importante acontecimento, que teria tido lugar nos séc. XIII ou XI, A.C., sob o poder tribunicio de César Augusto. Pensa-se que este acontecimento esteja ligado à via romana, que passava perto (3), e que estabelecia a ligação com a zona litoral, partindo de Vizeu, e por Lafões, Serra do Ladeiro, Talhadas e por entre o Vouga e o Alfusqueiro, alcançava, perto de Águeda, a Grande Via Militar, mencionada no "Itinerário de Antonino" que de Aermínium, se dirigia a Cale. Um troço desta estrada, que fazia a ligação dos principais pontos de certa importância como "Conimbriga" ao Sul, e "Portucalae" ao Norte, passava por Janardo, Guardão, Figueiral, Quinta da Cruz, Castelões, e ia até à ponte do Coelhoso, em cuja margem direita ainda existe uma pequena extensão lageada.

No Guardão de Baixo, perto da Capela de S. Bartolomeu e no caminho para o Carvalhinho, ainda se vêem grandes extensões de empedrado do tempo dos romanos.

No Guardão de Baixo, num pinhal, ao fazerem covas para os postes de electricidade, encontraram umas mós, com um diâmetro de 40 cm e umas cerâmicas, "tegulae".

No tempo do Dr. Abel de Lacerda, ainda se fize-

(1) - Segundo um artigo do Sr. Padre Celso.

(2) - Dr. Ferraz de Carvalho - "Vias Romanas" - Revista da B. Alta.

(3) - Ferraz de Carvalho - "Monografia de Tondela"-

ram umas escavações em S. Bartolomeu, mas desistiu-se da sua continuação por falta de verba para isso.

. influência árabe

Das épocas da reconquista cristã, chegam-nos, envoltas em mistério, do tempo e do sabor popular, as lendas e narrativas, contadas nas noites frias dos longos seções de Inverno...

Assim a tradição da festa "Das Ladainhas do Guardão", cuja origem multi-secular se perde através dos tempos.

...Outrora, quando da invasão da Península, pelos mouros acamparam estes num monte da vertente oriental do Caramulo, perto da Capela de S. Bartolomeu, e daí faziam investidas devastadoras, saqueando e matando as pacíficas e cristãs populações vizinhas. Estas, apelaram aos quatro ventos, pedindo auxílio para escorraçarem o inimigo.

Do alto duma torre, durante noites sucessivas, corajosa mocetona, empunhava uma trombeta, e ao seu apelo, que os montes aumentavam, o grito de súplica fazia-se ouvir. Enquanto os habitantes do vale, escutavam, "o tom dela" (que originou o nome da vila, hoje concelho de Tondela), os habitantes de Santiago, Santa Eulália e Castelões, põem-se a caminho, serra acima, armados de bestas, machados e ferquilhas, para libertarem os seus irmãos de Fé.

Os sarracenos investem com pesada cavalaria, semeando o pânico entre os cristãos. Mas estes apelam para Deus e sobrenaturalmente conseguem vencer e destroçar o acampamento árabe.

Consumada a vitória, dirigem-se todos, à Igreja matriz do Guardão, onde são recebidos num abraço de eterna gratidão, por todos aqueles, que, pela avançada ou pouca idade, ou por doença, não puderam tomar parte na luta.

E então, em nome próprio e no dos seus descendentes, fazem a solene promessa jurada, de todos os anos, irem ao local, em Romaria de acção de graças.

E assim surge a "festa das ladainhas do Guardão", que se realiza todes os anos em 5ª Feira da Ascensão.

Formadas separadamente, as Procissões das três freguesias (S. Eulália, Castelões, Santiago), constituem um verdadeiro certame folclórico de polifonia popular colorido de pendões e um inumerável cortejo de cruces, profusamente adornadas com flores e cordões de ouro, que as serranas emprestam. Vão até S. Bartolomeu (que o povo, carinhosamente e num sentimento de posse, chama S. Bartolonosso), invocam o Santo patrono e dão uma volta ao cruzeiro, donde se avista todo o vale de Castelões, enquanto no vale, os sinos repicam alegremente!

Ao aproximarem-se da Igreja do Guardão, sai desta uma procissão, ao encontro das outras também com as suas cruces e pendões.

No largo fronteiro procede-se então à cerimónia culminante da festa: "o abraço das cruzes".

As cruzes aproximam-se umas das outras, e de vagar, frente a frente, tocam-se, simulando o milenário abraço de gratidão.

Após a Missa solene, com sermão alusivo ao facto, a multidão vai merendar, para os pinhais vizinhos.

Nas noites longas de Inverno, ao redor da lazeira, ainda hoje se contam lendas de mouras encantadas, e há umas pedras na portela, onde a tradição diz que estão gravadas as mãos e os pés duma moura... e que quem tivesse a mão e o pé do tamanho dos da moura e lá os colocasse, seria para sempre feliz!

. o cristianismo

No fim do séc.XIII, sabe-se que a Igreja de St^a. Maria do Guardão era uma das mais importantes e com mais vida da região e que eram seus sufragâneos os moradores de todo o vale e concelho de Besteiros, os de St^a. Comba Dão e Couto do Mosteiro, assim como os de Águeda e do lugar da Arrancada. (1)

CATOLICA

. documentos mais antigos

Segundo um escrito de Joanino do Guardão (2), D. Sancho I, povoou o Guardão, outorgando carta de foral e de povoação aos respectivos moradores, na qual limitava a sua área. Os moradores, pagaram esta regalia com cinquente morabitinos.

D. Sancho, deu as terras do Guardão em prestimónio a Randufo Pelágio, e pelas disposições de tal diploma, criou o velho concelho do Guardão.

Alexandre Herculano (3), apresentou este concelho como um exemplo tipo dos concelhos imperfeitos de 3^a. formula, que se distinguem pela existência dum exactor local e exclusivo.

A carta de povoação estabelecia os direitos e deveres dos habitantes do Couto:

- A distribuição das terras parece ter ficado ao concelho, porque o foral é dirigido aos presentes e futuros habitantes, sem enumerar as courelas e impondo rações de oitavo, em vez de foro fixo.

(1) - "Corografia" - P. Carvalho.

(2) - Revista da B.Alta - "Pelourinhos da Beira Alta"
do Sr. Mário Guedes.

(3) - História de Portugal - A.Herculano - Vol.VII,
pág. 73.

- O rico-homem, ou governador do distrito, nomeará um mordomo especial de vila, e se a nomeação recair sobre um dos moradores, este poderá aceitá-la ou recusá-la.
- Nas questões entre o fisco e os habitantes, julgará o próprio concelho, donde se infere que os litígios internos, eram por ele também resolvidos, visto não haver no diploma, a menor alusão a um juiz singular.
- O concelho é autorizado a decretar leis e regulamentos locais.
- O mordomo do Rei, ou de quem for senhor de terra, só intervém em três pleitos: furto, rouço e homicídio.
- Os moradores não são obrigados a darem pouxada ao rico-homem, senhor da vila.
- Os moradores não irão a apellido (1), nem a chamada, senão quando El-Rei for em pessoa.
- Pode o habitante alienar a sua herdade, ou o seu casal, contanto que pague o foro o novo possuidor.
- Os habitantes não têm obrigatoriedade de residência, podem, quando dela saírem, voltarem em paz e tomarem novamente conta das suas terras.

D. Afonso II, deu às terras do Guardão em prestimónio a mestre Amberto, seu físico e a sua mulher, D. Ausenda.

Estes arrendaram o couto a Fernando João (1258) que era tenente em Besteiros "pro morabitinos" (por dinheiro), "pro amore de monte et de montariis qui morabuntur in Gardone" - porque gostavam muito da serra e dos que nela moravam!

As inquirições de 1258, atestam que Fernando João é o tenente do Guardão.

Nos fins do séc.XIV, era senhor do couto do Guardão, João Fernandes Pacheco. Mas, porque aderiu ao partido de D. Beatriz, filha de D. Fernando, incompatibilizou-se com o Mestre de Avis, indo servir o exército de Castela, e as terras do Guardão reverteram para os bens da Coroa.

Mais tarde D. João I, doou-as a Gonçalo Lourenço, ascendente de Afonso de Albuquerque.(2)

Esta carta de doação foi passada, no Porto, a 6 de Abril de 1398 e dizia o seguinte:

"Dom Joham....fazemos saber que nos vñendo e sperando os muitos serviços que nos ha feito

(1) - Convocação colectiva dos vizinhos do concelho, para defesa comum contra agressões exteriores.

(2) - "Alguns ascendentes de Albuquerque e seu filho" - Dr. António Bayão-Pág. 21.

e entendemos de receber ao diante do g^o lço, nosso criado, escrevam da nossa puridade, querendo-lhe fazer graça e mercê....lhe doamos o couto do guardam que he na comca da Beira apar do julgado de lafões, com todas as suas rendas, direitos, foros e pertenças e com toda a sua jurdiçam e onrras e tomadias e malladias, assi que ho havia Johan Ferfiz Pacheco o qual pertence a nos de direito porquanto nos fomos certo que o dito Johan Ferfiz Pacheco tratou com El Rey de Castela para nos fazer guerra a nos e a nosso reyno e de feito se foi para Castela, terra de nossos ãmigos, e anda alli em nosso deserviço e de nossos reynos, o qual couto lhe damos como dito he com todas as suas rendas, direitos, foros, tomadias e maladias. Porto, 6 de abril da era de 1436."

Em 23 de Setembro de 1398, o Rei confirma a Gonçalo Lourenço, os privilégios concedidos em 1207, no foral de D.Sancho I:

"Gonçalo Lourenço...nos disse que os do seu couto do guardam ham privilegio antigo que os moradores do dito couto não vão a chamado nem em oste nem em fossado senom com o corpo delrey. E que outrosy usaram atoa ora de juiz com os que fazem penhores do dito couto. E que nom embargando isto sam ora constringidos pã hirem. Mandamos aos nossos fronteiros da comarca da Beira...corregedores e outrosy oficiais que não constranjam nem apapem para hirem em oste nem em fossado nem entradas nem frontarias nem chamadas em nenhũa ~~mancira que seja não embargando~~ quaisquer mandados que em contrário vejam." (1)

A 10 Março de 1399, Fernão Manteigas, homem de Gonçalo Lourenço, deu e outorgou o foro a Vicente Anes Almofala e a Afonso Eanes, de Pedronhe, e a todos os seus sucessores.

A 21 Outubro de 1408 é vendido o couto por Gonçalo Lourenço ao Rei D.João I.

"...eu Çonç^o Lourenço, scrivam de puridade del Rey e eu Enes Leitoa, sua mulher vendemos a vos D. Joham pera vos e pera todos os vossos herdeiros e sucessores...o nosso couto do guardam que foi de Joham Fernandes Pacheco que he em a comarca da Beira que parte com terra de Besteiros ...com sua jurdiçam, com todas as suas entradas

(1) - Dr. António Bayão - obr.cit.-Pag.24

e saydas e direitos e pertenças, foros e geiras e padroado de igreja assi e pela guisa e com aquele direito que nos dictos Gonçalo Lourenço e mulher avemos e ganhamos pela doação que vos dicto senhor Rey fezeistes do dicto couto; cujo dicto couto era por preço certo f. seis centos e quinze mil livras em preço de mil quinhentos dobras douro. Do qual preço nos damos por bem pagados e entregues nenhũa cousa nos ficou por pagar...
Carta feita em Lx: 21 doutubro de 1446 annos."
(1)

O rei D. João I, mais tarde, doou este couto, a seu filho, o infante D. Henrique, primeiro Duque de Vizeu, que por seu turno o cedeu, por doação e escambo a Pedro Gonçalves Currutelo, escudeiro da sua casa, e a sua mulher, D. Branca de Sousa." (2)

Em 1489, D. João II, deu-a a seu primo e cunhado, o Duque de Beja. (3)

Em 1514, D. Manuel I, concedeu novo foral a este concelho, no qual fixava a particularidade de manter o número de 42 antigos casais para a fixação dos tributos, foros e direitos reais nele impostos - "posto que na terra muitos mais casaes haja nam se ham de pagar mais foros que os sobreditos os quais seram repartidos pellos herdeiros delles ora sejam muitos ora poucos e quanto ao foro de pam, vinho e linhe se pagava por todos sem deferença a dita oitava."

Estas terras constituíam, depois, morgadio, que da família Currutelo, passou aos Castelo Branco, de Leiria.

Em 1708, era senhor do Guardão, Pedro de Sousa Castelo Branco, casado com D. Helena Mafalde de Castelo-Branco.

O concelho do Guardão deve ter sido extinto em 1836.

• Monumentos

Como monumentos podemos considerar dignos de nota, os restos da civilização romana: castro e torços de via romana (4); e mais recentes:

-
- (1) - Leitura nova, L.II, dos Dt^{os} Reais.
 - (2) - Santuário Mariano - Pág. 374.
 - (3) - Chancelaria de D. João II. Livro II.
 - (4) - Já citado, ver pág. 22

- A Igreja Matriz de Santa Maria do Guardão

Considerada Monumento Nacional, cuja construção remonta ao séc.XIII, e segundo uma velha tradição, diz-se que foi fundada no tempo em que ainda havia mouros. Começou por ser uma pequena ermida, que os cristãos da região, ergueram, escondida no mato, para que os bárbaros a não destruíssem.

Parece que o nome de Igreja de St^a. Maria do Guardão, lhe vem de ter sido a Padroeira daqueles cristãos, ameaçados pelos mouros. A Senhora tão bem os guardou que ficou sendo a Senhora do Guardão ou dos Milagres, pelos muitos milagres que operou aos moradores daquele couto.

No altar-mór, havia uma imagem da Virgem, Nossa Senhora da Assunção, pintada a óleo, que segundo dizem, teria sido obra do Grão Vasco.(1) Mais tarde, a primitiva ermida, foi alargada. Parece que foi esta ermida, anterior ao couto de Besteiros, que deu o nome ao couto de Santa Maria de Besteyros.

Havia 13 freguesias sufragâneas da do Guardão: Vinham a ela à Missa, todos os moradores do vale de Besteiros, do concelho de Lafões, de St^a. Comba Dão, de Mortágua, de Agueda, de Valongo. Abrangia cinco a seis léguas ao redor.

Diz, que sobre a porta trazeira da igreja, havia uma pedra quadrada, com uma inscrição que atestava a antiguidade da igreja e as freguesias que a ela vinham à Missa, (2) e faz a seguinte descrição o autor do Santuário Mariano:

"Tem de longitude com a sua capella mór cento e vinte palmos, e de latitude vinte e dous e meyo. Além da capella mór tem mais três capellas, duas collateraes e hũa em o corpo da Igreja, que fica à parte do Evangelho, a qual he dedicada a St^a.António....as duas collateraes, a da parte do Evangelho he dedicada a S. Sebastião e a da parte da Epístola he dedicada a N^a. Senhora do Rosário".....

"...A Senhora do Guardão é esculpida em pedra e tem sete palmos. Está de pé, tem o Menino nos braços e veste uma túnica encarnada com ramos dourados que também ornamentam o manto azul. Tem uma coroa de prata. Está colocada num nicho dum retábulo, onde se vêem pintados: St^a. Amaro, St^a.António, S. Francisco, S. José, S. Bernardo, St^a. Luzia"...

-
- (1) - Vasco Fernando, pintor, natural de Vizeu, que fundou uma escola, de influências flamengas - Séc.XVI. Isto, no entanto, parece não ser verdade, dado que a ermida era do séc.XIII, e Grão Vasco, fez escola no séc. XVI.
- (2) - Santuário Mariano - Pág.374 - Livro V.

"...Esta imagem tem uma Irmandade de 150 fiéis. Foi aprovada e tem a concessão de Indulgência Plenária, a quem se confesse nas duas Festas de N^{ra}. Senhora e no Aniversário, dada por Clemente X. Os estatutos da Irmandade foram aprovados na séde episcopal de Vizeu, em 1672, e em 1671 foram passadas as bulas das indulgências.

"...Os irmãos entram com 50 centavos e anualmente dão 6 vintens. Quando morre um irmão, fazem-lhe dois officios, se é solteiro ou sacerdote; um, se é casado, e à sua mulher outro. A Irmandade manda celebrar Missa todos os Sábados. Na Quaresma, o sacerdote que ^adiz, tem que cantar uma Ladainha a N^{ra}. Sr^a., com a assistência dos irmãos vizinhos..."

A Irmandade manda celebrar Missa cantada com sermão na oitava do Natal e no dia de S. José. Todos os irmãos são obrigados a rezar uma coroa nas festas de N^{ra}. Sr^a. e nas oitavas do Natal, Páscoa e Espírito Santo, e no dia de Todos-os-Santos. No dia de defuntos tem que rezar um terço"...

Hoje em dia a Igreja está completamente diferente e muito danificada. Da primitiva só deve conservar a porta principal, a Pia Baptismal e a torre sineira, assim como o chão em lajes grandes e irregulares.



CATOLICA

CRC-W · CATHOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

- Pelourinho

~~O Pelourinho existe em Janardo, um dos lugares mais importantes do antigo concelho do Guardão, que foi cabeça de concelho.~~

Transcrevo uma parte do artigo da Revista da Beira Alta: (1)

"...Ali se erguem ainda as casas, com paredes de enormes silhares de fiada, talhadas, mas sem reboco, que consubstanciavam as actividades officiais do concelho. - A casa da Câmara, com a sua sala de vereações; o tribunal, em cujo pavimento térreo, lageado e fortemente gradeado, se encarceravam os delinquentes. São dois edificios bastante amplos...formando recanto entre si, onde se ergue a escada exterior, que serve a antiga sala de Tribunal.(2)

(1) - Revista da Beira Alta, Ano VI, nº.11
(2) - Ver fotografia, pág.

Junto dela, quase encostado à parede, vê-se ainda o Pelourinho do velho concelho do Guardão, embora já mutilado, símbolo venerando dos perdidos privilégios dessa laboriosa gente da serra.

Sobre dois degraus quadrados, ergue-se o dado de coluna, em cubo singelo, de arestas verticais, chanfradas, a partir de cerca de 1/3 da sua altura. Nascendo abruptamente deste pedestal ou base, o fuste da coluna, réctilíneo, de secção quadrada, igualmente chanfrado em toda a altura. Talhado em blocos de riço granito da serra, o monumento é duma simplicidade flagrante; obra de rústico desenho, de talho duro, onde a ausência completa duma simples curvatura, quebrando a rigidez da linha recta, suplanta a pobreza do aparelho, e a carência da mais rudimentar ideacção artística. É bem o padrão gizado pela mentalidade inculta do serrano, trabalho ingénuo do homem que ignora a sugestão de beleza plástica e cujas produções surjem talvez daquele primitivismo mental que influenciou o remoto artista que nos legou as grosseiras modelações rupestres..

Há uns 50 anos partiram-lhe em duas peças a parte superior da coluna. Encontraram-se as duas peças, só falta o remate. Sabe-se que este era, simplesmente, uma peça piramidal, quadrada, de corpo ligeiramente encurvado para o vértice. É um pelourinho de rústica feição, do tipo "pinha" lisa piramidal quadrada."

Qual o século em que teria sido erguido?

É difícil dizê-lo com precisão. Podemos aventurar hipóteses. Sobre uma das casas, na ombreira da porta da antiga Casa da Câmara, há uma data: 1735.

Será o Pelourinho dessa época?

- Alminhas

A crença na imortalidade da alma vem desde a era neolítica em que, nas sepulturas, colocavam géneros alimentícios e até armas, destinadas aos futuros ressuscitados. Esta crença continua-se na época romana, com o culto dos manes-lares, o culto dos antepassados. No cristianismo mantem-se, pela fé na vida para sempre com Deus, na visão beatífica, na Jerusalém Celeste.

"As alminhas são pequenos e simples monumentos da piedade do nosso povo" (1), erguidos nos montes e vales, nos povoados ou nos caminhos, nos ermos e nas encru-

(1) - Enciclopédia Luso-Brasileira.

zilhadas.

São monumentos de culto aos mortos. Ou são construídos no local onde alguém morreu ou onde é de tradição que foi morto, e obrigam os que por elas passam a rezar-lhes pela alma.

Na Beira são geralmente blocos de granito onde esculpem uma cruz e uma concavidade que é pintada toscamente, por artistas locais representando ou uma cena do Purgatório, ou S. Miguel com a balança, ou um Cristo crucificado com a Virgem e S. João. Conforme a fortuna e a piedade de quem as construía, assim eram ou só o bloco, ou pequenas capelas, ou sóbrias caixas telhadas, com grades de ferro. (1)

Na Beira, muitas alminhas indicam os caminhos vicinais, que conduziam outrora, aos grandes santuários e às suas antigas romarias.

Por toda a freguesia do Guardão encontramos numerosas alminhas de todos os tamanhos e feitios, que, por vezes, os habitantes utilizam para embelezarem uma casa ou uma fonte, como na fonte à entrada do Guardão de Cima. (2)



. A Estância Sanatorial do Caramulo e o Guardão

Quando, nos fins do século passado, se começou em Portugal, a aconselhar a altitude, no tratamento da tuberculose pulmonar, foi para a Serra da Estrêla, que se viraram as atenções dos médicos.

A Serra de Caramulo, no começo deste século, começa a ser procurada pelos "tísicos" ou os que "sofriam de mal do peito", como então se dizia. Instalavam-se principalmente nas dependências, muito abandonadas, da antiga Casa Nobre do Guardão, hoje em ruínas e pertença do Visconde de LISBIA do Torto.

A base do tratamento era o repouso, a sobrealimentação e a vida ao ar livre.

Os bons resultados obtidos pelos primeiros doentes, foram tais, que em breve a fama dos bons ares, se espalha, primeiro pelas terras próximas, depois pelas mais afastadas, de tal modo, que em 1907, o Dr. Festas, médico natural de Mortágua, manda construir a primeira casa (em madeira e coberta de zinco), para nela instalar a sua mulher, atacada pelo bacilo de Cock.

A afluência de doentes foi aumentando sempre, encorajados pela opinião autorizada do Dr. Festas, e em 1908, um hoteleiro, chamado Wisseman, de espírito empreendedor, resolveu construir o primeiro hotel de serra, que mais tarde passou a sanatório.

(1) - Ver fotografias. -
 (2) - Ver a fotografia da

Este hotel, só com um piso térreo, funcionava apenas, do começo da Primavera, ao princípio do Outono, por não dispôr de defesas contra os duros e frios Invernos da Serra.

Seguiu-se a construção de algumas casas particulares, para a instalação de doentes, como a Casa da Mata e a Pensão do Alto, e as pobres casas dos habitantes das Paredes, começam também a dar hospedagem aos menos favorecidos pela fortuna.

Não havia comércio algum, nem farmácia e a assistência médica era feita pelo Dr. Abel de Lacerda, que para isso, se deslocava de Tondela onde residia.

A estrada só chegava à Ferradura e daqui para cima, o transporte era feito ou em mulas, ou às costas de pessoas.

Mais tarde o Dr. Abel de Lacerda, começou a ser auxiliado por seu filho o Dr. Jerónimo de Lacerda, que viria a ser o homem enérgico e dinâmico, que transformaria aquela terra de pedregulhos na Estância Sanatorial do Caramulo.

Com a Guerra de 1914-18, houve uma paragem no progresso que tinha começado, pois Wisseman, que era alemão, teve que sair de Portugal, deixando uma comissão de pessoas de Tondela, a administrar o hotel, até que, com a nossa entrada na Guerra, os seus bens foram arrolados.

Por outro lado, o Dr. Jerónimo foi mobilizado e como médico militar acompanhou o Corpo Expedicionário Português.

Quando regressou de França, começou a pensar em tornar realidade, um sonho que há muito acalentava: fundar, na Serra do Caramulo, uma Estância Sanatorial para tratamento de tuberculose pulmonar.

Recomeçando o seu serviço de assistência aos doentes, nas Paredes do Guardão, não se conformava com as péssimas condições em que trabalhava, e em que os doentes viviam.

Falou com uns amigos para conseguir algum dinheiro, que lhe permitisse começar a sua obra, e com o Estado tratou da concessão do terreno para a mesma.

Em 1920 emite a primeira série de acções, em que conseguiu uma dezena de contos, que empregou na construção duma rudimentar Central Eléctrica, seguindo-se o início da construção do Grande Hotel Sanatório do Caramulo, de princípio só com rés-do-chão e 1.º andar.

Uma 2.ª emissão de acções permitiu-lhe construir em madeira, o 2.º andar, e mais tarde, já com lucros de exploração, construiu o 3.º andar.

Estavam lançadas as bases para a Grande obra, à qual, tantos portugueses devem a recuperação da sua saúde.

Nos termos da concessão, qualquer entidade podia construir e explorar sanatórios, mas a assistência médica aos doentes era privilégio da Sociedade do Caramulo que para o efeito tinha centralizado na Grande Sanatório, os respectivos serviços de radioscopia, radiografia, análises, tudo servido por um corpo clínico es-

pecializado e de elite, que, por fazer a sua vida na Serra, acompanhava dia a dia os doentes, amparando-os não só na sua doença como nos seus problemas morais-psicológicos tão importantes na evolução da doença.

A afluência de doentes vai aumentando e o número de sanatórios vai crescendo, de tal maneira que em 1936, além do Grande-Hotel Sanatório do Caramulo e do Hotel Wisseman, aparecem o Sanatório da Montanha, o Sanatório Central, o Sanatório Monteiro de Carvalho, o Sanatório Lusitano, o Sanatório de Santa Maria, além das Casas de Saúde, com uma população média de

Em 1936, a inteligência e larga visão do Dr. Jerónimo, mais uma vez se revela, ao convidar para director clínico da Estância o célebre tisiologista espanhol, Dr. Manuel Tapia, refugiado em Portugal, da Guerra Civil de Espanha.

Foi um período de desenvolvimento notável o que se seguiu, e para isso concorreram, não só a presença do Dr. Tapia, mas a 2.ª Guerra Mundial, que impediu, ou dificultou a ida para o estrangeiro, sobretudo para a Suíça, dos doentes mais ricos, que por isso procuravam o Caramulo, numa esperança de cura.

A afluência de doentes, forçou a Sociedade do Caramulo, a melhorar as suas instalações e levou particulares à construção de novos sanatórios: Sameiro, N.ª, S.ª, da Saúde, Boa Esperança, Pedras Soltas, Infantil Dr. Tapia, Novo Sanatório (hoje zona operatória), e por último o Sanatório militar Dr. O. Salazar.

Ao mesmo tempo o Dr. Tapia criava, no Grande Sanatório Cursos de Tisiologia, abertos a todos os médicos do País que os frequentavam em grande número e que vindos de todo o País, possibilitavam, com os conhecimentos que adquiriam, encetar de Norte a Sul uma campanha bem orientada contra a T.P.

Pelo trabalho extraordinário que o Dr. Tápia efectuou, o Governo Português condecorou-o e dispensou-o de exames (necessários a qualquer médico estrangeiro que quera exercer clínica entre nós) considerando-o como se fosse médico português.

A Estância como elemento importante no apetrechamento do País contra a T.P., atingiu então o seu mais alto nível e o aglomerado populacional aumentou e embelezou-se com a construção de numerosas vivendas de médicos e particulares.

O Comércio desenvolve-se para poder corresponder às necessidades da população fixa e flutuante; as instalações sanatoriais foram actualizadas e o mais elevado nível dos doentes do Grande Sanatório, levou à criação de uma Estação Emissora de rádio-difusão: "O Polo Norte", que ainda hoje existe, tendo posteriormente sido criada outra Emissora pelos doentes da Marinha de Guerra: "Rádio Oceano".

Com o aparecimento dos antibióticos começa a diminuir a frequência de pessoas de certos meios, e esta diminuição tem-se vindo a acentuar de ano para ano, com as possibilidades que os doentes pulmonares têm, de se tratarem em casa.

De há 5 anos para cá, a maioria dos internados são doentes da D.G.A. (Direcção Geral de Assistência), isto é, por aqueles que não têm possibilidades para se alimentarem, nem para comprar remédios, e algumas vezes, nem duma cama para dormir e dum tecto para se abrigar, ali vão procurar a cura, que doutra maneira não conseguiriam!

Por morte do Dr. Jerónimo, em 1945, é a direcção da Estância assumida por seu filho, Dr. Abel de Lacerda, na parte administrativa, e pelo Dr. João de Lacerda e Dr. Horta e Val, na parte clínica, mantendo-se o Dr. Tapia, como Director científico.

A evolução originada pelo aparecimento dos antibióticos obriga ao estudo da transformação a fazer, embora lentamente, no sentido do aproveitamento da Estância quando, num futuro, a tuberculose passar a não constituir problema.

O Dr. Abel Lacerda, formado em Ciências Económicas e Financeiras, mas dotado de raras qualidades artísticas, levando o sentido do belo a tudo o que criava, inicia os trabalhos para uma futura transformação da Estância em Zona de Turismo.

As Paredes do Guardão, já antes considerada zona de turismo, começam então a sentir a acção do novo orientador que termina o Parque, embeleza os arruamentos e culmina com a fundação do Museu do Caramulo, inicialmente em edificio arrendado, e actualmente num magnifico edificio próprio, museu único no País, pois que é apenas constituído por ofertas de particulares, sendo as principais da Família Lacerda. É sobretudo rico em cerâmicas antigas e em primitivos portugueses, tendo algumas salas de arte moderna.

Porque a morte o levou no auge da sua acção, não assistiu à inauguração do novo edificio, com umas condições óptimas, que o situam entre os melhores, se não o melhor do País.

Sucedeu-lhe na direcção da sociedade, o Dr. João de Lacerda, que tem seguido a orientação traçada pelo Pai e irmão, terminando os trabalhos em curso, e iniciando uma nova fase na vida da Estância: o seu desenvolvimento debaixo do ponto de vista comercial e industrial.

É ele o criador da organização comercial "Somercal", armazém por grosso, para abastecimento da Estância, de tudo o que ela necessita. Reorganizou a Sociedade Eléctrica do Caramulo, construindo uma nova Central eléctrica a alguns centos de metros abaixo da antiga, com ligação com a Eléctrica das Beiras, nos períodos de seca da Ribeira do Cadraço. Monta o primeiro grande aviário do Caramulo, com capacidade para alguns milhares de bicos e já este ano, montou um novo, muito maior e com os mais modernos processos desta indústria.

Cria uma sociedade de moagem e de farinhas para animais.

Estimulou a instalação de marcenarias, carpintarias, garagem e oficina de bate-chapa.

Consegue das Caixas de Previdência a construção de Casas Económicas, e em breve, vai-se iniciar a construção da Casa da Criança da "Fundação Bissaia Barreto".

Instala uma moderna tipografia, nas caves do Museu. (os desdobráveis que apresento na monografia, foram lá executados, e um deles ganhou o prémio de desdobráveis do S.N.I.).

Funda, anexo ao Museu, um Museu de Automóveis, com 19 carros de vários tamanhos e feitios, único no nosso País.

Está em pleno desenvolvimento a Estância Sanatorial e quem em 1920 passou pela região e apenas viu a casa do Dr. Festas e a paisagem dura e agreste dos pedregulhos, ficaria completamente admirado pela acção do Homem que conseguiu transformar em tão pouco espaço de tempo, a terra áspera e despovoada, na povoação semeada de parques e vivendas, que é hoje a Estância Sanatorial.

Este desenvolvimento e toda a vida que se processa nas Paredes, têm uma influência enorme na vida pacata e laboriosa da gente do Guardão, sobretudo num ponto de vista económico, familiar e moral.

Houve uma transformação da população rural - de per si fatalista, passiva - que se abriu às influências do mundo exterior - facilidades de meios de comunicação (T.V., T.S.F., transportes); possibilidades de exercício de outra profissão além de trabalhadores rurais; contactos com outra gente outras mentalidades. Tudo isto contribuiu para abalar (e ameaça destruir) os valores de ruralidade: equilíbrio e estabilidade familiar que em si encerra uma vitalidade moral e uma abertura aos valores religiosos. Tentarei nos capítulos seguintes, fazer ressaltar estas influências.

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

• Etnografia

LISBOA

Procurei todas as fontes onde pensava pudesse descobrir alguns dados etnográficos, mas nada encontrei. Da minha observação directa resultam as considerações seguintes: hipóteses de raças, de cruzamentos étnicos, a partir dos tipos morfométricos que habitualmente encontramos nesta região.

Duma maneira geral, o homem da serra, é forte, alto, musculoso, moreno, cabelos pretos ou castanhos escuros, olhos vivos, igualmente escuros ou castanhos. Talvez neste tipo, sobretudo na vida do olhar, encontremos traços da dominação árabe.

Normalmente são saudáveis, fazem uma vida muito de ar livre e regrada ainda que bastante dura e fatigante. Estão habituados a "cortar" o frio e o vento, a andar de sol a sol de enxada na mão, a ganhar o dia a dia.

Encontramos porém, manchas de tipos loiros, de olhos azuis ou verdes, bem constituídos, talvez restos de cruzamento de godos com populações locais, ou então consequência da passagem esporádica de nórdicos (cruzados),

que vieram ajudar na luta da reconquista, no começo da Fundação.

O serrano é fatalista, habitualmente paciente: "tudo acontece"... "é porque não vem a chuva, é porque as colheitas não são boas"... "Sucedeu!"

Acreditam nas forças da natureza e nos poderes ocultos, talvez porque estão, dia a dia, em contacto com o mistério do crescimento das culturas!

Recorrem muitas vezes às bruxas e curandeiros, que existem em alguns lugares, de quase todas as freguesias ao redor.

Porque a vida lhes é muito dura e cansativa, são bastante individualistas, não se unem, só se preocupam com os seus interesses. Assim o vemos, a uns metros da desenvolvida Estância Sanatorial, o primitivismo da vida do Guardão!

Podiam juntar-se e melhorar a terra, embelezá-la, arranjar pequenos negócios e comércio; mas não, acomodam-se bastante, não têm iniciativa. Se os outros fazem, "muito bem e obrigada", "mas nós não lhe pedimos nada!"... e não colaboram. É o caso, que referirei mais adiante, sobre a Cantina Escolar. Duma maneira geral, não são reconhecidos!...

Talvez por um estúpido orgulho inato e a falta de cultura lhe dificultarem o exprimir os seus pensamentos, ou porque se sentem diminuídos ao terem de agradecer qualquer bem recebido.

São bastante acolhedores e é frequente convidarem quem passa para entrar, comer um naco de broa e provar do seu vinho.

. Os homens do Guardão

LISBOA. Demografia

O Guardão é formado, por dois aglomerados - o Guardão de Baixo ou Rebelo, o núcleo mais antigo, onde se situa a Igreja, o cemitério e a escola, hoje em decadência; e o Guardão de Cima, em franco progresso, onde há as lojas melhores e onde se constroem as casas novas.

O Guardão é sede de freguesia, constituída além da sede por mais 7 lugares e três fogos isolados.

. Dados demográficos do séc. XVI

Os dados mais antigos são os de 1527, (1) que davam para:

(1) - "Cadastro da População do Reino" - Revista B. Alta nº.11 - Ano VII

" COMCELHO DO GARDAÃO

" No dito concelho vivem moradores	66
" E nele ha os lugares e moradores seguintes	
" O lugar de Janardo que he cabeça de concelho	17
" o lugar de Rabello (1)	7
" do Gardaão de Cima	9
" o caselho	4
" as paredes	8
" a póvoa da longara	1
" a póvoa do ceydão	1
" o carvalhinho	2
" o lugar do cadraço	8
" os layceos (2)	4
" a póvoa de Pedregão	1
" os Jacens (3)	4

" Este concelho tem de termo huma légoa em comprimento e mea em largura e parte e comfronta com ho concelho de besteiros e com o concelho de S. João do Monte e com o de Laffes e com ho concelho de Mortagoa."

PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

. Dados demográficos do séc. XVIII

Em princípios do séc. XVIII, a população tinha aumentado sensivelmente no concelho. Eram então 140 os seus vizinhos e 400 as pessoas de comunhão.

Em 1755, Oliveira Freire, cita para o concelho, (4) de Guardão, uma freguesia com 141 fogos e 415 almas.

. Censo de 1940

Neste censo a freguesia tinha 512 fogos, com

-
- (1) - Actual Guardão de Baixo.
 - (2) - Actual Ladeiras*
 - (3) - Actual Jueus*
 - (4) - Corografia Portuguesa - Vol.II, pág. 123.

2.707 almas, assim distribuídas:

FREGUESIA DO GUARDÃO (NOSSA SENHORA DOS MILAGRES)				
LUGARES	Nº. DE FOGOS	HOMENS	MULHERES	HOM-MUL.
GUARDÃO	70	146	155	301
JANARDO	79	130	124	254
PAREDES	251	915	735	1650
GADRAÇO	14	19	26	45
CARVALHINHO	20	33	37	70
JUEUS	25	52	62	114
CASELHO	47	92	102	194
LAGEIRAS	11	22	21	43
ISOLADOS	3	16	20	36
POPULAÇÃO PRESENTE				2.707
POPULAÇÃO RESIDENTE				2.139

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING
• Censo de 1950

LISBOA Dava para a freguesia do Guardão:

Famílias	Convi- vências	População residente			População presente					
		H	M	H	M	H	M			
545	26	3.470	1937	1533	92	61	31	3.493	1934	1559

• Dados obtidos por contagem directa - 1961

Só do lugar do Guardão (de Baixo e de Cima)

• Número de fogos

No Guardão de Cima	52
No Guardão de Baixo	<u>29</u>
Total	81

• População

População residente:

H -	174
M -	<u>170</u>
T -	344

População ausente:

H -	25
M -	<u>17</u>
T -	42

População presente:

H -	149
M -	<u>153</u>
T -	302

• Distribuição da população por idades (1)

Idades	Homens	Mulheres	Totais	Percentagens	
				H	M
Dos 0-10	48	43	91	27,39	25,30
Dos 11-20	38	31	69	21,84	18,23
Dos 21-30	19	17	36	10,92	10,00
Dos 31-40	26	18	44	14,94	10,59
Dos 41-50	25	26	51	14,37	15,29
Dos 51-60	10	20	30	5,75	11,76
Dos 61-70	1	2	3	0,57	1,17
Dos 71-80	6	8	14	3,45	4,71
Dos 81-90	1	5	6	0,57	2,95
Dos 91-100	-	-	-	-	-
Totais	174	170	344	100	100

(1) - Percentagem relativa à população residente.

• População com idade inferior a 14 anos

Homens	57	-	16,57%
Mulheres	59	-	17,15%
Total	116	-	33,72%

• População com idade superior a 60 anos

Homens	8	-	2,33%
Mulheres	15	-	4,36%
Total	23	-	6,69%

• População activa

Homens.....	109	-	31,68%
Mulheres	96	-	27,91%
Total	205	-	100,00%

• Estado civil da população



CATOLICA

CHC W. CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELL-BEING

LISBOA

Estado	n	%	Totals
Casados	57	32,7	107
Solteiros	111	63,7	217
Viúvos	6	3,6	20
Registados	-	-	-
Unões ilegítimas	-	-	2

. Distribuição da população por famílias

(número de pessoas por família incluindo parentes que coabitam e excluindo os ausentes).

	Nº. de Famílias	Nº. de Pessoas
de 1 pessoa	11	11
de 2 pessoas	13	26
de 3 pessoas	11	33
de 4 pessoas	8	32
de 5 pessoas	11	55
de 6 pessoas	4	24
de 7 pessoas	6	42
de 8 pessoas	4	32
de 9 pessoas	3	27
de 10 pessoas	2	20
de + 10 pessoas	-	-
Total	73	302

. Distribuição dos filhos por famílias

	Nº. de Famílias	%	Nº. de Filhos
Sem filhos	11 (1)	6,85	0
Com 1 filho	11	15,07	11
Com 2 filhos	11	15,07	22
Com 3 filhos	13	17,80	39
Com 4 filhos	10	13,70	40
Com 5 filhos	7	9,59	35
Com 6 filhos	9	12,33	54
Com 7 filhos	4	5,48	28
Com 8 filhos	3	4,11	24
Total	73	100	253

(1) - Casais sem filhos - 4; famílias de solteiros - 7;
Média de filhos por família - 3,4

• Idade das mães de família

De 15 a 20 anos	-	não há
De 21 a 30 anos	-	12
De 31 a 40 anos	-	16
De 41 a 50 anos	-	17
De mais de 50 anos	-	18
Mães solteiras	-	10

• Casais de idade

Inferior a 50 anos	-	41
Superior a 50 anos	-	17

Há 19 famílias com um só conjuge vivo.

• Movimento demográfico

-relativo só ao Guardão-de 1955 a 1960

Anos	Nascimentos		Total		Obitos		Total		Saldo
	Homens	Mulheres	H	M	Homens	Mulheres	H	M	
1955	3	3	6		1	4	5		+ 1
1956	4	5	9		3	2	5		+ 4
1957	7	7	14		3	1	4		+ 10
1958		1	7		3	2	5		+ 2
1959	2	6	8		2	2	4		+ 4
1960	4	3	7		2	3	5		+ 2
Total	26	25	51		14	14	28		+ 23

• Mortalidade e mortinatalidade infantil
(relativo a toda a freguesia)

1955	1956	1957	1958	1959	1960
12	12	10	5	6	7

• Emigração

(relativo a toda a freguesia)

Em 1955

Não houve.

Em 1956

Houve 4 emigrantes para o Brasil, mas um retornou. Um era de Janardo e dois de Jueus.

Em 1957

Houve 4 emigrações para o Brasil. Um de Janardo, dois de Carvalhinho, um das Paredes.

Em 1958

Partiram 3 emigrantes para o Brasil. Um do Guardão, um de Jueus, e outro do Cadraço.

Em 1959

De Janardo, de Jueus, partiram, para o Brasil, dois emigrantes.

Em 1960

Saíram, para o Brasil, três emigrantes, um de Jueus, um das Paredes e um de Pedrogão.



CATOLICA

CRC-W · CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR

PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

• Análise dos dados demográficos

A freguesia do Guardão tem aumentado progressivamente de número de habitantes e tem tendência a continuar, dada a proximidade da Estância Sanatorial, que atrai gente das terras próximas para nela trabalharem, e que se fixam nesta freguesia, assim como os doentes que ali casam e se fixam a viver.

Do séc. XVI ao séc. XX houve um aumento mais ou menos de 3.000 almas nesta freguesia.

No censo de 1950 nota-se um aumento extraordinário de 1.000 almas para o censo de 1940.

A actual população do Guardão é equilibrada em relação à distribuição de sexos (149 homens para 153 mulheres) e em idades. É uma população jovem, com tendência a continuar jovem, como nos indica a pirâmide de idades - o andar maior é o dos 0 aos 10 anos, seguido do dos 11 aos 20 anos.

Mais de metade da população é activa (59,59%).

Há poucos velhos. A pirâmide de idades sofre uma diminuição considerável, entre os 61 e os 70 anos, talvez consequência da "pneumônica", que vitimou muita gente nesta região, e ainda das guerras.

Duma maneira geral as famílias são numerosas - uma média de 5 a 6 pessoas por família, mas com tendência a diminuir.

Em 62 famílias, há 11 que não têm filhos, sendo 7 de solteiros.

A mortalidade infantil é elevada, dada a falta de cuidados, a ignorância, e a não assistência das mães, que tendo de trabalhar fora de casa, deixam os filhos sós, ou entregues aos cuidados dos irmãos mais velhos (que chegam a ter 5 e 6 anos!).

Últimamente têm-se dado saídas da terra, sobretudo para o Brasil e para Lisboa, principalmente das raparigas que vêm servir e de rapazes que, cumprido o serviço militar, ficam a trabalhar no comércio ou indústria, menos duro que o trabalho agrícola.

• Economia



• A agricultura

CATOLICA

• sua importância na economia da terra

CRC-W · CATHOLICA RESEARCH CENTRE FOR

PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

A economia do Guardão é essencialmente agrícola. Como dizia um dos homens, com quem breves impressões: "da terra é que vem tudo"...

A terra cansa-os, esgota-os, mata-os aos poucos, porque é dura de se trabalhar, mas dá-lhes a alegria dos primeiros rebentos e a felicidade ou amargura, segundo o ano é bom ou mau!...

A terra dá-lhes o alimento, dá-lhes a razão de ser do dia a dia. Medem os acontecimentos pelo "tempo das vindimas", pelo "tempo das sementeiras", etc. Tudo é avaliado em função da terra! Mas a terra é incerta.

E ultimamente está-se a dar a fuga dos campos que abandonam e ficam por cultivar. Vão-se empregar, procuram dar instrução aos filhos, põ-los a estudar ou a aprender um ofício, ... "porque isso é certo"...

Mas, apesar de tudo, nos velhos e nos de meia idade, mantém-se o amor da terra, que revolvem com o suor do seu rosto, mas que lhes dá o pão nosso de cada dia.

Todos os habitantes do Guardão, têm o seu bocado de terra, onde cultivam as batatas, o milho, o feijão e as vinhas. Mesmo os que estão empregados na Estância Sanatorial, mantém as suas terras, que amanhã nas folgas, ou antes ou depois do serviço na Estância.

• Tipos de propriedade

Não há a grande propriedade. Domina a pequena, com tendência a reduzir-se cada vez mais, com as partilhas. Não há grandes porções de terra dum mesmo dono. Estão, geralmente, retalhadas, um bocado aqui, outro mais além. As terras maiores, têm talvez um hectare.

Duma maneira geral estão bem cuidadas, pois são cultivadas pelos próprios donos. Todos têm o seu bocado de terra, que cultivam e que lhes dão umas batatas, umas couves, algum milho e feijão. Mas só há dois proprietários, cujos produtos chegam para as suas casas e que ainda vendem.

Há quem queira desfazer-se das terras e vendê-las, mas não há quem as compre, porque ou já têm algumas e não podem cuidar de mais ou porque não têm possibilidades de pagar a quem lhes trate, ou ainda porque, cada vez é maior o número dos que procuram empregar-se na zona Sanatorial do Caramulo, no comércio ou na indústria.

No Guardão, a maioria das terras são de cultura. À sua volta, há pinhais e alguns baldios.

Heje em dia, os proprietários preferem ter pinhais a terras de cultura, porque aqueles lhes dão pouco trabalho e são rendosos, pois deles tiram a madeira, a resina, a caruma e as pinhas.

A maior parte das terras cultivadas e de mata, são de naturais da freguesia. Mas há alguns proprietários de fora, como por exemplo, a antiga casa nobre do Guardão e as suas propriedades, que são pertença do Visconde de Rio Torto, que as tem arrendadas e que não se interessa pelo seu amanhã.

Há muitas terras arrendadas, sendo os pagamentos feitos em medidas de milho ou feijão e cada vez mais, em dinheiro.

As terras são arrendadas ou porque os donos, não têm possibilidades de as grangear com rendimento, ou porque saíram da terra, ou ainda por se empregarem na Estância Sanatorial.

As terras de parceria são raras, porque quem as cultiva quer plantar nelas o que desejar e pagar ao dono, sem a preocupação de lhe dar a metade da colheita.

Normalmente as "belgas" ou terras, são separadas umas das outras, por uns muros baixos, ou "combros" e por vezes marcos de cimento, com as iniciais do dono. Geralmente junto aos muros de pedra solta, de granito ou xisto, fazem sébes de vinha.

O sistema de regas é engraçado. Há vários tipos de partilhas de águas:

- tipo tradicional, consuetudinário, cuja origem se perdeu nos tempos. Dá direito, a quem tem terras onde passa o regato, a utilizar a água a qualquer dia e a qualquer hora, desde o momento que a água não esteja guardada, que "não esteja tapada a poça", como dizem. Consideram "a poça tapada", ou quando

lá está alguém a marcá-la, ou se lá deixam algum instrumento agrícola, como por exemplo uma enxada ou a sachola. Este costume é respeitado por todos aqueles que usam o regato.

- Outro tipo de partilha de água é a da "água andada de cima e andada de baixo", que é com dias e horas marcadas, e cuja rega começa numa ponta das terras, que o regato percorre, e acaba na última, por onde recomeça outra andada da água em sentido contrário.
- Há ainda a partilha judicial, cujas normas estão escritas na comarca de Tondela.

Na altura das ceifas do centeio, da cevada, do milho e nas vindimas, há uma certa colaboração dos habitantes do lugar. "Dão por ajuda". Trocam trabalho. Na altura das debulhas, emprestam as eiras uns aos outros e ajudam-se, nas fainas. Também há os "que são rogados", normalmente os mais pobres, que vão trabalhar ao dia, única maneira de arranjar algum dinheiro. Os homens, na altura das sementeiras e vindimas, ganham 30\$00, a merenda e o vinho. As mulheres 20\$00.

Nas épocas de menor intensidade de trabalho ganham, os homens 25\$00 e as mulheres 15\$00, a merenda e o vinho. Trabalham 9 horas.

CATOLICA
 CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
 . Sistema de culturas
 PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

~~Na região não há pousio. As culturas sucedem-se, alternando-se. Na terra, anteriormente semeada de centeio, cultiva-se no ano seguinte, milho, etc.. Há, quem não possuía terras suficientes para poder variar e esse é forçado a cultivar o que lhe é mais necessário.~~

Há culturas que se associam. Assim, nas terras de vinhas, há quem plante batatas, na altura de descava. Sob as oliveiras e laranjeiras, há quem cultive o milho e o feijão e faça pequenas hortas.

Nas terras fracas, situadas na serra ou à borda dos caminhos, onde geralmente se cultivava o centeio, após o seu corte, lavram a terra e semeiam o milho, o feijão e algumas melancias.

Nas melhores terras, as das encostas e dos vales, muito irrigadas, cultivam o milho, o feijão e a batata. As culturas alternam-se.

As hortas dão-se em qualquer terreno, desde que tenham água.

Todo o ano as terras são revolvidas, adubadas, semeadas, para delas conseguirem algum rendimento.

Há muitos terrenos de pastagens. Geralmente após as colheitas, semeiam erva, que vai crescendo, até

nova sementeira. Muitas vezes, mesmo entre o milho, semeiam erva, que, à medida que vai crescendo, se vai cortando, até Abril, altura em que se deixa crescer, para dar semente.

Depois das sementes tiradas, corta-se a palha e semeia-se novamente erva.

Os lameiros são só terrenos de pasto, onde cresce espontaneamente o feno. Nos lameiros nunca se cava, vai-se só cortando o feno.

Os terrenos de pastagem têm diminuído, porque os baldios, onde anteriormente o gado pastava, foram entregues ao Regimen Florestal.

Produtos agrícolas

Os principais produtos da agricultura, no Guardão, são:

- o milho,
- as batatas,
- o feijão,
- o vinho,
- a cevada e
- o centeio.

O milho é a base da alimentação, assim como as batatas. Do milho fazem a broa, "o pão do serrano". Às vezes, à ceia, ou ao jantar, comem papas de milho, com umas couves.

Quando a maçaroca ainda está tenra, assam-na e comem-na, com broa.

O milho dá ainda pasto para os animais, a canusa, as bandeiras e o caule. Com as folhas, às vezes, ainda enchem os colchões.

O centeio é aproveitado para o fabrico de pão de centeio ou pão misto de centeio e milho.

A cevada é para alimento dos animais, principalmente dos suínos. Quando o milho não chega, juntam, para fazer a broa, um pouco de cevada, e centeio.

Nas hortas cultivam-se:

- os nabos,
- as cebolas,
- cenouras,
- alhos,
- couves e
- alface.

O Guardão produz à roda de 1.500 almudes de vinho, com uma gradação de 6º ou 8º, do tipo verdasco.

A plantação das vinhas tem aumentado. São geralmente vinhas baixas, de muro, dispostas "em cordões",

para separar terras ou degraus.

Há várias qualidades de uva:

- "a D. Branca",
- "o rabo de ovelha",
- "a Trincadeira",
- "o Bastardo",
- "a Fernão Pires".

Há algumas vinhas que são "oneiras", isto é, produzem um ano e estão outro sem nada darem.

No Guardão dão-se muito bem as oliveiras, mas ainda há poucas. Ultimamente começaram a plantá-las e já há algumas, que têm dado bom rendimento. Espera-se, dentro em pouco tempo, que o azeite produzido, chegue para as necessidades da terra. Há algumas que também são "oneiras", só dão de dois em dois anos.

Dada a grande altitude, e as condições climáticas, não há muitas árvores de fruta. Há algumas macieiras, pereiras, bastantes cerejeiras e um ou outro pessegueiro e poucas ameixoeiras.

Antigamente existiam grandes soutos, nesta região, cujas castanhas, eram o "pão dos pobres", como dizem. Deu-lhes uma moléstia que os dizimou. Presentemente o Regime Florestal está a fazer grandes plantações de castanheiros.

O milho e a batata, substituíram, na alimentação, a castanha.

CATOLICA
CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING
Trabalhos agrícolas

Todo o ano as terras são revolvidas, adubadas, sementeadas, num esforço constante de domínio do homem sobre a Natureza... mas quanta canseira e quanta dor e ansia: ...será um ano bom ou mau? virá chuva? e a geada queimará os rebentos?

Quando um terreno de mato se quer ganhar para as culturas, "rsteia-se" o mato, isto é, cava-se fundo e mexe-se a terra; se é para plantar bacelos, "mantela-se", isto é, cava-se mais fundo, removendo a terra de baixo para cima e vice-versa.

Quando é para cultivar o centeio, roça-se o mato, queima-se e com as cinzas, cava-se a terra e faz-se a sementeira depois. Chama-se a isto "uma cavada para o centeio". As grandes queimadas, enormes braseiras na escuridão da noite, fazem-se nas quentes e calmas noites de Agosto.

A vinha exige imensos cuidados e requer toda uma série de operações:

- 1º. - A descava - que por vezes começa em Novembro e prolonga-se até Janeiro. Consiste em fazer uma caldeira

ra à roda do pé da videira e cortar as raízes do pé. As folhas secas do Outono, tombam nestas covas e com a chuva apodrecem e fazem estrume.

2º. - A poda - nos fins de Janeiro, princípios de Fevereiro.

3º. - Segue-se a empa, o ligar das vides umas às outras e a estacas verticais, fazendo os "cordões". Realiza-se em fins de Fevereiro, Março.

4º. - Em Abril, cava-se a terra, mete-se estrume, alguns plantam batatas nos intervalos e tapam-se as caldeiras da descava.

5º. - Nos fins de Abril começam os trabalhos das curas:

- sulfatar em Abril;
- enxofrar em Maio;
- "derramam-se", em Junho, isto é, cortam as parras velhas, para os cachos apanharem sol e incharem.
- Em Julho é a "renda" a nova cava, e a colheita das batatas. Isto é mais ou menos pelo S. João.



CATOLICA

CRC-W · CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

A propósito destes trabalhos todos, há um ditado:

" A vinha é cavada em Abril,
E a renda pelo S. João.
Todos o sabem,
Mas poucos a dão."

6º. - Nos fins de Outubro, Novembro, chegando às vezes até Dezembro, fazem-se as vindimas.

7º. - A seguir pisam-se as uvas, e deixam-nas ferver um mês ou dois e só então se bebe e se vende.

A uva é espremida em prensas, ou pisada.
Há 4 prensas hidráulicas, e uma muito velha, de vara e peso, na antiga casa nobre do Guardião.

Há uns dez proprietários que, em anos bons, têm vinho todo o ano, e alguns ainda o vendem. Os mais ricos fazem uns 300 a 500 almudes.

A azeitona é apanhada à vara, ou "arrepigam-na", isto é, puxam-na à mão.

Em Junho, Julho e Agosto, são as grandes regas, em que os homens se chegam a levantar às 4 e 5 horas da manhã, para regar as suas terras e, muitas vezes, voltam à noite a regá-las novamente, andando nesta faina, desde as 19 às 20, 21 horas.

As debulhas fazem-se nas eiras e começam em fins de Maio, com o corte do centelo e acabam em Setembro ou Outubro, com a desfolhada do milho.

As eiras, algumas vezes, são naturais, quer dizer, aproveitam uma laje grande de granito, mas geralmente são construídas, com lajes de granito. São redondas e situam-se sob latadas de parreiras, nos pátios, junto às casas, ou então, no meio dos campos. Há 6 eiras no Guardão de Cima e 5 no Guardão de Baixo.

A palha é arrecadada nos palheiros e, quando não chove, fazem grandes medas, de forma circular, ou em forma de tenda, mesmo nos campos.

As espigas do milho, são guardadas nos típicos espigueiros.

Para as terras produzirem mais e melhor, estruturam-nas e adubam-nas.

O melhor adubo, segundo dizem, é o "esterco", o excremento dos animais, "com sua licença"!

Aproveitam ainda, como estrume, o mato roçado, que vão apanhar à serra, e que carregam às costas ou à cabeça. É um trabalho que geralmente é feito pelas mulheres.

Este mato, é metido nas lojas dos animais, onde, passados uns tempos, misturado com excrementos, está transformado em estrume.

Quando o mato, não cabe todo nas lojas, levam-no para uma terra, onde entremeiam camadas de mato, e de esterco, e assim conseguem bom estrume.

Como adubos empregam o sulfato de amónio e o superfosfato, para a batata; o amónio e a cal azotada para o milho; e o amónio e o nitrato, para os legumes.

Estes adubos são comprados na loja-taberna da terra, que vende tudo, e que, na altura do tratamento das terras faz movimentar muitas dezenas de contos, só em adubos.

PRINCIPAIS PRODUTOS DA AGRICULTURA E TRABALHOS AGRÍCOLAS

	Milho	Vinha	Batatas	Feijão	Cevada	Centelo
Janeiro		Faz-se a des-cava.				
Fevereiro		Podam-se e empan-se as videiras	Plantam-se			
Março		Continua a empa	Plantam-se mais batatas.			
Abril	Semeia-se.	2ª. cava e mete-se estrume. Sulfa-tam-se.		Semeia-se		
Maio	Semeia-se por vezes na terra de cevada	Enxo-fram-se as vinhas			Colhe-se.	
Junho	Semeia-se o último e sacha-se o primeiro.	Berra-man-se para o sol in-char os caehs.	Apanham-se as gomas			Colhe-se.
Julho	Rega-se	Nova cava e a "renda"	Apanha-se a batata			
Agosto	Regam-se e cor-tam-se as bandeiras.			Apanha-se		
Setembro	Colhe-se.	Começam as vindimas			Colhe-se o resto.	
Outubro	Colhe-se o último	Conti-nuam as vindimas			Semeia-se	
Novembro		As uvas são pi-sadas.				Semeia-se.
Dezembro						

. Alfaias agrícolas

A terra é lavrada com o arado e a charrua, e em beigas mais pequenas, só com a enxada.

A charrua de ferro reversível, ou "arabiça", como lhe chamavam, já não se usa, talvez há uns 20 anos, e a sua origem perdeu-se nos tempos.

Foi substituída pela charrua.

Não há máquinas, visto que não há capital para as comprar, pois são todos pequenos proprietários, a propriedade está muito dividida e o terreno é bastante acidentado, havendo muitas culturas em socalcos. Só há um tractor no Caramulo e uma debulhadora. Houve um lavrador do Guardão que a alugou, mas não se entendeu com ela e regressou aos processos antigos.

Como alfaias agrícolas, usam:

- Para as terras:

o sacho
e a sachola.



- Para o mato e caruma:

o gadanho.

- Para as debulhas:

a foice
e o mangual.

CRC-W · CATHOLICA RESEARCH CENTRE FOR

PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

- Para lavrarem as terras:

o arado
e a charrua.

LISBOA

O mangual é feito na terra, pelos seus proprietários. Consta dum pau longo - o cabo - que tem normalmente a altura do dono, e dum pau mais grosso - o pirtago - do tamanho do antebraço do dono, e que é preso ao cabo, por uma pega de cabedal.

Para os transportes, usam uns carros de madeira, puxados por juntas de bois ou vacas.

. Gados e Animais de capoeira

Como há bastantes terras de pastagem, lameiros e matas, há criação de gado, sobretudo suínos, cabras, ovelhas e vacas.

Os porcos são sempre criados nos currais e alimentam-se de farinha de milho, couves, nabos e lavadura. Quase todas as famílias do Guardão de Cima, e algumas, mas poucas, do Guardão de Baixo, têm o seu porco,

Normalmente compram-no, ainda leitão, ou "bácoro", como lhe chamam, por 300\$00, na Feira do Campo. Vão-o engordando e chegam a vendê-lo, conforme "a engorda", por 2 e 3 contos. Mas a maioria das pessoas, tem o porco para o matarem aí para Dezembro, Janeiro, para consumo próprio, ao longo do ano. Conservam o lombo em azeite e fazem os enchidos.

Há poucos rebanhos, e os que existem, são pequenos. Tem 6 ou 7 ovelhas e cabras. Vivem nos currais, mas saem a pastar para os montes. As crianças é que, geralmente, tomam conta dos rebanhos. Cada dono trata das suas ovelhas, e nos rebanhos há sempre um cão, mas que "não vira o gado". No Guardão de Cima há 3 rebanhos.

As vacas e os bois são animais que ajudam nos trabalhos agrícolas. As vacas dão o leite e as crias são vendidas ou nas feiras, ou para o matadouro da Estância.

O leite, uma parte é para alimentação das crianças e a outra parte é vendida a 2\$10 o litro, para a leitaria da Estância.

Assim, a vaca, pelo trabalho e alimento que fornece e ainda pelo estrume e venda das crias, é a animal mais útil aos serranos e todos ambicionam possuir um exemplar ao qual dedicam o maior carinho.

A lã das ovelhas vendem-na ou trocam-na por bu-rel, ou mandam-na fiar ou tecer para utilizarem no vestuário. Já não há ninguém que a fie com a roca, ou a trabalhe ao tear. Aqui há uns 10 anos, ao passarmos nas ruas toscas do Guardão, ainda víamos, nas soleiras das portas, embrulhadas nas típicas capuchas que lhes emolduravam o rosto progredindo e amarelado pelos anos, as velhinhas a fiarem a lã, nas suas rocas... e ouvia-se nalgumas casas o barulho ritmado do tear...

A pele dos carneiros, vitelas e cabras, são aproveitadas para sapatos e tamancos.

Há muita criação, sobretudo galinhas, coelhos, patos, gansos.

Há negociantes que, todas as semanas, vêm ao Guardão, compram os ovos e levam-nos para as feiras, de Tondela, Campo de Besteiros. Algumas vezes levam, também, galinhas, que pagam a 13\$50 o kg. Os ovos estavam a pagá-los a \$60.

• Vegetação e matas

Os terrenos de cultura têm-se mantido. Os maninhos e as serras, dada a altitude e a sua constituição geológica, só têm sido aproveitados florestalmente. Todos os baldios e maninhos pertencem à Junta de Freguesia, que os entregou ao Regimen Florestal, que neles está a fazer grandes plantações de carvalhos, abetos, pinheiros, acácias, cedros, etc..

Nos matos existentes nas zonas altas da serra, crescem espontaneamente a giesta, o tojo, a carqueija, as estevas, o carrasco, o alecrim, a urze, o rosmaninho, as silvas, os catraparreiros.

Há grandes matas que cobrem enormes extensões de quilómetros e quilómetros. Ao redor do Guardão só há pinheiros e eucaliptos. A plantação destes, a princípio era utilizada para dividirem as terras. Hoje está-se a desenvolver imenso, dada a sua grande aplicação na fabricação das fibras e pasta de papel.

. Caça

Neste mato e na floresta, há bastante caça, sobretudo coelhos, perdizes, rolas, pombos.

Raramente aparecem lobos. Quando se suspeita que andam perto, fazem-lhes batidas.

Aparecem, sobretudo no Inverno, algumas raposas. Dão-lhes caça para lhes aproveitarem a pele, e pelos danos que elas causam nas capoeiras.

Há bastantes caçadores amadores.

. A Indústria

O Guardão nunca teve uma grande indústria, pois é essencialmente agrícola.

Antigamente havia várias indústrias caseiras, como a fição, a tecelagem e a confecção de tecidos de linho e burel, com o qual se vestiam.

Havia rebanhos mais ou menos grandes e, em casa, aos serões, depois da lavagem da lã, cardavam-na e fiavam-na, e nos numerosos teares manuais, teciam-na.

Hoje em dia, deixaram-se destes trabalhos; as rocas estão pendidas a um canto e os teares pararam.

Podemos considerar como um rudimento de pequena indústria, duas carpintarias, onde trabalham alguns membros das famílias dos donos. Uma delas é muito rudimentar e só faz mobílias toscas. A outra, no Guardão de Baixo, é bastante boa e o mestre é extremamente habilidoso.

No Guardão de Cima, há um sapateiro.

No Guardão de Baixo, há um alfaiate que trabalha para toda a freguesia e ainda para alguns clientes de fora.

Últimamente têm-se desenvolvido imenso, os aviários. No Guardão há três grandes aviários; um no Guardão de Cima e dois no Guardão de Baixo, estes os maiores, um dos quais deve ter umas 5.000 galinhas.

Vendem os pintos e os ovos, aos comerciantes

que os revendem nas Feiras de Tondela, de Águeda ou do Campo de Besteiros.

Há uma moagem e um lagar, eléctricos, do mesmo dono, que aluga o motor à maquia, à razão de \$20 por unidade.

Ainda existe uma indústria caseira, a fabricação da broa. Todos têm o seu forno, onde uma vez por semana cozem o pão.

. O Comércio

Comercialmente o Guardão não tem nenhuma importância.

O comércio da freguesia, está todo centralizado na Estância Sanatorial - nas Paredes.

Só podemos considerar, com uma certa importância, a taberna do Largo, no Guardão de Cima, que, além do vinho, vende tudo, menos tecidos, desde mercearias, linhas, alfaias agrícolas, panelas, etc.. Na época das sementeiras, faz movimentar centenas de contos em sementes e adubos. O vinho lá vendido é do fabrico do dono. É agente dum Banco e dum Companhia de Seguros.

Como tem televisão, a sua loja é o ponto de reunião da terra.

As outras tabernas, duas no Guardão de Baixo e uma no Guardão de Cima, limitam-se a vender vinho e algumas mercearias, mas são fracas.

A população abastece-se do que necessita nestas lojas, sobretudo na loja do Largo, ou ainda nas Paredes, onde há um comércio bastante desenvolvido.

Vão muito às Feiras, vender ou trocar produtos.

Há uma Feira, no Campo de Besteiros, às primeiras 3^{as}. e 5^aa, feiras do mês. É uma feira grande, com muitas barracas, onde se vende de tudo, desde roupas a sementes, a alfaias agrícolas, gados, fruta, muitos plásticos, barros - os característicos barros pretos de Molelos.

Os produtos do Guardão - ovos, animais de caçoeira, fruta, batatas, broa, feijão verde e seco - trazem-nos a esta feira.

Há quem vá, também, às Feiras de Águeda e Tondela, mas como são muito mais longe, vão sobretudo à do Campo de Besteiros, que é, no dizer deles: "uma feira farta".

IV

OS HOMENS EM RELAÇÃO

- . Introdução
 - . Em relação com o mundo
 - . o trabalho; profissões exercidas
 - . vida de relação
 - . meios de comunicação
 - . correio - telégrafo - telefone -
- T.S.F. - T.V.
 - . meios de transporte
 - . Em relação com os outros homens
 - . Famílias tipo
 - . Famílias em que todos trabalham a
a terra.
 - . Famílias em que a mãe trabalha as
terras e em que o Pai e os filhos
estão empregados na Zona Sanato-
rial.
 - . Famílias em que todos estão empre-
gados na Zona Sanatorial.
- LISBOA
- . Vida Familiar
 - . os filhos
 - . noção de parentesco
 - . Habitação
 - . materiais empregados
 - . arquitectura das casas
 - . mobiliário
 - . condições de higiene
 - . Vestuário
 - . Alimentação
 - . bebidas
 - . Vida Social
 - . individualismo serrano

- . Tempos livres e locais de convívio
- . Festas e tradições
- . Vida Intelectual
 - . nível de instrução
 - . instrução
- . Higiene e doenças
- . Em relação com Deus
 - . A religião e o homem
 - . o movimento da Paróquia
 - . Obras Paroquiais
 - . Irmandade de S. Sacramento
 - . Adoração nocturna nos lares
 - . Apostolado de oração
 - . Referência a A.C. que não existe
 - . Catequese
 - . Vida moral



CATÓLICA

CRC-W · CATHOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

Introdução

O homem ao dar-se conta, vê-se perante o mundo e sente que tem de se mover, de trabalhar para conseguir o que quer que seja.

O homem cresce ao ultrapassar os obstáculos, enfrentando-os e removendo-os.

Assim, podemos considerar o homem numa tríplique relação:

- o homem e o mundo -

o homem que usando a sua inteligência exerce uma influência no mundo, modificando-o, transformando-o, "tornando o mundo mais mundo para o Homem", contribuindo assim para o seu progresso e bem estar e para o dos seus semelhantes.

- o homem e os outros homens -

o homem não é um ser isolado, "não é uma ilha", precisa de se encontrar com os outros, de com eles trocar impressões e serviços, de estabelecer uma vida de relação.

- o homem e Deus -

o homem ser finito e criado sente em relação ao seu criador uma ânsia de encontrar o fim para que foi criado, de viver numa vida de Deus, de Amor e de Verdade.

IV

O S H O M E N S E M R E L A Ç Ã O

• Em relação com o Mundo• O trabalho; profissões exercidas

No Guardão, o homem media-se dia a dia, ano a ano, com a terra dura de ser trabalhada, que ensopava com o suor do seu rosto. O serrano vivia da terra e para a terra.

Já no III capítulo falei da Agricultura e o que ela representa na vida económica do Guardão.

Vou-me deter um pouco, no trabalho dos que vão para a Zona Sanatorial e nas profissões exercidas.

Ultimamente, sob a influência da Zona Sanatorial, os jovens não querem trabalhar a terra. Procuram empregar-se, querem dinheiro, X por mês e tantas horas de trabalho... e a terra exigia mais que 8 horas, não dava um rendimento certo, e no laverno nada ganhavam.

Os homens que têm uma certa cultura e aspirações, empregam-se no Comércio. Mas a maioria não sabe ler nem escrever e esses só têm possibilidades nas obras-públicas (arranjo de estradas, etc.) e na construção civil.

Na Estância Sanatorial					
Profissões exercidas	Criados Sanatorios	Pedreiros	Caiadores	No Comércio	Criados em casas particulares
Homens	7	11	10	23	3
Mulheres	19	-	-	6	7
Total	26	11	10	29	10

Profissões exercidas	Fora da Estância Sanatorial					
	Alfaia-tes	Sapa-teiros	Marce-neiros	Criadas em Lisboa	Comércio Tabernas	Profes-sora
Homens	2	3	3	-	6	-
Mulheres	-	-	-	9	-	1
Total	2	3	3	9	6	1

A Estância Sanatorial é o local mais importante de trabalho. Como me dizia um velhote: "Ó menina, aquilo é melhor que o Brasil...dá trabalho a imensa gente, porque mesmo os que trabalham a terra no Inverno quase nada podem fazer...e nas Paredes há sempre um gancho que dê umas patacas...é a árvore das patacas...só não trabalha quem não quer!"

A Zona está em pleno desenvolvimento, e sob o ponto de vista económico é um bem.

A construção civil aumenta; abrem-se estradas; levantam-se pequenas indústrias: aviários, fábrica de farinhas, marcenarias, serrações.

A Sociedade do Caramulo tem um grande número de trabalhadores permanentes - pedreiros, caiadores, pintores, etc..

O trabalho feminino é muito o trabalho rural, - o servir nos sanatórios, ou em casas particulares, nas Paredes ou em Lisboa.

Os ordenados duma maneira geral são baixos, principalmente o das criadas dos sanatórios, tendo em conta o trabalho e o número de horas, às vezes 13 por dia.

O trabalho do campo é mais bem pago, porque há falta de mão de obra.

ORDENADOS					
	Criadas Sanatórios (1)	Pedreiros e pintores	Lavandaria (2)	nos campos	Criadas casas particulares
Líquido	254\$00	614\$00	363\$00	650\$00	300\$00 ou 250\$00

(1) e (2) - ordenado e comida.

. Vida do relação

O homem põe-se em contacto com o mundo que o rodeia e com outros homens, saindo do seu "buraco". Até há muito poucos anos, o serrano vivia na sua terra, ia à feira mais próxima, e desconhecia tudo o resto... Hoje em dia, graças à T.V., T.S.F., e meios de comunicação - estradas, camionetas, combóios - sai da terra e vai conhecer coisas novas.

No Guardão é certo todos os anos haver uma ou duas excursões, em camioneta, em que chegam a andar 8 dias por fora, passando geralmente por Fátima.

. Meios de comunicação

Com o desenvolvimento da Estância aparecem e aumentam os meios de comunicação.

A freguesia é servida pela estrada asfaltada de 2ª classe, nº. 230, que liga Tondela a Aveiro, passando pelo Campo do Besteiros, Guardão de Baixo, Paredes, S. João do Monte e Águeda.

O Guardão fica a 18 km a N.W. de Tondela, a 36 km a E. de Águeda e a 58 km também a E. de Aveiro.

Por Tondela tem assegurada a ligação com o norte, via Vizeu, S. Pedro do Sul, Castro Daire, Lamego; com o leste, via Vizeu, Mangualde, Fornos de Algodres, Celorico, Guarda, com continuação para Espanha, por Vilar Formoso.

Estas estradas são umas das melhores do País, devido ao facto, de terem por base o cascalho de granito; largas, asfaltadas e sempre muito bem cuidadas.

Por Tondela, faz-se a ligação com o sul, por Stª. Comba, Luso, Coimbra, ou pela estrada de turismo da Foz do Dão, Penacova, Coimbra, seguindo o Vale do Mondego.

Por Águeda faz-se a ligação com o norte e sul do País, pela estrada nacional nº. 1, Lisboa-Porto.

Do lugar das Paredes-Caramulo, sai uma pequena estrada de Turismo, de 4 km, que leva ao ponto mais alto da serra - o "Caramulinho" (1.072 m), donde se avista a Ria de Aveiro e, nas noites lípidas, o farol da Barra. Nesta mesma estrada, há uma pequena derivação, de 2 km, que vai ao Cabeço da Neve (970 m), monte granítico, que forma uma varanda natural donde se admira numa paisagem maravilhosa todo o verde vale de Besteiros, com as suas manchas esbranquiçadas das aldeias, que termina na massa imponente da serra da Estrêla.

Antes de S. João do Monte, tem a Estrada nº. 230 uma derivação para Vouzela, passando por Alcofra-Campia, passeio maravilhoso, sobretudo na altura da floração dos redodendros, plantas que neste vale têm o seu habitat natural.

Do campo de Besteiros, sai outra derivação, que atravessando o vale de Besteiros, por entre verdes laranjais, vai ligar a Mortágua na Estrada n.º.2, St.ª. Comba, Luso, Coimbra.

Dos lugares da Freguesia, só o Guardão, Paredes (Caramulo), Janardo, Ceidão, e Cadraço têm estrada que permita atingi-los de automóvel.

Os restantes lugares, são servidos apenas por caminhos para carros de vacas, que à custa dum esforço enorme, vão abrindo o leito na rocha.

Poveações há, como o Carvalhinho, em que na maioria, os seus habitantes vivem desafogados, que não querem estrada, com receio de que, em caso de força maior, o Estado, lhe requisite a lenha dos seus pinhais e matas, como sucedeu, durante a Grande Guerra, às terras bem servidas por estradas e em comunicação com os Caminhos de Ferro.

Assim, o Carvalhinho, prefere continuar a servir-se da antiga estrada romana, por onde só transitam carros de vacas, que o põe em ligação com as Paredes.

Para percurses a pé, e é o meio corrente e normal, desta gente se deslocar, utilizam caminhos abertos a corta mato.

Aprovado o respectivo projecto, começaram agora as obras de abertura duma estrada, que ligará o Caramulinho a Laceduras, Pedrógão e Jueus, donde seguirá para Malha Pão e Mosteirinho.

Nas Paredes (Caramulo) há 5 táxis, que são utilizados principalmente pelos doentes, T.P., que constituem a população flutuante da Freguesia.

Esta é servida pelas seguintes carreiras diárias de camionagem:

Itinerário	Partida	Chegada	Ligação com o Caminho de Ferro
	8 h	9,50 h	Ligação do ramal de
Caramulo-Águeda	Ao Domingo 16,35 h	18,25 h	Águeda a Aveiro, onde apanha o comboio da linha do Norte
	19 h	20,55 h	
Águeda-Caramulo	Só Domingo 11 h	12,55 h	
	9,10 h e	13,50 h	Ligação na Estação de Tondela (Linha do Dão) com os comboios da linha da Beira Alta.
	Só Domingos		
Caramulo-Tondela	11 h	12 h	
	16,20 h	17,35 h	
Tondela-Caramulo	7,50 h	8,50 h	
	14,10 h	15,10 h	
Caramulo-Vizeu	8,40 h e		
	19,05 h		
Vizeu-Caramulo	17 h		

As linhas de Caminhos de Ferro, utilizáveis pela população da freguesia do Guardão, são:

- Linha do Norte - até Aveiro, com ligação com o ramal de Aveiro a Águeda e desta por camioneta até ao Caramulo.
- Linha da Beira Alta - até St^o.Comba Dão, e desta pela linha do Dão, até Tondela, onde se toma a camioneta até ao Caramulo.

De Lisboa pode-se utilizar o Sud-Express, descendo-se em St^o.Comba e seguindo de táxi (150\$00) para o Guardão (42 km), numa viagem rápida de 4 h (saída de Lisboa às 14,45 h - chegada a St^o.Comba às 18,18 h - chegada ao Guardão às 18,45 h).

Ainda há uma carreira extraordinária, quinzenal, que serve a Peira de Tourigo, que faz a ligação do Caramulo ao Lugar do Barreiro e vice-versa.

Para irmos dentro do lugar do Guardão, de automóvel, há uma estrada da Junta de Freguesia em muito mau estado devido às chuvas do Inverno.

Os caminhos dentro dos dois aglomerados, Guardão de Baixo e de Cima, não permitem a passagem de carros, a não ser de vacas.

A rua principal do Guardão de Baixo é ainda em lajedo do tempo dos romanos. No Guardão de Cima, só há duas ruas largas que convergem no Largo.

LISBOA

• Correio - Telegrafo -
Telefonic - T.S.F. - T.V.

No Guardão de Baixo e no de Cima há caixas de correio em duas tabernas, estando a condução à estação na Zona Sanatorial a cargo dum rapaz da terra.

Há 4 telefones no Guardão, sendo um posto público.

No Guardão de Cima, na Taberna do Largo há televisão que tem sempre um grande número de telespectadores de todas as idades e sexos.

Há quase que uma telefonia em cada casa. Assim as pessoas estão bastante ao corrente do que vai pelo mundo, interessando-se sobretudo pelas notícias do Ultramar, porque há lá muitos jovens da freguesia em serviço de soberania; pelos romances dos folhetins e pelos relatos desportivos.

• meios de transporte habituais no Guardão

Normalmente as pessoas andam a pé. Há dois automóveis no Guardão de Baixo, sendo um do Sr. Prior. Há várias "motorizadas", (bicicletas a motor). Os carregos são feitos em carros de vacas ou à cabeça das mulheres.

• Em relação com os outros homens

• Famílias tipo

No Guardão, terra essencialmente agrícola, não nos aparecem classes sociais à primeira vista. A população mostra-se mais ou menos homogénea, com um baixo nível económico, debruçada sobre a terra, a gastar-se no seu amanho para conseguir alguma coisa para subsistir. Ultimamente dado o grande desenvolvimento económico da Zona, há cada vez mais empregos nos vários ramos do comércio e indústria, que a população do Guardão aproveita.

Vendo mais em pormenor e acompanhando mais de perto o viver daquela gente descobrimos diferenças bastante nítidas e características, que atribuímo, essencialmente, a diferentes níveis económicos, estes resultantes, por sua vez, da variedade de profissões exercidas, e que têm repercussões, sobretudo, na vida familiar.

Assim vou considerar três tipos familiares:

- 1º. Famílias em que todos trabalham as terras.
- 2º. Famílias em que a mãe trabalha as terras e em que o Pai e os filhos estão empregados na Zona Sanatorial.
- 3º. Famílias em que todos estão empregados na Zona Sanatorial.

• Famílias em que todos trabalham as terras

É o grupo mais numeroso. Aproximadamente 42,5 % das famílias do Guardão.

Neste tipo, todos, desde que tenham forças para pegar numa enxada, vão para as terras trabalhá-las.

Os pequenos deixam de ir à escola e não fazem os trabalhos escolares, a maior parte das vezes, porque foram

regar o milho, ou apanhar o feijão.

Fazem uma vida saudável ao ar livre. Levantam-se cedo, às 5,30 h, 6 h, no Verão e deitam-se cedo, à roda das 22 h.

Pouco mais fazem além do amanho das terras. Só aos Domingos e dias santos, quando o trabalho "não aperta", gozam de descanso e de algum tempo livre.

A economia familiar é comum. Há uma só bolsa. O Pai é o homem de negócios, a Mãe governa a casa, e educa os filhos.

Os filhos quando precisam de dinheiro pedem-no ao Pai.

Vivem do rendimento da terra e das trocas que efectuam; se têm milho a mais, trocam por burel, ou feijão.

Criam, normalmente uma ou duas ovelhas, porcos, uma cabra e uma vaca, que os ajuda nos trabalhos agrícolas, lhes dá o leite e as crias. Têm criação: galinhas e coelhos.

São as famílias mais equilibradas, em que a estrutura familiar é mais forte e sã; em que se ajudam uns aos outros, e em que tudo é comum.

Os filhos são respeitadores e mais ou menos educados, pois crescem junto dos pais e a mãe vai-os ensinando.

Os bebés, levam-nos as mãos para os campos, numa canastra à cabeça ou enrolados nas capuchas poisando-os, nas terras sob um chapéu ou à sombra duma árvore.

Os adolescentes, ajudam nas fainas agrícolas: vão ao "moine" apanhar urze, fiesta, mato, para o pasto e para as camas dos animais; ou vão levar o jantar aos pais e irmãos que andam a lavrar as terras. O grupo de trabalho e o grupo familiar confundem-se.

Não têm luxos, nem supérfluos, pois a terra dá-lhes mais ou menos o necessário, e o uso do dinheiro é raro.

..... LISBOA

Dentro deste tipo vou considerar uma família, composta pelo pai de 47 anos, a mãe de 44 e cinco filhos: dois rapazes, o mais velho com 18 e o mais novo ^{com} 9; e três raparigas, cujas idades variam entre os 16 e os 11 anos.

Possuem bastantes terras, que todos amam, mesmo o mais novo que ainda anda na escola.

Fazem boa vida de família e são bastante sãos e equilibrados. Vivem bem, relativamente. A casa é deles e está muito arrumada e limpa. Há uma certa beleza, nas flores campestres que enfeitam a casa, em copos de vidro e em latas!

A mãe é catequista. Tenta educar o melhor que pode os filhos que gosta de ter perto de si. Têm-lhe oferecido para a filha mais velha ir servir para Lisboa, mas ela não a deixa ir: "porque não sei o que é que ela irá aprender... e aqui está perto de mim!"

A economia familiar é comum.

. Famílias em que a mãe trabalha as terras e em que o Pai e os filhos estão empregados na Zona

Este tipo representa mais ou menos 20,5 % das famílias da terra.

É o tipo da família que tende lentamente para uma desagregação familiar.

Os homens vão trabalhar para a Estância Sanatorial e a mãe fica sobrecarregadíssima, com o trabalho dos campos e da casa. Descura a educação dos filhos, desleixa-se em relação à ordem e arranjo do lar.

Os homens vão trabalhar como pedreiros, pintores ou caiaadores; os rapazes procuram empregar-se no Comércio e as raparigas ou vão servir ou para aprendizas na costura.

Alguns rapazes entregam uma parte do dinheiro, que ganham e com a outra parte governam-se. A economia familiar deixa de ser comum.

As raparigas no mau ambiente dos sanatórios ouvindo as graças dos doentes, deixam-se encantar e põem de parte os princípios da sua educação moral e cristã.

Porque encontram outras condições de vida surgem novas aspirações, e quando voltam a casa, têm exigências de asscio e de luxo, gastando o "seu dinheiro" em extravagâncias; arranjam fatos, saias de terylene, sapatos de salto, cortam os seus fartos cabelos e estragam-nos com permanentes baratas.

Os filhos mais novos que durante um certo tempo ajudaram a mãe nos campos, querem também ter dinheiro na mão e procuram um emprego.

O ambiente familiar é muito livre, cada um "faz a sua vida", pois estão demasiado cansados e ocupados com os seus problemas para se incomodarem uns com os outros.

..... LISBOA

Vou considerar uma família constituída pelo pai de 50 anos, a mãe de 45 e sete filhos, cujas idades variam entre os 24 e os 7 anos. Os dois mais velhos estão casados e os dois mais novos ainda andam na escola.

O Pai é um homem dinâmico, muito trabalhador, com imensa iniciativa. É um chefe natural do lugar. Oficialmente é engraxador nos Sanatórios, mas hoje em dia, como são poucos os doentes que se dão ao luxo de engraxarem os sapatos, quase só ao Domingo exerce a profissão. Nas manhãs de Domingo, chega a fazer 30\$00. Nas horas vagas trabalha no que lhe aparece. Agora andava a ajudar a montar umas linhas dos C.T.T.. Trabalhava 8 h, ganhando 30\$00 por dia. Quando larga o trabalho, ainda vai granjear as suas terras e umas que tem arrendadas.

Na altura das Janeiras, pega no seu violino e à frente dum grupo coral, percorre as casas a dar as Boas-Festas.

A mulher é magra, franzina, mas decidida e trabalhadora. É ela, com a ajuda do marido, que granjeia as

terras. Os filhos estão todos, excepto os dois mais novos, empregados na Estância Sanatorial. Um é padeiro, outro está ao balcão numa mercearia, uma está a servir numa casa particular. Os mais velhos que casaram não vivem com os pais.

Têm criação e um porco.

A família ainda é unida, muito amigos uns dos outros, mas são bastante livres. Sobretudo as raparigas andam muito à vontade, tendo no entanto bastante respeito aos pais.

Entregam em casa uma parte do dinheiro que ganham.

Famílias em que todos estão empregados na Zona Sanatorial

Representam aproximadamente 37% das famílias do Guardão. É o tipo de família completamente desagregada. Cada um vai para o seu lado, a casa fica abandonada, portas abertas, os filhos pequenos todo o dia sós na rua. Crescem na chuva e no frio, choram com fome, andam meios despídos, rotos e sujos.

Quase todas ainda conservam um bocado de terra, que lhes dá umas couves, umas batatas e uns feijões. Levantam-se cedo, pois antes de irem para a Zona ainda vão regar ou cavar os campos, dar de comer ao gado e deixar o comer feito para, durante o dia, os filhos comerem... porque muitas vezes, quando regressam do trabalho à noite, já não têm forças, nem coragem para fazer a ceia... comem do que fizeram de manhã. Chegam a ter que meter na boca dos filhos o comer, pois estes muitas vezes já estão a dormir quando os pais chegam.

Em geral, só aos Domingos encontram os pequenos e podem estar um pouco com eles.

Na casa, sempre com as portas abertas - o que é uma característica da terra - misturam-se as crianças, as galinhas, os gatos num desafio a ver quem mais suja e estraga.

As casas estão desleixadas, sujas, só com o indispensável e mesmo este, em bastante mau estado.

Deixa de haver uma só bolsa. Cada um ganha para si e governa-se.

O Pai ao regressar do trabalho, para encontrar os amigos, para se distrair um pouco, entra na taberna, bebe um copo e outro e depois outro, e assim se origina mais um dos muitos casos de alcoolismo. O seu trabalho garante-lhe X por mês ou por semana e é certo mas começa a descurar as terras porque estas lhe exigem um esforço enorme e não é certo o seu rendimento.

O ambiente familiar normalmente é mau. Vivem esgotados, cada um virado para si, na ânsia de ganhar mais dinheiro; deixa de haver intimidade familiar, os serões em família são substituídos pela assistência à taberna da

T.V., ou por um sono reparador.

Vou considerar neste grupo, uma família constituída por oito pessoas. O Pai de 40 anos, um óptimo caiaador, mas alcoólico, que está quase sempre embriagado. Trabalha na Estância e devia ganhar 614\$00. Mas como a maior parte dos dias fica na taberna, não trabalha. Aqui discute com os outros e quase todos os dias há pancadaria e cabeças partidas. Tem conta aberta na taberna...que a maior parte das vezes é paga pela mulher!

A mulher tem 45 anos, gastos numa vida de trabalho, como criada no Grande Sanatório. É muito boa empregada, chegando a trabalhar 13 horas por dia...Teóricamente tem direito a uma folga por semana, mas a maior parte das vezes, porque há muito trabalho, não descansa! Nas folgas, antes de pegar e depois de largar o trabalho, ainda vai grangear as suas terras. Deixa a comida feita para todo o dia, quando sai de manhã às 8 h..Ganha, líquido, 254\$00 e tem 5 abonos de família de 50\$00, pelos 4 filhos menores e pelo pai, que está a seu encargo. A filha mais velha de 20 anos está empregada na Zona Sanatorial, na lavanderia, e ganha líquido 363\$00. Ela e a mãe governam a casa, pois o pai do que ganha não dá nada à mulher.

Uma capitação elevada e se fossem equilibrados podiam viver razoavelmente. Mas a vida desregrada do chefe de família, origina constantes desequilíbrios económicos.

Os três rapazes andam na escola e são todos mais ou menos atrasados, talvez fruto do abandono em que vivem e do alcoolismo do pai que, dominado pelo vício, gosta de ver os filhos a beber e insiste para que bebam, inclusivé com a mais nova de 4 anos!

Isto origina um mau ambiente familiar: gritos, cenas de pancadaria, palavrões. Os filhos não têm respeito a ninguém, mas têm medo do pai, pois este só resolve os seus problemas educativos com a correia na mão!

A casa está a cair, muito suja e desleixada, as paredes esburacadas e riscadas.

. Vida familiar

É na família, base da sociedade, que começa a vida de relação. É nela, através, geralmente da mãe que se descobre, que se inicia a relação com Deus, Pai e Criador.

Queria, apóndo-me nas famílias tipo, deter-me um pouco na vida familiar.

Duma maneira geral o Pai é o chefe de família, o detentor da autoridade, que exerce consoante o tipo familiar.

Assim, na 1ª.família, o pai é quem orienta os negócios; a mãe governa a casa e educa os filhos. Os proble-

mas familiares e negócios importantes, são vistos em família, quer dizer pronunciam-se, além do pai e da mãe, os filhos mais velhos.

Nestas famílias, de tradições mais arreigadas e duma vida cristã mais intensa, ainda é costume à noite, após a ceia, o pai, em nome de todos, dar graças pelo dia que passou e rezar pelas almas, pelos pobres e pecadores.

Os filhos respeitam os pais e ainda hoje se vê os pequenos beijarem-lhes as mãos depois do que aqueles os abençoam.

No 2º. tipo de famílias, a autoridade paterna está um pouco diminuída, visto cada um fazer a sua vida e nem sempre encontrar um bom ambiente, nos locais de trabalho, o que o afasta dos seus princípios tradicionais.

No 3º. tipo familiar que apresentei, a autoridade paterna está completamente de rastos.

A mãe é que normalmente é o chefe. O pai chega tarde e cansado do trabalho, e só quando há assuntos graves a resolver é que se impõe. A vida de família é quase inexistente neste grupo. Cada um faz a sua vida - e governa-se como pode.

As uniões entre os serranos são estáveis. São todos casados pela Igreja. Não há divórcios nem separações.

Há algumas uniões ilegítimas, mas de pessoas estranhas à terra que servem ou utilizam a Zona Sanatorial.

Há duas prostitutas no Guardão de Baixo e quatro no Guardão de Cima. São 6 raparigas da terra, que, muito novas foram enganadas por doentes da Zona e, abandonadas à sua sorte, continuam a "servir" os doentes e outras pessoas da Zona que as procuram.

Nos últimos anos a limitação da natalidade tem aumentado imenso. Há um médico duma vila próxima que colabora e há uma mulher de fora que é especialista em abortos e que vêm à terra, "trabalhar".

Defendem o aborto dizendo que "no começo não é matar, não tem alma".

Os casais novos dizem: "nós não queremos mais que dois filhos, porque depois não os podemos educar, e para eles andarem de enxada na mão, não vale a pena!"

. Os filhos

As famílias são numerosas. A média é de 3 filhos por casal (17,8 %).

As crianças crescem mais ou menos sòzinhas e cedo se habitua a governarem-se por si.

Duma maneira geral a mãe é que educa, pois ainda é quem tem mais tempo livre, e o homem considera-a a educadora. Ele infunde respeito e "entra em vias de facto".

Os irmãos de 5 e 6 anos é que tomam conta dos bebés...A filha mais velha da 3ª família que eu considere, quando tinha 6 anos, levava todos os dias o irmão bebé, à mãe, às horas das mamadas. Fazia o mesmo caminho, do Guardão, ao Grande Sanatório, 4 vezes ao dia, quer estivesse Sol ou chuva, sucedendo o mesmo com outras famílias.

Quando voltam da escola, não têm ninguém em casa, que os faça estudar ou ensinar! Muitas vezes, em lugar de os mandarem estudar, mandam-nos aos recados, pois esta gente considera mais importante os filhos trabalharem que saber ler ou escrever! Há pequenos que quando vão para a escola de manhã, já foram cortar mato e pasto para os animais, e buscar água à fonte!

Quando acabam a vida escolar, aos 13 ou 14 anos (há muitos que não conseguem fazer o exame de 4º.), vão trabalhar para a Zona Sanatorial ou nos campos. A adolescência é duramente passada a trabalhar, sem tempos livres, sem serem ajudados no seu crescimento, nem sequer pela Igreja, pois não há nenhum organismo juvenil que os enquadre.

Vão entrar sós em contacto com a vida fácil e brutal dos Sanatórios, com a imoralidade e a injustiça!

Dai, o namoro ser desedificante e normalmente acabar mal. Há uma mentalidade livre quanto ao namoro e ao casamento. Os casamentos dos que trabalham na Zona, são sempre mais cedo. Os que ficam na terra, só casam à roda dos 30 e tal anos.

Os rapazes ao escolherem uma rapariga avaliam os seus haveres. O factor económico pesa.

Duma maneira geral, salvo honrosas excepções, as raparigas quando casam já não são virgens...casam à pressa "para darem um pai ao filho".

Isto vê-se no dia do casamento, pois não levam nem coroa nem ramos de flores de laranjeira.

O namoro não é demorado, mas não impede que seja pouco digno.

Os pais deixam os filhos muito livres...

Não há nenhuma preparação para o matrimónio nem tradições.

Muitas vezes, se são do mesmo lugar quando casam e não têm casa, continua cada um a viver na casa dos seus pais. A pouco e pouco vão construindo e montando a "sua casa".

. Noção de parentesco

Nesta região da Beira, normalmente são todos "primos" ou "sobrinhos".

No Guardão esta noção de parentesco é bastante viva. É corrente, quando perguntamos a um pequeno como

~~ele~~ se chama, ele dizer-nos: "sou fulano, filho de sicrano e primo de beltrano, ou da família tal".

No Guardão de Baixo houve uma família donde derivam todas as outras.

No Guardão de Cima há 4 grandes famílias.

. Habitação

. Materiais empregados

A casa é muito um reflexo da vida dos seus moradores. Estes dão a alma à casa.

Vou deter-me um pouco no capítulo habitação, considerando esta em geral e em particular relativamente a cada tipo familiar apresentado.

Vista a certa distância a povoação apresenta-se como uma mancha escura sobressaindo do verde dos campos.

Em quase toda a aldeia as casas são construídas de grandes blocos de granito, já enegrecido pela chuva e pelo tempo, sobrepostos e sem ligação de massa entre si. Há algumas casas sem fundações, assentando directamente na pedra que aflora. Por vezes se a pedra é alta serve de empena a que encosta o resto da construção.

Hoje em dia fazem as casas novas de tijolo, porque é mais rápido e mais barato, tendo ainda a vantagem de as tornar mais quentes. Estas casas novas constróem-nas na periferia da parte antiga, na entrada e saída da terra.

LISBOA

. Arquitectura das casas

Normalmente as divisões para habitação ficam no 1º andar e no andar térreo há as lojas, a arrecadação, a adega, o lagar e os currais.

Ali guardam as alfaias agrícolas, os pastos, e no curral, os animais. Estes servem com o seu bafo e os vapores desprendidos pelo "ferver dos estrumes" de chafage central.

Os pavimentos são de madeira, que assentam em pesadas traves, muitas vezes de carvalho e de castanho. Dá acesso ao 1º andar, uma escada exterior em granito a céu aberto, que termina, por vezes, numa varanda corrida, ao longo da frente da casa.

Os telhados pouco inclinados, são de duas águas, com telhas antigas de canudo, já descoloridas, que assentam directamente nas traves. A maioria dos habitantes, como precaução contra as nortadas, seguram as telhas com pedras.

Antigamente havia muitas casas de habitação, com telhado de colmo, seguro com pedras e troncos.

No Guardão já não existe esta cobertura, nem mesmo nos currais. Mas na freguesia, nos lugares do alto da serra, ainda há currais e algumas casas de habitação, dos mais pobres, cobertas de colmo (no Cadraço, no Caselho, em Jueus).

Por fora, as casas são escuras, de granito enegrecido e já com líquens e musgos agarrados. As casas de tijolo novas, a querer imitar os "chalés" da Estância, são caiadas de branco e com os caixilhos das janelas e as portas pintadas. As portas e janelas das casas antigas são de madeira, já carcomida pelo tempo, e sem pinturas.

Têm só uma porta. À entrada há uma sala pequena, para onde deitam as portas dos dois quartos, que normalmente todas as casas tem, e a porta da cozinha. Esta é a divisão maior da casa, onde se junta a família, à noite, para comer, conversar e trabalhar, enquanto se aquecem à lareira! Como defesa contra o frio e por falta de higiene, as cozinhas não têm chaminé. O fumo aquece e enxuga as roupas e os corpos, quando, no Inverno, se apanham grandes molhas. O fumo concentra-se e cobre tudo, - (as pedras, as paredes, os móveis), - duma cor escura, e põe um cheiro desagradável, áspero, mas característico, nas roupas e nos corpos.

Saindo através da telha vã dos telhados fica pairando sobre a povoação, envolvendo-a à hora do jantar ou da ceia, dum mento de neblina que à distância a localiza.

As lareiras são de duas espécies:

As mais antigas, formadas por lajedo num plano a uns 20 a 50 cm. inferior ao sobrado. A toda a roda, o sobrado faz um degrau, onde se sentam, quando está muito frio, e onde comem. A fogueira é feita no lajedo.

As outras lareiras, mais modernas, são sob o forno do pão.

A cozinha, nunca é caiada, nem rebocada. São sempre pretas do fumo.

Os quartos, normalmente são dois, um para as raparigas, outro para os pais; os rapazes, se os há, dormem na cozinha, ou nas lojas.

São pequenos, têm as paredes estucadas e caiadas de branco. O chão é de madeira e no tecto, as traves estão a descoberto. Entre o tecto dos quartos e o telhado, há um sótão que é aproveitado para arrecadação.

As casas pegam umas nas outras, com a parte da frente dando para os caminhos. Quase todas têm um pátio, onde existe a capoeira, onde guardam o carro das vacas (quem o possui) e onde normalmente se situa a eira.

Alguns pátios são cobertos por uma latada de vinha.

Há talvez umas 10 famílias que não têm casa própria. Todas as outras têm a sua casa, maior ou menor, mais ou menos bem arranjada, conforme as suas posses e a sua ordem.

Assim, no 1º. tipo de família considerado, a casa estava muito limpa e bem arranjada. É pequena e tem a arquitectura comum. Os rapazes dormem num recanto da cozinha.

Tinham flores dos campos em copos de vidro sobre a mesa e junto ao Coração de Jesus, que pendia duma parede.

Não têm pátio. Como instalações sanitárias, usam uma fossa, na vinha por trás da casa. Não têm água canalizada nem electricidade.

No 2º. tipo considerado, a casa é muito pequena, o pátio é logo à entrada, na frente, e as lojas não estão sob a parte habitada, mas sim ao lado. Tem uma varanda corrida à frente, para onde dão a sala e casa de jantar e a cozinha. Os dois quartos deitam para trás. E no sótão, ainda tem outro quarto.

Esta casa, não é da família, mas sim alugada, juntamente com umas terras, por 1.400\$00 ao ano. Está bastante suja e desmazelada, a cair aos bocados, mas não fazem obras nem se interessam, porque a casa não é deles, e porque a mãe não tem tempo para cuidar do arranjo e limpeza.

No 3º. tipo familiar, a casa está completamente abandonada, e entregue aos pequenos e aos animais: galinhas, gatos, etc... As paredes sem estuque, todas riscadas e escritas, os sobrados sujos e encardidos. A loiça, só a indispensável, um prato e uma malga a cada um, toda falhada e rachada. No piso térreo, há as lojas, onde têm o gado. A planta da casa é igual às outras. A única diferença é que o quarto das raparigas, é pegado com a cozinha e só separado por um tabique, que não vai até ao tecto.

Não tem nenhuma instalação sanitária e, assim como o 2º. tipo estudado, vão às vinhas quando precisam de fazer as suas necessidades.

. Mobiliário

Na cozinha, e sempre à la-reira, há uma ou duas panelas, cujos tamanhos variam conforme a família é grande ou pequena, mas cujo feitio é sempre o mesmo. É a característica "tripé", feita em ferro preto.

O armário, único, enegrecido pelo fumo e carcomido pelo caruncho, algumas vezes feito em óptimo

castanho, é aberto em baixo, junto ao chão, para que fiquem à mão dos pequenos, as tijelas, ou "malgas" em que comem sempre.

Os pratos só saem, nos dias de festa. A loiça melhor, e os copos "de agua-reia" (com barras de cor), estão guardados no armário que se encontra na sala, em cima duns paninhos bordados ou com rendas.

Comem em mesas compridas e sentam-se em

bancos corridos ou sobre as arcas onde guardam a broa e alguma mercearia.

Do tecto da cozinha pende um pau vertical com umas tantas ripas horizontais, desencontradas, onde secam os enchidos e onde fumam a carne.

Nos quartos, limitam-se a ter uma cama larga, de ferro, uma arca, onde guardam a roupa e uma mesa de cabeceira. Em todos os quartos há um Cristo, imagens folclóricas de santos, ou o Anjo da Guarda, atrás duns meninos cheios de laçarotes, loiros e gordinhos.

A sala é a parte menos útil da casa, só servindo para dar passagem para os quartos e de casa de jantar nos dias solenes. Aqui há normalmente uma mesa vulgar, coberta com uma toalha, onde põem uma jarra, com flores de plástico, ou com flores dos campos, conforme o gosto. Num canto da sala há um armário com vidros, onde guardam as coisas melhores, o faqueiro, e o serviço de loiça e de vidros, que só servem nas festas grandes. Junto à mesa e nos cantos há as únicas cadeiras da casa, umas 4 ou 5, de pinho envernici-

zado, com floreados talhados. Das paredes pendem, o retrato do Pai e da Mãe, quando eram novos, todos endomingados e muito penteados, e quadros feitos de postais, onde se misturam paisagens verdejantes com os anjinhos de Fra Angélico e com a Senhora de Fátima, tão da devoção da terra.

Agora, nas casas novas, vêem-se muitas mobílias de casa de jantar e de quarto em contraplacado.

Duma maneira geral as casas estão bastante abandonadas e pouco limpas. Os sobrados são de esfregar, mas como vêm dos campos com os pés com terra e molhados, sujamos-nos. Têm pouco tempo para cuidar da casa; os trabalhos das terras absorvem-nos muito.

Na terra há 20 casas com luz eléctrica. A maior parte ainda se ilumina ou com candeeiros de petróleo, ou de azeite. Só uma casa, a da taberna do Largo, tem água canalizada. Todos os outros têm que ir à Fonte, isto no Guardão de Cima. No Guardão de Baixo, há duas casas com água canalizada, e com luz eléctrica, há 15.

O mobiliário, que resumidamente descrevi, é comum a todas as famílias que considerei. A 3ª família tinha tudo estragado e extremamente sujo. Só tinham duas cadeiras inteiras.

A 1ª e 2ª família possuíam uma máquina de costura.

Na 1ª família a sala é usada como sala de costura e às vezes as reuniões familiares são ali.

CATOLICA

. Condições de higiene

As casas não têm esgotos, nem instalações sanitárias. As pessoas vão às vinhas ou pinhais fazer as suas necessidades. Os mais evoluídos, quando muito constroem junto às suas casas, ou nos campos, ou sobre os currais, um cubículo com uma pia.

Usam pouco a água, porque é fria e porque têm que ir à fonte buscá-la. De manhã, esfregam a cara, o pescoço e os braços, até onde a camisa arregaçada e permite.

A falta de isolamento dos currais, sob as casas, é um foco de parasitas, e o ar é poluído pelas emanções do estrume.

Normalmente a porta da rua está sempre aberta, e as galinhas, os cães e os gatos passeiam pela casa, e chegam a ir comer às panelas.

É usual as crianças, que andam sempre sujas, terem piolhos e pulgas. Só ao Domingo andam bonitas, penteadas e limpas.

. Vestuário

Hoje em dia já não há na terra, ninguém com traje regional. A única peça de vestuário, típico, que se mantém, é a "capucha", feita em burel castanho, ou preto. Tem duas alturas, que se cortam a jeito, e em baixo fica redonda. Tem uma só costura. Na cabeça, uma tira, faz a pala: "o capucho". Usam a capucha sempre, mesmo no Verão.

As mulheres agora usam uma saia e uma blusa ramalhuda, de tecido ou muitas vezes, e é um luxo, de nylon. No Inverno a capucha por cima, e, para os dias de festa, um xaile, de lã ou seda. Na cabeça "botam" sempre um lenço de ramagens, geralmente castanho e encarnado, ou preto, que lhes cobre o cabelo, apanhado numa trança que enrolam à volta da cabeça.

Nas raparigas novas, nota-se uma grande influência da moda, vinda da Estância do Caramulo. Saias curtas, de pregas, e blusas, e já usam muito os fatos inteiros. Não põem lenço na cabeça e algumas já usam o cabelo curto, com permanentes.

As pessoas empregadas na Estância, andam sempre calçadas, mesmo quando vão para as terras, sachar ou ao mato, pondo algumas vezes sapatos com salto.

Normalmente as pessoas da terra andam descalças, ou então com umas tamancas, com base de madeira, alguns trabalhados, com um salto de 2 ou 3 cm.; por cima pergamão-de, ou cabedal e ultimamente, o mais chique, de plástico colorido.

Os homens, por vezes usam botas atacadas, de cabedal, com sola cardada ou de borracha. No Inverno, está a generalizar-se o uso das botas altas de borracha.

As calças são geralmente em cotim riscado, com uma blusa de riscado, normalmente escura.

Usam também capuchas, por cima da boina, com que todos tapam a cabeça. Só aos Domingos usam, "para ver a Deus", o chapéu, e o seu fato domingueiro, calças e casaco do mesmo tecido, camisa branca e gravata.

No Inverno, põem camisolas de lã branca e áspera de ovelha, que, até há pouco tempo, era fiada em casa, com uma roca aos serões ou enquanto, nos montes, tomavam conta do gado.

No Inverno, a região é muito fria, e, sobretudo as crianças, como não têm roupa suficiente para se agasalharem, sofrem bastante.

Como era o traje regional da terra?

Nas mulheres Usavam uma camisa com mangas compridas, a maior parte, de linho que cultivavam e fiavam. Por cima punham o corpete. Tinham um saiote encarnado, debruado a preto. A blusa era de fantasia, com gola alta, abotoada ao lado, com três botões no ombro esquerdo. A saia de fora, era em "ar-

mur", preto com ramos da mesma cor do tecido, mas em relevo, tinha por dentro uma bainha larga, postiça, e era debruada em baixo.

Por cima da saia, usavam sempre um avental, mais ou menos enfeitado, com feitiços ou rendas.

As meias eram de lã ou de algodão e eram feitas em casa, com 5 agulhas de tricot. Eram atadas com fita de atilho, sob os joelhos. Havia quem pusesse só canhões nas pernas e deixasse os pés descalços.

Só se usavam, como calçado os tamancos, como os de hoje.

A cabeça era sempre tapada com um lenço, atado sob o queixo, ou atado atrás a agarrar a ponta caída.

Por cima disto tudo, "botavam-lhe" a "caputcha" como lhe chamam. Esta, nos dias muito solenes, de festa, e para quem o tinha, era substituída pelo xaile.

Nos homens

As calças eram de burel, estreitas, afuniladas, com bolsos metidos de cima e por fora. Tinham uma cinta de pano preto, com franjas e davam um nó, deixando cair as pontas. Os casacos eram rachados atrás e chamavam-lhes "os homens das labitas".

As camisas eram de linho, mas nas partes visíveis, isto é, colarinho, punhos e peito, aplicavam-lhes riscado.

Na cabeça usavam uns barretes de lã pretos, como os dos saloios, com a borla caída para a frente. Enter-ravam-nos até às orelhas e aos olhos, por causa do frio. Todos, mesmo os rapazes, usavam estes barretes.

Os tamancos eram de madeira re- virada à frente, cardados, com brochas de ferro. Em todo à volta, pregavam-lhe uma tira de lata, para os proteger.

~~Há um lugar da freguesia do Guar-~~ dão, o Caselho, perdido no meio da serra, sem comunicações e caminhos, em que ainda conservam alguns dos hábitos an- tigos, havendo habitantes que usam o traje regional.

No 2º.e 3º.tipo de famílias que estudei, já há uma grande influência da Estância na maneira de vestir. Só usam as capuchas quando chove. As raparigas têm saias de terylene, blusas de nylon e conjuntos de lã. Andam sempre calçadas, e nos dias de festa põem os sapatos de salto alto e as meias de seda.

Os rapazes e os homens usam camisas T.V., gra- vata e pulovers de malha. Andam sempre calçados.

Na 1ª.família, conservam ainda a maneira tradi- cional de vestir.

. Alimentação

Visto a população do Guardão ser essencialmente rural, a terra que cultivam com amor, dá-lhes uma grande parte dos produtos alimentares.

Assim, a base da alimentação é o milho, as batatas, o feijão e o vinho - que podemos considerar produtos da região -; e o bacalhau, a sardinha, o arroz e a massa - produtos importados para a região.

No Verão ainda comem fruta - ameixas, cerejas, maçãs, figos, peras, uvas, que colhem nos seus quintais.

Os alimentos mais consumidos, são:

- a broa de milho, que comem a qualquer hora, só, ou com conduto - broa com sardinha, com azeitona, com chouriço;
- as batatas, quase sempre cozidas;
- o feijão, em todas as sopas;
- a sardinha, quase todos os dias;
- algumas vezes o bacalhau e a carne de porco;
- só nas festas ou por doença, matam criação.

Normalmente os produtos da região são de boa qualidade. Os outros alimentos raramente são frescos - a sardinha e o outro peixe: chicharro e carapaus, "Joaquinsinhos", são salgados, assim como a carne que é guardada para todo o ano.

A quantidade de alimentos normalmente satisfaz as necessidades, ou porque as pessoas cultivam as terras e grangeiam o suficiente ou porque trocam o que lhes excede pelo que lhes falta.

Entre vizinhos "dão por troca", quer dizer um troca vegetais por batatas que o outro tem a mais.

As ementas variam pouco, pois não têm tempo para grandes cozinhados e não sabem fazê-los.

A sopa de feijão branco ou encarnado, ou de batata engrossada com arroz, massa ou couves, é feita logo de manhã e fica para todo o dia.

As vezes para dar mais sabor deitam-lhe "unto", dos porcos que mataram, ou da Cáritas, que aqui tem um posto de distribuição.

Quase todas as refeições de garfo, metem batatas cozidas com casca, que comem só, ou que acompanham a sardinha, ou o bacalhau. Raramente comem guisados. As galinhas, que todas as famílias criam, só são comidas em caso de doença ou de festa.

Tem 5 refeições por dia, mais ou menos com intervalos de 3 a 5 horas.

Refeições	Ao Levantar	Ao Almoço	Ao Jantar	À Merenda	À Ceia
Horas	As 5 ou 6 h da manhã	As 8 h	As 12 h	As 16 h	As 21 h
Ementa	No Verão bebem vi- nho. No Inver- no, a- guarden- te. Pão com sardinha	Vinho. Batatas cozidas ou fei- jão ou grão com sar- dinha ou baca- lhau.	Sopa. Vinho. Um gui- sado de carne ou baca- lhau com ba- tatas ou grão	Vinho. Um naco de pão com azei- tenas, chouriço ou sar- dinhas.	Sopa. Vinho. Batatas com chou- riço, presunto ou porco
Local	Em casa	Nas fa- zendas.	Nas fa- zendas.	Nas fa- zendas.	Em casa

Desta alimentação bastante deficiente em vitami-
nas - pois os alimentos não são muito frescos e comem
pouco verdes -; fraca em prótidos - (só os comem quando es-
tão doentes ou precisam de super alimentação) -; falta de
açúcares -; (só os ingerem ao café e o que as frutas con-
têm) -; resultam certos distúrbios alimentares, como:

- doenças de pele - sobretudo nas crianças que
aparecem com o corpo cheio de feridas. As pregas do corpo,
como no nariz e nas orelhas, abrem fendas, que supuram.
O álcool (no vinho e aguardente) e o milho (na broa), as-
sociados, também provocam afecções de pele.

Encontram-se bastantes casos de raquitismo.
- proeminência do abdômen, deformações ósseas no esquele-
to - devido a uma carência enorme de cálcio e da vitamina
D.

Há ainda perturbações gástricas e intestinais,
diarreias e úlceras.

A carência de vitaminas vegetais e de todos os
frescos de origem animal, é compensada pela fruta que co-
mem e pelo Sol que apanham na vida que fazem de ar livre.
Os cereais que ingerem fornece-lhes a vitamina B.

Na alimentação do serrano há um excesso de gor-
duras e de hidratos de carbono sob a forma de amidos, e
uma carência de prótidos.

A alimentação que considerei no geral, é comum
a todas as famílias que estudei. O que varia é a maneira
de a confeccionar...melhor ou pior, com mais ou menos hi-
giene.

• Bebidas

Como há bastante vinho, é normalmente isto que todos bebem para refrescar a boca, a qualquer hora do dia, principalmente se andam a trabalhar nos campos.

A aguardente é muito apreciada, sobretudo no Inverno, para aquecer, chegando ao ponto de a darem às crianças, que às vezes, chegam à escola aos bordos ador-mecendo nas carteiras.

Logo de crianças há pequenos que se habituaram a comer sopas de vinho.

Há muitos alcoólicos e grandes bebedeiras, que acabam quase sempre em rixas e pancadaria.

O alcoolismo, além dos problemas económicos e familiares que levanta aqui no Guardão, têm grande repercussão no desenvolvimento intelectual das crianças, que, duma maneira geral, são pouco espertas, indolentes, alguns atrasados mentais.



• Vida social

CATÓLICA

• Individualismo serrano

Pode-se dizer que não há antagonismos nem classes diferenciadas. Todos se dão e se ajudam, ainda que de vez em quando se batam por causa das águas das regas. Mas ainda que se ajudem nas alturas de maior trabalho nos campos, são tremendamente individualistas: - "dão por ajuda". Ajudam-se para que os ajudem.

Vivem bastante virados para si, fechados no seu mundo, talvez porque a vida é dura "são tentados a cuidar demasiado das suas necessidades e pouco dos interesses comuns e universais". (1)

Não se associam, ainda que seja para daí tirarem algum benefício.

Por exemplo: no Guardão de Cima não há iluminação nas ruas. Mas já há umas casas com luz. Seria relativamente fácil fazerem derivações e instalarem luz nas ruas. O chefe do 2º. tipo familiar considerado, andou de porta em porta a pedir para colaborarem, mas nada conseguiu e as ruas continuaram às escuras.

Outro exemplo: as mulheres do Guardão de Cima, queriam um tanque para lavarem a roupa, o que seria fácil de fazer, pois há o material e os especialistas... mas ainda ninguém se mexeu para o fazer... "não é para mim, os outros que se arranjem"!

(1) - Pio XII, num discurso.

No caso da cantina escolar houve a mesma reacção. Não foi possível levá-los a uma colaboração: "se derem alguma coisa ao meu filho muito obrigado, mas nada pedimos"! Porque os pais não colaboram, as professoras desinteressaram-se e a cantina está em vias de fechar, porque nem sequer os subsídios pediram!

• Tempos livres e locais de convívio

São poucos os tempos livres desta gente laboriosa, que muitas vezes ainda trabalha de Sol a Sol.

Durante a semana, só à sexta e aos serões descansam e aproveitam para arranjar as alfaias agrícolas.

Aos Domingos e dias santos, quando o trabalho não aperta, descansam. Mas na altura das sementeiras e das regas, nem ao Domingo deixam de labutar.

As pessoas que trabalham na Zona, é nas folgas que grangeiam as terras. Variam de trabalho, mas não descansam!

Os locais de convívio da terra são as tabernas, principalmente a do Largo, no Guardão de Cima, que tem T.V., chegando a ter 50 telespectadores, de todas as idades, homens e mulheres.

Entretanto, vão conversando e bebendo. O ambiente é bastante mau, a iluminação deficiente e o arejamento só se faz por uma porta, sendo péssimos os ângulos de visão. Há alguns homens que jogam às cartas - à bisca e ao burro - e vão vendo a televisão e bebendo dois decilitros.

O outro ponto de reunião é o adro da Igreja, aos Domingos e dias santos, antes e depois da Missa. Os homens encostam-se às paredes e conversam do ocorrido na semana e dos seus negócios. As mulheres, com as crianças agarradas às saias, antes de irem para casa tratar do almoço, contam das suas vidas e das alheias. As adolescentes reúnem-se à tarde, para jogar, cantar e fazer rodas.

Durante a semana as mulheres encontram-se no rio, no tanque a lavar a roupa, ou nas fontes.

Para os homens o local de encontro é a taberna, e esporadicamente as feiras e os enterros.

Antigamente, aos Domingos à tarde, viam-se imensos homens e rapazes a jogar a malha nas ruas e no largo do Guardão de Cima. Até havia campeonatos. Depois houve alguém que se queixou à G.N.R. que lhe partiam os vidros e que tinham magoado um rapazito, e o jogo foi proibido sob pena de multa!

Agora a taberna é mesmo o único divertimento da terra. Até haver T.V. no Guardão, havia pessoas que iam à zona Sanatorial para verem os programas. Hoje já não vão. Ficam na terra.

Só há dois grupos que vão cantar as Janeiras e os Reis e um grupo que canta as almas santas, na Quaresma.

Há dois homens do Guardão de Baixo que organizam todos os anos uma excursão em camioneta. Mas não existem grupos estruturados que organizem divertimentos ou que procurem satisfazer as necessidades da terra.

. Festas e tradições

Hoje em dia, estão a decair, cada vez mais, as festas e as tradições.

Antigamente surgiam, como resultado natural dum ajuda, dum alegria de viver, dum boa disposição.

Havia colaboração, as pessoas juntavam-se em grupos "que davam ajuda por ajuda", que iam para os campos, e que, depois, ou enquanto trabalhavam, se divertiam, cantavam e jogavam.

Assim, na altura da apanha do linho, que se cultivava bastante no Guardão, eram grupos de rapazes e raparigas que o iam apanhar, à mão, e dele faziam molhes pequenos, que levavam para as eiras. Aí ripavam-no e tiravam-lhe a "baganha", isto é, a semente. Atavam os molhes com os "nagalhos" ou "vincelos" (vimes), levavam-no para o rio e ali faziam uma poça onde, com pedras, o espalmavam.

No rio lavavam-se sempre uns aos outros e, por vezes, os rapazes chegavam a ficar sem as calças, com grande "caçoada" dos outros.

Aos serões, e porque não havia outros divertimentos para cortar a monotonia e o comprimento das longas noites de Inverno, era costume os vizinhos reunirem-se em casa uns dos outros, fiando ou, cozendo e conversando. Começavam por "dar graças a Deus", com os que tinham acabado de comer. As graças, são, ainda hoje, dadas pela pessoa mais idosa da casa, ou então pelo Pai. Agradecem o dia que passou, a comida, rezam pelas famílias que ali estão presentes, pelas almas e pelos pobres.

Depois começavam a trabalhar: as mulheres a fiar e a coser, e os homens, depois de enrolado o seu cigarro, consertavam as ferramentas, ou esgalhavam uns troncos, para estacas.

Estes serões passavam-se na cozinha, ao redor da lareira, onde ardiam as achas.

Hoje, com outros centros de interesse - a T.S.F., a T.V., os cafés da Estância, os doentes, já se encontram menos, já não organizam festas, nem se juntam para conversar, e trabalhar.

Festas
de
Igreja

Antigamente, sempre que havia festa na Igreja, fazia-se arraial, com música, foguetes, venda de doces e de vinho. Depois, o Sr. Bispo de Vizeu proibiu que se fizesse no mesmo dia, a festa religiosa e a profana...proibiu a música e os foguetes! Isto originou todo um quebrar de tradições e uma série de complicações que levaram à interdição da Igreja e à excomunhão de alguns homens que quiseram assumir as funções do pároco. Felizmente hoje a situação já está normalizada.

Hoje ainda se realizam as seguintes festas:

A 20 de Janeiro - Festa de S. Sebastião

Santo muito da devoção dos serranos, patrono duma pequena capelinha, que há, à saída do Guardão, junto à estrada nacional n.º.230.

No dia 1 de Janeiro, os mordomos do santo, vão pedir esmola, dinheiro ou carne, que juntam até ao dia 20. A Missa é cantada e com sermão e é celebrada na Igreja Paroquial. Daqui sai uma Procissão, que leva S. Sebastião até à capelinha que tem o seu nome, dá uma volta e regressa à Igreja Paroquial.

No fim da festa religiosa, na escada exterior, que dá acesso à torre sineira, é leiloada a carne, e o dinheiro é para a Igreja.

A 2 de Fevereiro - Dia de N.ª. Sr.ª. das Candeias

Há a benção da cera e procissão com as velas que foram bentas e que, depois, são vendidas.

Na Semana Santa

Há as cerimónias habituais:

5.ª. Feira Santa - Missa, com sermão e via Sacra.

6.ª. Feira Santa - só Via Sacra.

Sábado Santo - as cerimónias da benção do lume e da água. Começam às 19 h, seguindo-se a Missa, tão cedo, porque vem gente de muito longe, com 2 e 3 horas de caminho a pé, pelo mato.

Domingo da Ressurreição, como lhe chamam. Há Missa solene, com procissão até à entrada da terra.

À tarde, começa a visita Pascal.

O Sr. Abade, com dois rapazes, um com a cruz e o outro com a caldeira da água benta e uma campainha, que toca ao chegar aos lugares, vai a todas as ca-

sas, de todos os lugares da freguesia. Ao entrar, asperge a família com água benta e a todos deseja Boas-Festas, a Alegria do Senhor Ressuscitado! Todos se ajoelham e o Sr. Abade dá a beijar o crucifixo... Esta cerimónia passa-se, geralmente, na sala de entrada, a melhor divisão da casa, com a sua mesa coberta com uma toalha branca, de linho, habitualmente com rendas e bordados. Sobre a mesa está o folar, isto é, aquilo que cada família tem para dar ao sacerdote. - ovos, açúcar, bolos, e um prato com uma laranja, ou uma maçã, com uma moeda em cima. Isto fica em casa e significa a oferta dos primeiros frutos, a Deus e um pedido de bençãos para as colheitas daquele ano! O Sr. Abade conversa um pouco com a família, aceita o folar, que mete nos sacos que os ajudantes levam, recebe a congrua e segue a outra casa. Por esta altura, espalham verduras e flores nas ruas, para a passagem do Senhor, e as casas estão todas esfregadas e floridas.

Na 5ª. Feira da Ascensão

LISBOA Há a antiquíssima festa das cruces, cuja origem se perde na bruma das lendas que perduram e narram as lutas entre os cristãos e mouros. É uma das mais bonitas e importantes festas do Guardão, à qual acorre imensa gente de fora, como já citei no II capítulo.

A 15 de Agosto

É a festa da Padroeira da Igreja, "Nossa Senhora dos Milagres", solenizada com Missa, Sermão e procissão que dá volta ao cruzeiro.

A 24 de Agosto

É a festa de S. Bartolomeu, que os caramulanos, muito afectuosamente, chamam "S. Bartolonesso". Sai da Igreja Paroquial, uma procissão que vai até à capela de S. Bartolomeu, junto ao antigo castro, onde há Missa Solene e Sermão.

Daqui sai uma precissão que vai até ao Cruzeiro que domina o vale de Castelões, e onde o Sr. Abade abençoa todos os lugares ao redor, pedindo a protecção de Deus para as colheitas.

A 7 de Outubro

É a festa de Nossa Senhora do Rosário.

Natal

A festa do Natal também é soleníssima.

. Tradições

As Janeiras e os Reis

São cantadas por grupos de dez e mais, rapazes e raparigas, e há alguns, só com crianças, acompanhados por tambores, pandeiretas, ferrinhos, tudo enfeitado com fitas de cores vivas.

As Janeiras, começam-se a cantar logo a seguir ao Natal e vão até aos Reis.

Percorrem todos os lugares da freguesia e alguns de fora, geralmente aos Domingos ou fins da tarde.

Se são bem recebidos e lhes dão alguma coisa, cantam um verso a cada pessoa, elogiando-a. Se os recebem mal e não lhes dão nada, fazem-lhes versos de troça com frases ofensivas.

Antigamente havia concursos entre os grupos dos vários lugares, para verem quem cantava melhor e quem juntava mais coisas - figos, fruta, presunto, chouriço, bolos, etc. -

Alguns versos das Janeiras

I

Ó da casa gente nobre
Fazem favor de escutar
Uma súcia de rapazes
Que as boas festas vos vem dar

Côro

Boas-Festas, Boas-Festas
Aqui hoje neste dia
Que as manda o Rei do Céu
Filho da Virgem Maria.

II

Viva o chefe da casa
Com o seu relógio ao peito
É dito por todo o lado
Que é um homem de respeito.

III

Quem diremos nós que viva
Raminho de malmequer
Viva também uma rosa
Que Deus lhe deu por mulher

IV

Viva a menina mais velha
Um raminho de coreja
É a cara mais bonita
Que entra na nossa Igreja.



V

Viva tudo em geral
Com um raminho palmeira
Ainda andam neste mundo
Já no céu têm a cadeira

CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

VI

Levante-se lá, senhor
Do seu banco de cortiça
Dei-te os olhos ao fumeiro
E traga cá uma chouriça.

A marcha de despedida, que dá a retirada e que se canta já a andar para outra casa, é comum aos Reais e às Janeiras, e canta o pico do Caramulo e as suas belezas:

O Caramulinho
É lindo como os amores
Parece um velhinho gaiteiro,
Todo piroleiro, cheio de flores

O Caramulinho
Pois isto não reza a história
Não é verde nem amarelo
É sempre belo da cor da vitória.

Os Reis, contam a história dos Reis Magos e a Adoração.

I

Ó da casa gente nobre
Escutai e ouvireis
Uma súcia de rapazes
Que vos vêm cantar os Reis.

II

Quando brilhou uma estréla
Com o raio cheio de luz
Anunciou em Belém
O nascimento de Jesus.

III



Sairam os três Reis Magos
Por esse caminho sagrado
P'ra adorar o Deus-Menino
No seu Presépio deitado.

CATÓLICA Côro

Boas-Festas, boas-festas
Aqui hoje neste dia,
Que os manda o Rei dos Reis
Filho da Virgem Maria

LISBOA

IV

Sairam de madrugada
P'ra lá chegar com dia
Mas quando eles lá chegaram
Já meia-noite seria.

V

Chegeram os três Reis Magos
Ao Presépio de Belém
P'ra adorar o Rei dos Reis
Nos braços da Virgem Mãe.

VI

A barraca era pequena
Não couberam todos três
P'ra adorar o Rei dos Reis
Cada um por sua vez.

Cantar
as
Almas Santas

É uma velha tradição da serra. São só homens e rapazes que, durante a Quaresma, até ao Domingo da Paixão, percorrem todas as casas, de todos os lugares a cantar ou a rezar pelas almas. São grupos de 8 ou 10 homens, que levam, com eles, um pequeno oratório, com um Cristo e duas velas.

Vão ao pôr do Sol e andam toda a noite. Batem às portas das casas, os seus moradores levantam-se da cama e eles perguntam-lhes: "querem que cantemos ou que rezemos"? Quando dizem para rezar ficam todos contentes porque é mais rápido, e então, de joelhos, rezam uma ou duas estações e uma Salvé-Rainha. Recebem a esmola e vão bater a outra porta.

Quando dizem para cantar, eles dividem-se em dois grupos: o primeiro começa e os outros respondem.

" Cântico às Almas do Purgatório"

Começa com uma introdução em que Deus convida as almas santas, a irem para o Céu:



CATOLICA

CRC-W · CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

"À porta das almas santas
Bate Deus a toda a hora,
E as almas lhe perguntaram
Ó Meu Deus que quereis agora?

"Quero que deixeis o mundo,
E venham para a Glória,
Ó meu Deus quem nos lá dera,
Ó meu Deus quem nos lá tira,
Na companhia dos Anjos
A mais da Virgem Maria".

LISBOA
Ajoelham todos em terra, os cantores e os da casa.

... "Ajoelhemos nós em terra
Já não somos os primeiros
Nesta companhia vai
Jesus Cristo verdadeiro (repete-se)
Da Santíssima Trindade
Que por nós veio ao mundo"...

Depois pedem uma esmola e prometem que Deus lhes pagará:

... "Virgem Mãe da Piedade (repete-se)
 A devoção nos obriga
 Cantemos as almas santas,
 Cantemos com alegria.
 Esses bens que possuíis
 Repartí-os vós em vida
 Lá os achareis na Glória
 Quando fordes à partida.
 Como Lázaro vos peço
 Não vos peço a riqueza.
 Reparti as migalhinhas
 Que crescem da vossa mesa.
 Havemos de subir ao Céu
 Por uma continha branca,
 Dai a esmola se puderdes
 Em louvor das almas santas.
 Ó almas santas benditas
 Pedi ao Nosso Senhor
 Que estas orações cantadas
 sejam em vosso Louvor (repete-se)

Depois ajoelham-se novamente e rezam um Pai Nosso e uma Ave-Maria e pedem a esmola para apagar os pecados das almas:



... " A mais da Virgem Maria
 Pelas almas Padre-Nosso
 Por elas Ave-Maria.

CATOLICA

Aqui estamos de joelhos,
 Com o crucifixo na mão
 E nos venham dar a esmola;
 Ou do Céu venha o perdão.

CRC-W. CATHOLICA RESEARCH CENTRE FOR
 PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

Já no Céu não há perdão
 Aos pecados que fazemos
 Dai a esmola se puderdes
 Para ver se nos salvamos.

Atormentadas de dores,
 De contínuo padecendo,
 Assim são as almas santas,
 No Purgatório ardendo.

Fujam homens e mulheres
 Desse fogo alditório.
 Dando esmola se puderdes
 Às almas do Purgatório.

Das almas do Purgatório
 É bom que nos lembremos,
 Dai a esmola se puderdes
 Para ver se nos salvamos"...

Explicam agora que o dinheiro das esmolas, não é para eles, mas para mandar celebrar Missas:

... "Essa esmola que nos dáis,
Não pensais que a comemos
É para dizer de Missas
Da devoção que trazemos (repete-se)

Lembram agora os parentes que já morreram:

... "Já lá tendes vossas mães,
Vossos filhos e vossos pais.
Eis aqui o bem-fazer,
Aos vossos irmãos falecidos.

Agora querem acabar e acham que já cantaram e rezaram de maneira que mereçam a esmola...

... "Já a temos bem merecida,
Dái a esmola se puderdes
Já a temos bem merecida (repete-se)



Dái-a vós com devoção
Neste mundo tereis o prémio
No outro a salvação.

CATOLICA

CRC-W · CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

Santíssimo Sacramento
Dái volta ao mundo todo.
Tornai-vos a recolher,
Ao vosso sacrário santo.

LISBOA

Por estes que dão a esmola,
Raminho de palma branca
Ainda andam neste mundo,
Já sua alma é santa.

E com esta quadra final, guardam o oratório e seguem caminho, a bater a outra porta.

Às vezes as pessoas oferecem-lhe um pouco de broa e um pinguito de vinho, para aquecerem.

Fazem este percurso, por penitência "pelas almas dos que lá temos"...

O S. João
ou
A "Festa das Fontes"

É o santo mais festejado na terra. No dia 23, "asseiam" as fontes, limpam-nas e enfeitam-nas com flores, abóboras, bandeiras do milho,

bolbos de cebolas, vasos com flores. Todas estas coisas são roubadas, assim como os carros de bois, que atravessam

nas estreitas ruas, encravando-os uns nos outros, impedindo os caminhos.

Junto às fontes e na entrada da terra, fazem uns arcos altos, enfeitados com papel de seda.

Na tarde do dia 24, no largo principal, põem um pinheiro grande, ao qual tiram os ramos verdes substituindo-os por silvas e ramos secos. No cimo do pinheiro, colocam uma panela de barro, dentro da qual metem um gato. Tapam a boca da panela com um trapo. Chamam a isto "um cambeiro".

Ateiam o lume ao pinheiro, e o gato sufocado, vai miando, como a pedir clemência... Antes, porém do lume chegar à panela, fazem pontaria e com uma pedrada certa, partem-na. O gato cai e foge com o pelo a arder... e a miar espantado com a servajeria dos homens... que se divertem com o espectáculo!

À noite, fazem fogueiras de rosmaninho, pela calçada abaixo e vão-nas saltando.

Ida à trepa

Não há nenhuma tradição especial. Quando ficam livres, costumam deitar foguetes. Os apurados regressam à terra com uma flor encarnada na lapela, e todos, livres e apurados, dos vários lugares da freguesia, juntam-se e vão a uma "borga" que acaba sempre em bebedeira.

Por morte

Quando morre uma pessoa, na casa onde faleceu, não se cozinha. Os vizinhos é que fazem a comida para a família do defunto.

As pessoas ricas, mandam celebrar officio de defuntos, na Igreja, com cinco padres, e costuma oferecer-se, a quem vai, vinho, broa e figos secos. Servem isto, na Casa da Junta de Freguesia. O que sobeja de comida, nunca é levado para casa. É sempre distribuído pelos pobres, mais pobres.

Durante um ano, é celebrada todos os meses Missa pela intenção do defunto, além da Missa do 7º. Dia.

O luto, até há pouco tempo, era carregado durante dois anos. Agora fazem luto, durante ano e meio.

Quando morre um homem, tocam o sino duas vezes; se é mulher, tocam três.

Se o defunto é Irmão da Irmandade, tocam, mais umas badaladas do sino, no fim das cerimónias.

Os sinos dobram a finados, quando o enterro entra ou sai da Igreja.

. Vida intelectual

. nível de instrução

O nível de instrução é extraordinariamente baixo. Das gerações mais antigas poucos são os que sabem ler e escrever. Quanto muito, para assinarem um documento, escrevem as iniciais dos seus nomes ou rabiscam um sinal. Há uns que lêem e não escrevem, outros só sabem escrever o nome, outros, para se empregarem na estância sanatorial tiveram que fazer o exame da 4ª classe, mas pouco mais ficaram a saber. Para baixo dos 16 anos ninguém é considerado analfabeto, pois nos termos da Lei, basta ter frequentado a 1ª classe, ainda que não saiba ler nem escrever, para deixar de ser analfabeto!

Há muitas pessoas nestas condições; frequentaram a 1ª e a 2ª classes, sem aproveitamento, atingiram os 14 anos e saíram!

Até a 4ª classe ser obrigatória havia muitos pais que não mandavam os filhos à escola, ou faziam só o exame da 3ª e saíam. Porquê esta atitude?

Porque os filhos lhes faziam falta em casa, para tomar conta dos irmãos, para fazerem a comida, para irem levar o gado a pastar. Sobretudo as raparigas, achavam que só precisavam de saber cozinhar, cozer e amanhoar as terras, e o aprenderem a contar e a ler era um luxo, que os rapazes esses precisavam de ter, por causa dos negócios.

Hoje são obrigados, por lei, a mandar os filhos à escola, mas mesmo assim há muitos que faltam preferindo os pais pagar as multas.

Duma maneira geral as crianças são pouco desenvolvidas, nada espertas e sobretudo muito preguiçosas.

Há bastantes pequenos atrasados e débeis mentais, devido ao alcoolismo. São bastante rudes e mal educados, crianças que crescem sós, à ventade, habituadas a fazerem a "sua" vida e a governarem-se; a fazerem a comida se querem comer, a andarem sujas porque a água é longe, fria e não têm roupa para mudar; desde os 5 ou 6 anos que tomam conta dos irmãos mais novos, vão levar a merenda aos pais que andam nas terras, arrumam a casa, ou vão para os montes com o gado!

Os adultos não têm preocupações intelectuais. Vivem o dia a dia e exaustos do trabalho ficam embrutecidos e não têm tempo para pensar em mais nada...senão nas suas terras e na maneira de ganhar mais dinheiro! Também não há nenhum organismo, nem ninguém que os incite a uma elevação do seu nível intelectual.

Há uma biblioteca na escola primária, oferecida pelo Sr. Comendador Manuel Fernandes Gomes, natural de Cedrim do Vouga que ofereceu livros a todas as escolas do distrito de Vizeu. Os livros são bons, mas não interessam

aos pequenos. A biblioteca é aberta a todos os habitantes da freguesia, mas têm um movimento quase nulo! As pessoas não lêem. O único meio de cultura, por assim dizer, é a telefonia e a televisão, cujos programas não estão adaptados à mentalidade rural - operária - comercial, da população do Guardão!

Neste campo de despertar interesses e de elevar o nível intelectual havia muito a fazer!

. O ensino

Há duas escolas no Guardão de Baixo. Uma muito velha, sem condições, construída pela Junta de Freguesia; outra nova, do Plano dos Centenários, foi edificada em 1939. Tem dois blocos, um para rapazes outro para raparigas, e dois recreios cobertos, com instalações sanitárias. Mas estas estão fechadas por falta de água! Tem canalizações e inicialmente teve água, mas depois, uns senhores do Caramulo precisaram de água para uma obra e cortaram-na à escola!... e os pequenos quando precisam, em vez de irem às instalações sanitárias vão aos pinhais!

A escola velha, tem uma sala pequena de entrada e uma sala grande de aula. Por detrás tem umas dependências: no 1º andar a residência da professora e no rés-do-chão a cantina escolar, e a cozinha. Não tem instalações sanitárias, nem água!

Há duas professoras efectivas e uma regente escolar, natural e residente no Guardão de Cima. As professoras são de Tondela e do Campo, vêm dar as aulas e terminadas estas, voltam às suas terras.

A população escolar está assim distribuída:

A escola masculina tem 40 rapazes nas seguintes classes:

na 4ª classe	-	10
na 2ª classe	-	15
na 1ª classe	-	15

Na escola velha, onde está uma professora e a regente escolar, há:

na 4ª classe	-	10 raparigas
na 3ª classe	-	{ 8 raparigas
		{ 18 rapazes
na 2ª classe	-	7 raparigas
na 1ª classe	-	6 raparigas

A regente escolar ensina a 2ª. e 3ª. classes.

Pelo que percebi dos contactos que tive com as professoras elas limitam-se a ser funcionárias. Cumprem o horário das 9 às 15 h, ensinam a ler e a escrever ...

...quem aprende, aprende...mas há imensas crianças que atingem os 14 anos e saem sem nenhum exame! As raparigas normalmente fazem a 4ª classe.

Há ensino deficiente, e nenhuma educação nem formação!... Limitam-se a ensinar o que o programa exige e a todo o resto não se sentem obrigadas.

Assim explicavam-me que o catecismo, a moral e o canto coral, deviam ser ensinados pelo Sr. Abade! Que não vinha no programa o ensino destas coisas.

Nos recreios os pequenos brincam sós. As raparigas fazem rodas, dançam, cantam, jogam ao lenço, ao gato e ao rato e à corda queimada. Os rapazes saltam o eixo, jogam à bola ou o berlinde e lançam o pião.

Por vezes, à saída da escola, há guerras entre os pequenos dos vários lugares e chovem as pedradas e os sócos!... As crianças são selvagens nestas lutas. Ainda este ano, espancaram de tal maneira um rapaz, que ficou com uma perna toda pisada, foi preciso operá-lo e agora está com a perna em gesso, sem se poder mexer!

As professoras não vigiam os recreios nem orientam as brincadeiras. Achrom os pequenos difíceis e burros e loyam-nos pelo lado negativo, pela força das reguardas e dos castigos! Não há amor...e os pequenos quando saem da escola não voltam...nem falam às professoras!... Estas não se impõem na terra. As duas professoras, são de fora e vão sempre a correr para apanhar a camioneta. A regente não tem interesse, nem capacidade para se afirmar. Não há nenhuma colaboração da escola com os Pais. Estes, por sua vez, entregam os filhos na escola e só se preocupam se os pequenos não passam no fim do ano!

As professoras, quanto muito, mandam recados pelos filhos para os Pais virem falar com elas!...

Cada um educa para o seu lado!... não há um trabalho de conjunto para, além do ensino, formarem as crianças!

Os pequenos sentem-se sós. Na escola são muitos, há coisas que não percebem. Chegam a casa e não têm quem os estimule e os ensine porque acham que isso é a professora que tem que fazer! Além disso, acham que os filhos estudam tudo na escola e em casa têm de ajudar as lides que há para fazer! Há pequenos que chegam atrasados à escola, pois, antes das aulas, tiveram que ir à fonte, cortar mato para as camas dos animais e deitar o comer ao gado! Outros há que chegam da escola e vão para a brincadeira pois não encontram ninguém em casa...Os pais trabalham na Zona Sanatorial e às vezes chegam tão tarde, que eles já estão a dormir!

Há outros que no Inverno chegam a cair de sono, e a adormecer nas carteiras porque os Pais lhes deram, por causa do frio (e há pequenos que levam uma hora para chegar à escola) sôpas de vinho, ou aguardente!!!

Pode dizer-se que os pequenos, após a escola, nunca mais estudam, nem lêem, a não ser, alguns, histórias aos quadradinhos!

Em 10 anos, houve 4 rapazes que foram para o Seminário de Vizeu. Destes, dois saíram com o 1º. Ano; um

veio com o 2º. Ano e empregou-se na Zona, e o quarto, graças a Deus continua e está a frequentar o 4º. Ano!

Há dois rapazes a estudar em Vizeu, na Escola Comercial, e duas raparigas a fazer o 2º. Ano Liceal, no Colégio de Tondela.

. Cantina Escolar

Os pequenos têm uma hora para almoçar. Há muitas crianças de longe, de quase uma hora de caminho! Estes trazem a merenda, e os de perto, muitas vezes também comem o seu farnel na escola, porque não têm ninguém em casa, ou porque querem ficar a brincar no recreio!

A alimentação é insuficiente em qualidade e em quantidade. Trazem broa, umas azeitonas, um pouco de chouriço ou presunto, e os que têm mais sorte, uma ou duas sardinhas...

Há uma cantina escolar, a 1ª. que houve na Região. Começou em 1945 do amor e da iniciativa dum doente, que na Estância se curou, e que para agradecer a cura, resolveu ajudar os pequenos desta freguesia.

Pensava em todos aqueles pequenos, sentados à sombra das árvores no Verão e no Inverno a tiritar de frio na pequena e gelada sala de entrada, com o seu parco farnel! Mas muitos havia que, afastados, se ficavam a olhar, porque nada tinham para comer!... E nada quente para os aquecer!

Remiu-se então, com o Sr. Abade, com a professora e o regedor, para combinar o que se podia e como se ia fazer. A Junta de Freguesia cedeu uma casa meio em ruínas, que se arranjou e na qual se colocaram umas mesas e uns bancos. Lançou-se um apelo a todos os pais para que colaborassem e mandassem o que pudessem... Arranjou-se um pai encarregado em cada lugar da freguesia... mas nada se conseguiu!... As pessoas estão demasiadamente ocupadas... e não colaboram... acham que, "se lhes dão, muito obrigado!".. mas não se mexem para arranjar o que quer que seja!

Entretanto o Sr. Abade, a quem a cantina foi entregue, dando-lhe assim a oportunidade de contactar com todas as crianças, de as ensinar, de as ir chamando para a Igreja, mas com a condição de a cantina servir todos, mesmo os que não frequentavam a Igreja!... não quis colaborar, alegando ter muito que fazer.

A professora pouco se interessava, limitando-se a formar em bicha, os pequenos, para os levar e os trazer da cantina.

Assim a cantina ficou nas mãos do Regedor, senhor de fora da terra, mas que vive no Caramulo e que administrava o dinheiro que o fundador dava. Além da sopa e do pão, todos os anos, pelo Natal havia uma distribuição de camisolas em lã grossa de ovelha.

Quando o Estado começou a fundar as cantinas, o fundador, oficiou para o Ministério do Interior, por onde

corria a assistência e expôs-lhe a situação da cantina do Guardão. Conseguiu um subsídio, que juntamente com o outro do Governo Civil de Vizeu, um da Comissão de Assistência de Tondela e a verba do fundador, dava para sustentar a cantina ao longo do ano.

Mas, até hoje, nenhuma professora se interessou pela Obra, e até, o que é incrível, deixaram perder alguns subsídios, porque não os pediram!!...

Por isso, este ano, a cantina só esteve aberta 3 meses.

Das famílias estudadas, a única que tem um pouco mais de nível intelectual, é a 2ª.. O chefe de família é esperto e gosta de aprender e em contacto com os médicos e doentes da Zona Sanatorial, tem aumentado os seus conhecimentos. Gosta de ler e de ver coisas novas. Os filhos todos têm a 4ª classe (menos os que ainda andam na escola, mas para lá caminham!), e gostam de ler e de aprender.

Na 1ª família, também todos sabem ler, mas não têm grandes aspirações intelectuais.

Na 3ª família, nem o Pai nem a Mãe nem a filha mais velha sabem ler. Os pequenos na escola, custa-lhes a aprender, pois são um pouco atrasados. As suas aspirações ficam-se no terem mais dinheiro, e conseguirem arranjar a casa. Para o marido, a única coisa que o interessa, é um copito de vinho, e o ir ver a T.V..

Duma maneira geral, a população do Guardão não tem aspirações culturais... vivem para o trabalho na ânsia de ganhar mais dinheiro!... e quando chegam a ter tempos livres, estão cansados e querem descansar! A vida dura, embrutece-os, rouba-lhes aspirações.

Parece-me que, neste caso, era bom, suscitar-lhes interesses, criar-lhes novos problemas. Tentarei falar nisto na conclusão.

LISBOA

. Higiene e doenças

. Higiene

O nível sanitário é muito baixo. Vivem num estado primitivo de higiene. Duma maneira geral andam pouco limpos, já porque a terra os suja e a água é longe, já porque se habituaram. Só ao Domingo se lavam com mais cuidado e aparecem todos "endomingados", nos "fatos de ver a Deus".

As crianças andam sempre sujíssimas, e é costume terem bichos nas cabeças.

As casas não têm condições de higiene.

Sem chaminé e com os currais sob as casas, por defesa contra o frio - o fumo e o bafo dos animais, ajudam a aquecer o ar -, sem água canalizada, sem esgotos e instalações sanitárias.

Duma maneira geral as casas estão sujas e desarrumadas, porque não há tempo para cuidar delas, por desleixo ou porque as crianças sujam e desarrumam.

Das famílias que estudei, só a primeira tem a casa limpa e em ordem, pois tanto a mãe como as filhas estão atentas a que tudo esteja como deve ser.

A 3ª família tem tudo completamente abandonado, estragado, sujo, numa confusão de gatos, galinhas e crianças.

Foi com a mãe deste grupo, que indo uma vez à fonte buscar água e lavar umas nabiças, fiquei alarmada, pois as nabiças foram lavadas, no tanque, onde há toda a espécie de porcarias, onde os miúdos lavam os pés e os animais vêm beber. Admirei-me e expliquei-lhe o meu espanto... Resposta da mulher: "ai menina não faz mal isto ainda vai tudo a cozer e mata os bichos todos".

Esta fonte só há pouco tempo tem água encanada. A água vinha pelos campos a céu aberto, trazendo consigo todo o lixo que encontrava, até pensos e adesivos dos dentes! E era desta água que bebiam. Foi preciso o subdelegado de saúde impôr-se para que fizessem uma canalização em condições higiénicas.

A 2ª família estudada também é pouco arrumada, ainda que andem mais ou menos limpos.

Apesar da falta de higiene, talvez porque têm bons ares e levam uma vida mais ou menos regrada, ainda que trabalhosa, vivem bastante. A mortalidade não é elevada.

Há uns anos atrás a mortalidade infantil era alta. Hoje tem tendência a diminuir, porque as mães têm mais cuidados e vão mais ao médico que as ensina e aconselha.

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

. Doenças

As doenças mais frequentes são as reumáticas, que aparecem quase que com carácter endémico. Reumatismos articulares, originados por condições climatéricas de humidade e por estreptococos, que se propagam por contágio devido à promiscuidade em que vivem.

As crianças tem bastantes enterites por falta de higiene alimentar. Algumas aparecem com fortes anemias por só beberem leite de cabra.

Há muitas com doenças de pele, chegando a ficar com o corpo cheio de feridas com pústulas, e as pregas do corpo, gretadas e feridas.

Há alguns casos, esporádicos, de tétano.

Devido ao alcoolismo, encontramos crianças pouco espertas, atrasadas mentais, mal constituídas e alguns casos raros de idiotia.

- . Mentalidade quanto ao médico, ao tratamento e à doença.

As pessoas do campo são renitentes ao tratamento. Tem as doenças, sofrem-nas, mas vão-se arrastando. A actividade do campo impede um tratamento oportuno... "é hoje, é amanhã", e quando vão ao médico, já estão na última.

Primeiro aplicam as "suas" mesinhas e receitas e só se estas não resultam é que vão ao médico.

Quando começam um tratamento vão-no fazendo até se sentirem melhor, mas logo que têm forças, deixam tudo.

No Guardão não há médico nem pessoal especializado. Mas a Estância está a 15 minutos e a toda a hora há médicos sempre prontos a atendê-los.

A Estância, no aspecto sanitário tem tido uma influência óptima, e tem conseguido, pouco a pouco, elevar o nível sanitário da região.

Sobretudo no campo da pediatria e puericultura tem tido uma acção extraordinária.

A Estância fornece as vacinas, e tem sido uma conquista, convencer a população a vacinar-se.

O médico pediatra dá lições às mães que o vão consultar, sobre a maneira de tratar os bebés, mamadas, biberons, banhos, etc..

Estes ensinamentos, e o haver muitas raparigas a trabalhar na Estância que vão aprendendo umas certas noções de higiene, tem ajudado a diminuir a mortalidade infantil.

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

- . Em relação com Deus

- . A religião e o homem

O trabalho silencioso nos campos, isola-os do barulho e da agitação, dá-lhe uma capacidade de vida interior, torna-o religioso e temente a Deus.

Sentem constantemente a acção de Deus, que faz crescer os rebentos ou que manda chuva para fertilizar as terras.

Ainda não há muitos anos, - (hoje está a cair em desuso) -, ouvia-se dizer, ao jeito de saudação: "Bom-dia, ou boas-tardes, nos dê Deus"; ou então, ao despedirem-se: "vá na companhia dos anjos e a mais da Nossa Senhora"!

Em todas as casas, mesmo naquelas em que os chefes são anticlericais, vimos um crucifixo, um ou mais quadros da piedade popular, intensamente coloridos, do Anjo

da Guarda, da Senhora de Fátima ou de St^o. António!

No Guardão, todos são católicos, de tradição, havendo poucos que o sejam convictamente na vida do dia a dia.

São católicos "a três tempos", baptizam-se, casam-se e têm enterro religioso! Nas grandes aflicções rezam, fazem promessas e gritam: "ai Jasus"!

Porque o clero, infelizmente, aqui há uns vinte anos, na região da Beira, não se fazia respeitar e não era santo, não vivia coerentemente, pregavam e ensinavam uma coisa e viviam como lhes apetecia, completamente ao contrário, o povo, sobretudo os homens, é bastante anticlerical. Criticam, contam histórias e não se aproximam do Padre!

Apesar disso, quase todos os homens vão à Missa dominical, que é um dos pontos de reunião da terra. Ali, antes e depois das cerimónias, no Adro, conversam e combinam negócios.

A ida à Missa, é uma assistência passiva, não uma participação consciente no Mistério! De há um ano para cá, está-se a melhorar a passividade, na medida, em que há um grupo de raparigas, que sabem dialogar a Missa e que cantam e arrastam consigo bastante gente, ouvindo-se já vozes fortes e baixas de alguns homens.

No Guardão, as mulheres ocupam o corpo da Igreja, e os homens, o coro e a capela-mor. Os rapazes vão com os pais e as meninas ficam junto das mães.

As mulheres, à tarde, aos Domingos vão à "devoção", terço e Benção, quando não têm que ir regar toda a tarde... porque, nas faldas do campo, até as melhores famílias, trabalham ao Domingo, quando há muito que fazer!

As lojas, dependências das tabernas, aos Domingos estão fechadas, não por respeito à Lei do Senhor, mas por medo da fiscalização... mas mesmo assim ainda fazem a sua venda.

Todos são baptizados em crianças. Todos casam pela Igreja, mas a maioria das vezes, as raparigas já não são virgens... "vão de pipe", como dizem na terra, vendo que elas, no dia do casamento, não levam nem ramo, nem coroa de laranjeira. Isto é uma das grandes e perniciosas influências da Zona Sanatorial.

As crianças aprendem a doutrina com as mães e na catequese. Mas logo que façam a 1^a. comunhão nunca mais aparecem... Já sabem tudo!... e nada sabem, a não ser fórmulas decoradas, que a maior parte das vezes, nem sequer percebem. A catequese não é explicada, é decorada, não é vida!

Nos lugares da freguesia, afastados uma ou duas horas, a pé, há umas pessoas encarregadas de ensinar a doutrina às crianças e de as preparar para a 1^a. comunhão. Os habitantes destes lugares estão dispensados de vir à Missa.

Geralmente só vêm à Igreja quando há enterros ou Missas de defuntos por alma de alguém das suas famílias, ou nas grandes festas: Natal, Páscoa ou Ascensão de Nossa Senhora.

Ainda há algumas famílias, em que, à noite após a ceia, o Pai "dá graças a Deus", tendo como fundamento a petição, o louvor e a recomendação. Esta oração familiar é mais ou menos longa, conforme a inspiração e a devoção de quem preside.

No Inverno, em Outubro e Março é rezado o terço, em família, ao serão, à roda da lareira.

Os rapazes, a partir da pré-adolescência, deixam de vir à Igreja; vêm só à Missa, arrastados pelo exemplo dos mais velhos e dos homens.

As adolescentes, mais dóceis, têm uma ânsia enorme de qualquer coisa, de aprender, de se darem. O Sr. Abade, de vez em quando faz-lhes umas reuniões e eu, no Verão passado, tive com elas umas conversas, sobre a vida do dia a dia, e entusiasmaram-se imenso. Algumas, as mais velhas já dão catequese!

O movimento da Paróquia

"A graça de Deus supera tudo", mas ao olharmos para o Guardão, sente-se uma comunidade (se chegar a sê-lo?) que, tendo possibilidades duma vida intensa e forte, está quase a morrer!... E porquê?...

Porque o Pároco está sôzinho... e na paróquia há 18 anos!... Porque só agora é que as pessoas começam a vir e a querer alguma coisa! Até aqui, reagiam fortemente ao Sr. Abade, por todo um condicionalismo de factos!... Porque gostavam mais do outro... ainda que ele tivesse filhos... mas era bem disposto!... Porque este, era novo quando veio e quis-se impôr, o que conseguiu, mas à custa de uma grande antipatia.

Porque houve uma grande reacção da gente influente contra ele!

Porque ele é muito exigente, diz as verdades e às vezes é duro!

Por tudo isto, e porque a Paróquia é enorme, tem oito lugares, (alguns perdidos no meio da Serra afastados duas e quatro horas a pé, porque não há estradas) e toda a Estância Sanatorial, com mil e tal doentes!!!..., é muito difícil conseguir uma vida Paroquial muito intensa!

Agora as pessoas começam a compreender o Sr. Abade e a aceitá-lo, portanto a virem para colaborar.

Há todos os dias, Missa, às 7 h, com uma assistência reduzidíssima, às vezes, só de 3 ou 4 velhinhas. Aos Domingos, o Santo Sacrifício é às 10 h, havendo só uma celebração, porque o Sr. Abade, vai, à Zona Sanatorial rezar a Missa das 11 h.

Todos os Domingos, às 16 h, há a "Devoção", terço e Benção do S.S. Sacramento.

Duma maneira geral todos cumprem o preceito Pascal, mesmo os que, às vezes, não vão à Missa. Em todos os lares, pela Páscoa, recebem a visita Pascal.

Aproximadamente, há umas 300 pessoas que vão à Missa ao Domingo, comungando umas 20. Há muita gente, sobretudo mulheres e crianças que fazem as 1^{as}. Sexta-Feiras e os 1^{as}. Sábados.

A vida sacramental é bastante baixa, o que prova, uma religião, feita de tradições, e de palavras, mas não de vida!

MOVIMENTO DE CASAMENTOS E BAPTIZADOS

Datas	Baptizados		Casamentos	
	No Guardão	Total na freguesia	No Guardão	Total na freguesia
1950	12	70	1	15
1951	13	90	3	15
1952	12	76	-	11
1953	9	85	5	18
1954	11	70	3	12
1955	8	70	-	11
1956	15	71	3	15
1957	11	73	7	17
1958	8	72	1	16
1959	6	73	7	20
1960 LISBOA	9	59	3	24

Estes dados, foram-me fornecidos pelo Sr. Abade, e tirados, do Livro de Arquivo Paroquial.

• Obras Paroquiais

Das primeiras associações da Paróquia, nada resta.

Infelizmente, pode-se dizer, que os organismos Paroquiais, pontos de apoio duma Paróquia, não têm vida, nem influência na comunidade Paroquial. Há uma falta enorme de pilares, de gente que apoie o Sr. Prior e que entusiasmo e dê vida aos organismos.

. Irmandade do S.S.
Sacramento

Tem uma certa semelhança com a primitiva Irmandade do N.º. Sr.ª. do Guardão, fundada em 1672, e que na altura, tinha 150 associados. (1)

Os membros da Irmandade do S.S. Sacramento pagam uma cota anual de 2\$50 e têm os seguintes direitos:

- Se morre um membro da Irmandade, os outros Irmãos vão-no buscar a casa, para o levarem ao cemitério.
- Mandam celebrar Missas por alma do Irmão falecido.
- O sino, ao dobrar a finados, se é por um Irmão, toca mais umas badaladas.
- A Irmandade, se morrer alguém que não lhe pertença, mas se a família do defunto, assim o quiser, vai buscá-lo a casa, acompanha-o no enterro e manda celebrar Missas pelo seu eterno descanso, mediante a esmola de 300\$00.

Em quase todas as famílias, há um membro que pertence à Irmandade do S.S. Sacramento!

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING · Adoração nocturna
nos lares

LISBOA Está bastante espalhada, e faz-se em bastantes lares.

São grupos de casais agrupados, com um chefe responsável de lembrar as horas e os dias da adoração, que, cada grupo, só faz uma vez por mês. Começam às 22 h, e durante uma hora, há um membro do grupo que reza pelas intenções da Paróquia e da Igreja Universal. Normalmente acaba às 5 h da manhã.

. Apostolado de oração

Tem numerosos associados.

(1) - Ver referência na página 29.

• Accção Católica

Já existiram, ainda que, "com uma vida anémica e irregular", no dizer do Sr. Abade, os organismos agrários da A.C.. Hoje, por falta de entusiasmo, de ajuda e de alguém com iniciativa, não há nenhum organismo de A.C., o que faz imensa falta, sobretudo em relação aos jovens e crianças, que não têm nada que os ajude.

• Catequese

Luta com imensas dificuldades, a primeira das quais, é a das catequistas não estarem à altura, de não saberem ensinar. Há 6 catequistas, para, mais ou menos 60 crianças.

Obrigam as crianças a decorar fórmulas, mas não lhes explicam, não lhes transmitem vida, o gosto das coisas de Deus!

Não as interessam, não as prendem aquele Senhor Jesus, que "é o Caminho, a Verdade e a Vida!

Resultado, logo a seguir à 1ª. Comunhão, os pequenos nunca mais aparecem... "Já sabem tudo, pois então, até já fizeram a 1ª. Comunhão!...", explicam os pais, quando se lhes pede para enviarem os seus filhos à doutrina!

Depois há uma grande irregularidade na frequência do catecismo. Os pais precisam dos pequenos, para os trabalhos agrícolas, e não os mandam à catequese.

Das seis catequistas, só uma tem uma preparação melhor e mais jeito, pois foi educada num colégio de religiosas e agora é criada em casa do Sr. Abade. Das outras, uma é casada, mãe de família, já não é nova, e as restantes são novíssimas, ainda adolescentes. Têm todas boa vontade, e entusiasmo, mas não têm muito para dar!

• Vida moral

A religião e a moral andam bastante disparees, confirmando um cristianismo superficial, de tradição, não vivido!

É vulgar, os homens e rapazes, embebedarem-se, porque acham divertido, ainda que saibam que é mal, comentando: "dias não são dias"!

São pouco escrupulosos nos negócios e nos trabalhos. Quando podem roubam água aos vizinhos para as suas regas, e tiram fruta das árvores alheias!... Enganam o mais que podem os desprevenidos, mas entre os da terra são solidários e ajudam-se. Nas rixas, subornam-se a tro-

co de qualquer coisa, e vão jurar falso ao Tribunal de Tondela, onde já têm essa fama!

Usam uma linguagem pornográfica, sobretudo quando já estão com o vinho, ou exaltados por uma discussão. Até mesmo com as crianças, têm prazer, acham engraçado, ensinar-lhes coisas feias.

No namoro há uma grande falta de seriedade e de moralidade. Cada vez mais, as raparigas têm que casar à pressa, para darem um pai, ao filho que esperam.

Ultimamente tem-se praticado abortos e evitam ter filhos. Os casais novos, não querem mais que um ou dois filhos, porque "a vida está muito má", e querem garantir-lhes um mínimo.

No Guardão, há seis mulheres que se podem considerar prostitutas, e que se entregam, não aos da terra, mas sim aos doentes, ou aos empregados na Estância Sanatorial!

Duma maneira geral os casamentos são estáveis e não se separam ainda que vivam num inferno. A isso os impede a censura social, mais que a Lei de Deus!

Bruxas Esta gente, com um respeito enorme pelo misterioso, "acreditam em Deus e no Demónio!" Frequentemente recorrem à bruxa, quando estão muito aflitos, ou andam "com mau olhado", ou com a "espinhela caída"... Ainda que tenham médicos sempre prontos a ajudá-los e a atendê-los, na Estância.

Há duas bruxas na freguesia, uma em Janardo, que é "rezadeira", e uma no Caselho, bastante afamada e procurada, que é "curadeira".

Mas os que procuram as bruxas, não o dizem publicamente. Vão às escondidas, porque são ridicularizados... mesmo por aqueles que acreditam e também as procuram.

.....
Na 1ª família tipo considerada, uma das melhores, tanto o Pai como a Mãe vão à Igreja e comungam frequentes vezes juntamente com os filhos.

A mãe é catequista, e tenta educar cristãmente os seus filhos. São bastante equilibrados e respeitados pela sua vida séria. O Pai não frequenta a taberna, a não ser para ver T.V..

Na 2ª família, vão todos à Missa e são praticantes. A mãe e os filhos, por vezes vão comungar. O Pai é um pouco anticlerical e conta histórias, nem sempre sérias e com uma linguagem um pouco baixa. Se calha mandam os filhos à catequese, mas se houver trabalho, não vão.

No 3º grupo, o Pai não vai à Igreja e não se interessa se os filhos vão ou não. A mulher nas grandes festas e quando pode vai, aliás é criada e trabalha aos Domingos.

Os filhos crescem ao Deus dar, não têm quem ensinasse e os mande à Igreja e por si não vão. Ficam na brincadeira.

O Pai quase todos os dias se embebeda e provoca desordens e pancadaria... "O que eu quero é que não me chateiem"... a isto se resumem as suas aspirações.

.....

Faz pena ver a nossa boa gente do meio rural a escapar-se à influência da Igreja, como há uns anos se escapou a massa operária! Se nos convencessemos da gravidade da situação e com atenção nos debruçássemos sobre o problema, talvez daqui a uns anos não chorássemos mais um novo campo de missionação - o meio rural -.

"O problema agrícola apresenta-se actualmente com aspectos da maior urgência e gravidade, precisamente porque antes tinha permanecido fora da vanguarda dos problemas sociais". (1)

O meio rural está completamente abandonado e aberto a todas as influências: a multiplicação dos meios de comunicação, a T.V. com programas nada adaptados à mentalidade e à vida simples dos trabalhadores rurais; a T.S.F. e as suas canções e folhetins romanescos, acenando e fazendo alarde duma vida fácil e amoral; o despertar, muito mais lento que no meio operário, para os problemas de injustiça social, que o marxismo vai aproveitando para lançar o seu mito do dinheiro, da técnica, da produção; o baixo nível de vida, a falta de comodidades, a não terem possibilidades de se divertirem; a falta de assistência e de protecção que os operários da indústria possuem; tudo isto leva o homem do campo a largar a terra, a vender tudo o que possui, e a ir para a cidade à procura dum emprego!... Miragem duma vida maravilhosa, fácil... mas que é dura... vida perdida na massa anónima, onde não há quem o acolha e encaminhe, nos 1.ºs. passos vacilantes à procura de casa... que não encontra, ao fim de 5 ou 6 meses de intensa procura... acabando por ir para uma barraca... e ao mesmo tempo a busca dum emprego, que lhe dê o pão do dia a dia!... e também não encontra, porque não é especializado... vai para a construção civil, como servente! ...mas quando chove, não trabalha, não come!... É grave este problema da migração das gentes rurais, atraídas pelas cidades!...

Como resolvê-lo? Talvez não me compita a mim solucioná-lo, nem caiba tentá-lo no âmbito desta monografia, pois, graças a Deus, ainda não é o caso da população do Guardão, donde sai pouca gente e quando deixam a terra, já têm local de trabalho assegurado.

(1) - Pio XII, - XXV Semana Social Italiana - 18-9-57.

V

C O N C L U S ã O

Ao tentar fazer a monografia do Guardão pretendi acompanhar de perto a vida dura e obscura dos trabalhadores rurais serranos, em dura luta com a pobreza das suas terras e ver quais as influências recebidas por tão pequeno aglomerado humano quando em contacto com um centro de vida complexo como é a Estância Sanatorial do Caramulo.

Ao longo dos vários capítulos tentei dar forma à minha pretensão, mas fiquei longe de a ter conseguido, não por falta de compreensão porque senti na alma todos os problemas, anseios e desesperos daquela gente, mas porque não soube passar ao papel, tudo aquilo que aprendi e entendi!

Sobretudo o que diz respeito à influência da Estância Sanatorial do Caramulo, a uns escassos 200 metros do Guardão, quanto não havia a dizer, se eu o conseguisse escrever!

No que respeita à luta do homem com a terra penso que consegui, em parte, dá-la a conhecer em toda a sua dureza e hercicidade. Terras duras de encosta, entremeadas de penhascos, com uma espessura pequenissima sobre o duro granito da base, obrigando à construção de socalcos de pedra solta, só à custa dum trabalho esgotante delas se consegue alguma colheita, trabalho feito de geração em geração, ao longo dos séculos, que ainda hoje continua a ser feito pelos que rondam os 35 anos e daí para cima porque as novas gerações já a ele se não sujeitam. Trabalho duro e só realizável nos meses da Primavera, Verão e Outono, porque no Inverno não se pode sair de casa, mantendo-se os serranos com o que conseguiram arranjar nas outras estações. E tudo isto sem um mínimo de garantias - (seguros, cooperativas, reformas, etc.) -; sem um mínimo de comodidades, visto as suas casas serem ainda de pedra sobre pedra, sem massa a ligá-las, e sem divertimentos ou distrações que amenizem as horas de lazer e os façam esquecer, por momentos, a dureza do trabalho findo!

E no entanto, que maravilhosa esta vida simples do homem que dia a dia, de enxada na mão, numa persistência tenaz, vai revolvendo a terra, a aduba, a semeia e dela recolhe o seu pão!

O debruçar-me sobre a sua vida, melhor, o viver a sua vida, fez-me ver a urgência de pelas entidades oficiais se dar atenção ao meio rural, meio ainda são, pelo menos nesta região, mas que em contacto com os actuais meios de divulgação e começando já a sofrer de influên-

cias marxistas, constitue um campo aberto às prédicas do primeiro aventureiro que tente conquistá-lo. É pensar no choque tremendo que as mentalidades destes serranos estão sofrendo ao ouvirem certos programas de radiodifusão ou ao contemplarem outros de radiotelevisão e ao estabelecerem o paralelo entre as suas vidas até há pouco tão simples e sãs com as que para além dos ecrans pressentem, vidas apresentadas como fáceis e maravilhosas, mas na realidade falsas, porque são utópicas.

----- x -----

Quanto à influência exercida pelo desenvolvimento da Estância Sanatorial sobre a vida obscura, pacata e pobre da gente do Guardão, considerá-la-ei nos seus dois aspectos: positivos e negativos.

I - ASPECTOS POSITIVOS

a) Grande desenvolvimento económico processado no lugar das Paredes do Guardão - (Caramulo) - de que beneficiaram os lugares próximos

À data da criação da Estância Sanatorial a região era agreste, dura, de grandes massas graníticas, dificilmente cultivável, em que o terreno quase não tinha valor. As povoações limítrofes (Paredes do Guardão e Guardão) constituíam dois aglomerados pouco menos que primitivos.

A criação e desenvolvimento da Estância deu origem à nova povoação do Caramulo, com a sua dezena e meia de Sanatórios e Casas de Saúde, vivendas e casas comerciais, com uma população de cerca de 2.500 pessoas, constituindo um centro industrial e comercial, importante, e considerada Zona de Turismo.

Além do pessoal para o comércio e indústria, em parte recrutado nas povoações limítrofes, muito outro, ali foi recrutar para a Construção Civil, abertura e conservação de estradas, etc..

Desta procura de mão de obra foram as povoações do Guardão e de Janardo as mais beneficiadas, terminando para a maioria dos seus habitantes as crises de Inverno, quando o tempo lhes não permitia trabalhar as terras. "Foi a árvore das patacas", como me dizia um velhote com quem falei!

É assim, como atrás já disse, que a maior parte da população (50 e tal por cento) do Guardão, trabalha na Zona Sanatorial. Mas mesmo a população que só

trabalhe as terras recebe benefícios, na medida em que faz a venda na Zona dos produtos sobran-tes.

b) Melhoria sanitária resultante da acção da Zona Sanatorial

Sob o ponto de vista sanitário pode considerar-se extraordinária a influência exercida, pela proximidade da Estância Sanatorial, nas populações vizinhas.

A Estância, servida por um corpo clínico de elite, amável e carinhoso para os serranos, tem um banco onde diariamente atende os que se lhe dirijam, facilitando-lhes toda a assistência médica, vacinação, consultas de pediatria e de puericultura, com ensinamentos (dados pelo médico pediatra) sobre a maneira de tratar os bebés e crianças. O índice de mortalidade infantil está a diminuir, com os ensinamentos e o auxílio dispensados.

A população vai assim sentindo a presença dos médicos e a necessidade de a eles recorrer para um tratamento oportuno e eficaz... mas, como o verso tem o seu reverso, são as bruxas que vêm a sua freguesia a diminuir...

c) Melhoria da rede de comunicações

Como disse no respectivo capítulo, a Estância é atravessada pela estrada Vizeu-Tondela-Campo de Besteiros-Caramulo-Agueda. Por esta via fica ligada a todo o País, tanto para o Norte como para o Sul e em ligação com as linhas de caminho de Ferro, Lisboa-Porto e da Beira-Alta. Um serviço de camionagem assegura as ligações com o Caminho de Ferro e dele beneficiam as várias povoações vizinhas.

O serrano que há vinte anos só saía da sua terra para prestar o serviço militar, ou para ir à feira mais próxima fazer as suas trocas, hoje percorre o País de camioneta ou de combóio, cotizando-se todos os meses para a excursão no Verão.

d) Evolução do pensamento e dos costumes

Este aspecto positivo, já influenciado pela facilidade de comunicações, sofre também influências do contacto com as pessoas que frequentam a Estância. Es-

te contacto leva os serranos à descoberta de que há mais alguma coisa para além das suas terras e das suas batatas. Nas conversas procuram saber e, aprendendo o que podem, vão evoluindo no pensar e nos costumes. Criam novas aspirações, antes confinadas ao bom ou mau resultado das colheitas. Aspirações de cultura, de higiene, de bem estar, de diversão.

A T.V. sobretudo, leva-os a acompanhar problemas não só nacionais, mas da vida internacional, estes mais difíceis de localizar e de perceber, mas de que ficam com uma ideia, nem sempre certa, diga-se a verdade!

e) Ainda quero focar outro aspecto positivo e este porque sendo católica acredito na comunicação dos Santos, no Corpo Místico. A Estância Sanatorial, com os seus mil e tal doentes é uma fonte da graça de Deus por todo o sofrimento e renúncia. É um aspecto ainda pouco aproveitado, nada consciencializado, mas que constitui um campo vastíssimo onde tanto se poderia fazer.

II - ASPECTOS NEGATIVOS

Os aspectos negativos em parte nascidos dos positivos, necessitam dum consequente desenvolvimento social e de um enquadramento moral e psicológico que não se faz.

O aspecto negativo que considero mais importante, ~~porque é o início dum ciclo vicioso~~, onde se encaixam todos os outros pontos negativos, é:

A desagregação familiar

Esta resulta em parte do desenvolvimento económico da Zona e de ~~desequilíbrio~~ dela resultante.

Os serranos, homens e mulheres, em busca de melhor salário abandonam os lares, empregando-se na Zona.

Creio ter posto em evidência este facto ao descrever o 3º. tipo familiar, tendo-o esboçado no 2º. tipo.

Porque a Zona lhes oferece trabalho e porque querem ganhar dinheiro, aproveitam a oportunidade entregando a casa aos filhos. Estes entregues a si próprios vão crescendo e vivendo como podem! Não têm quem os acarinhe, os auxilie, os incite ou os emende!

Os pais quando regressam do trabalho vêm cansados e ainda têm que ir amanhar a sua leira de terra ou

arranjar a ceia! As casas vão ficando desleixadas, sujas e perdem o cunho de lar acolhedor e quente que antes tinham; quebra-se a intimidade familiar e porque não encontram o aconchego de que necessitam os homens, a pretexto de irem encontrar-se com os amigos, deixam os serões familiares e vão para a taberna cavaquear e ver a T.V.

Alguns acabam por abandonar os campos, e ao entrarem em contacto com novas maneiras de ser e mentalidades diferentes (e isto é um aspecto negativo, do aspecto positivo d)) perdem alguns valores da ruralidade: o equilíbrio, o silêncio, a interioridade... Começam a ser vítimas dum ritmo novo... uma agitação de coisas a fazer e ficam aturdidos! Vêm outros a viver "diferentes da gente" e "querem ser" como eles! Querem imitá-los, por os acharem mais evoluídos e daí ao luxo é um passo. A ânsia de ganhar mais sobrepõe-se a tudo para que possam ter a possibilidade de comprar mais coisas... É normal a tendência humana para imitar o que supõe acima de si, mas é indispensável acompanhar, sobretudo os jovens, nesta sua brusca mudança de ser.

E assim se vão abandonando as terras que dão um rendimento incerto e muitas horas de labuta! Hoje um, amanhã outro e daqui a uns anos temos o campo abandonado!

Ao deixarem o campo e os antigos hábitos, vão, também, aos poucos, deixando as exigências dum cristianismo são, ainda que muitas vezes exterior. Daí ao descalabro moral é um passo. Abandonam as suas convicções, põem Deus de parte, e começa toda uma desmoralização dos costumes. Uma das consequências mais impressionantes é, a das raparigas que são enganadas e que se vêm com um filho nos braços. Em 8 anos (de 1955 a 1962) em 62 nascimentos, no Guardão, 11 foram ilegítimos, o que representa uma elevada percentagem de 17,8%.

Isto a par, o que ainda é mais grave, do aumento das práticas anticoncepcionais e abortivas, havendo especialistas no assunto que dão consultas à gente do Guardão e dos arredores!

As seis mulheres que no Guardão se prostituem, começaram por ser enganadas, e porque eram apontadas e comentadas, continuaram... "São umas desgraçadas, não têm cabeça"!, como dizem na terra!

Todos estes aspectos negativos que tanto têm contribuído para a desagregação do aglomerado e para a sua descristianização, penso que se poderiam eliminar desde que, acompanhando o enorme desenvolvimento que sob o aspecto económico adveio da instalação na região da Estância Sanatorial, fosse criada a necessária obra social que amparasse os seus habitantes preparando-os para as transformações que necessariamente se viriam a dar nas suas vidas. Esta acção social teria que ter a sua origem e a sua força impulsionadora num Centro Social criado na Zona Sanatorial, fulcro

de todas as influências boas e más. Mas esta acção não se poderia confinar à Zona, teria que se estender até às terras vizinhas, o meio natural donde saem os empregados da Zona. Esta acção não poderia ser, a meu ver, uma acção isolada duma pessoa, mas sim duma equipa de pessoas que, a pouco e pouco, tentaria modificar as estruturas e enquadrar a gente rural num meio de trabalho totalmente diferente do dos campos, ao mesmo tempo que se davam condições de vida, de trabalho e garantias, aos que continuassem a trabalhar os campos.

Uma acção isolada, numa relação de case-work, levaria a uma desorientação num labirinto de problemas, só possíveis de resolver quando considerados em conjunto.

Parece-me que este Centro Social a criar no Caramulo, teria que orientar-se tendo em vista:



CATOLICA

CRC-W - CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

- a) - Uma acção médico-social, a realizar com uma equipa de médicos, enfermeiros e trabalhadores sociais, junto dos doentes. Aqui pôr-se-iam os problemas de acolhimento aos novos doentes e a ajuda nos primeiros tempos e sempre que precisassem; o problema da ocupação dos seus tempos livres; o problema do regresso, já curados, a suas casas, e ligações com as famílias, etc..
- b) - Uma acção junto do pessoal que trabalha nos Sanatórios, com uma equipa constituída pelos gerentes, pelos encarregados do pessoal, por delegados do pessoal e por um ou mais trabalhadores sociais. Aqui pôr-se-iam certamente problemas de horas de trabalho, salários, abonos de família, amparo aos filhos pequenos, necessidade de uma creche e de salas de estudo, equilíbrio a estabelecer na transição da vida rural para a vida operária, etc..
- c) - A alínea anterior levar-nos-ia a uma acção nas terras limítrofes do Caramulo (Guardão, Janardo, sobretudo), tendo em vista uma melhoria das condições de vida da população, preparando-a para o trabalho e ambiente da Zona.
Seria um trabalho em equipa com o Pároco, as professoras, os chefes naturais das terras e os trabalhadores sociais.
Parece-me que esta seria relativamente fácil, levar a uma inter-ajuda os habitantes das terras, e aqui estaria todo o começo duma acção social, talvez dum desenvolvimento comunitário. Dar consciência àquele

aglomerado das suas possibilidades e riquezas e a partir daí, ver com eles, o que se poderia fazer e como se iria fazer! Estou convencida que, apesar do seu individualismo, se lhes soubessem equacionar os problemas, eles colaborariam e entusiasmar-se-iam.

Interessava criar centros de interesse na terra, que lhes ocupassem os tempos livres. Locais de convívio onde os rapazes e os homens pudessem discutir, estar, ler, jogar, afastando-os da taberna. Ver na T.V. só o que interessasse explicando-se-lhes o que ouviam e viam.

Ajudar as mulheres a arranjar as casas, preparar as raparigas para a vida, ajudá-las no namoro. Acompanhá-las quando vão para a Zona, tentar levá-las a encontrar o equilíbrio na passagem duma vida simples, sã e calma, para uma vida diferente, de agitação, de tentação, de luxo, uma vida que parece querer quebrar tudo o que até então ela acreditava!

Conseguir-se uma colaboração da Família, da Igreja e da Escola na educação e formação das crianças. Criarem-se actividades para as crianças. Porque não, um organismo de pré-jac que as fosse formando e ocupando os tempos livres?

Dar às mães noções de puericultura, de higiene, cuidados a ter antes e depois do parto... levá-las a pôr de parte credências de "mau olhado", de "criança estrangulada", porque pôs um cinto, etc..



CATOLICA

CRC-W : CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL FAMILY AND SOCIAL WELL BEING

LISBOA

Quanto a uma presença mais dinâmica de Igreja, parece-me que era possível, ainda que o Pároco tenha uma freguesia com oito lugares, incluindo a Zona Sanatorial. Porque a freguesia deve ser uma comunidade, uma família, era bom que a população mais evoluida e instruida colaborasse na pastoral e ajudasse o Pároco. Parece-me que o essencial, quase um problema de vida ou de morte na Igreja do Guardão, é o de arranjar pilares, pontos de apoio, que, num espirito de Igreja, em missão, levam as pessoas a uma consciencialização maior da sua religião na vida do dia a dia... E aqui ainda a questão é o de reunir todos, pôr-lhes os problemas e dizer-lhes: "E agora o que se vai fazer e como?" E estou convencida que, para além de todo o mal-estar e desentendimento que existe em relação ao Pároco, havia bastante gente de boa vanta-

de que colaboraria. O que era necessário era muita caridade e muita prudência... "e o resto viria por acréscimo"!



Parece-me que o Serviço Social numa terra como o Caramulo, seria a mola impulsionadora que iria desencadear toda uma acção das forças vivas - médicos, enfermeiros, sacerdotes, e voluntários - numa tentativa de elevar o nível da população, e acompanhá-la na sua evolução de população rural para população operária, conseguindo manter o equilíbrio familiar, origem dum equilíbrio social.



CATÓLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

Teresa Abrantes Pereira

LISBOA